



gabriella feola

repertório passado de mãe
para filha na construção
da sexualidade feminina

a m u l h e r a r - s e

repertório passado de mãe para filha na construção
da sexualidade feminina

Gabriella Feola
Orientado por Eun Yung Park

Escola de Comunicações e Artes
Universidade de São Paulo

São Paulo
2017

Trabalho de conclusão de curso
da Universidade de São Paulo

Orientação

Eun Yung Park

Editoração

Stella Bonici

Capa

Igor Pratis

Revisão

Ana Paula Souza

a minha mãe, que foi vítima da praga de
minha avó quando esta desejou que ela
parisse filhos iguais a si

s u m á r i o

projeto	9
prefácio	11
larissa da lurdes	21
santa beatriz	57
maria das dores	101
lola soledad	145

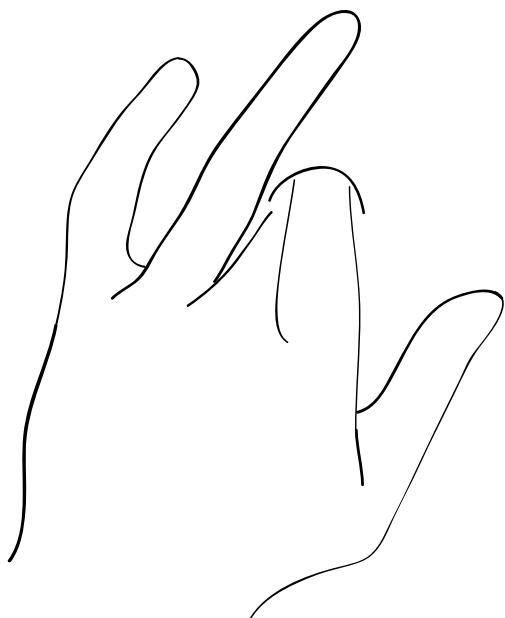
p r o j e t o

O livro é parte do projeto que inclui o site de mesmo nome, no qual se encontra mais informações sobre os temas tratados ao longo dos capítulos, tais como matérias escritas, vídeos, gráficos, etc.

Você pode acessar pelo endereço da página, www.amulherar-se.com ou pelo qr code abaixo.



prefácio



o i c à f e r q



O livro conta as histórias de mães e filhas de quatro famílias diferentes, mostrando como foi o desenvolvimento da sexualidade e a construção do “ser mulher” em cada uma das gerações, e também como as mães transmitiram seus valores às suas filhas. A descrição das trajetórias mostra a individualidade de cada mulher, as diferenças entre as épocas vividas, classes sociais, contextos locais, assim como também revela os valores que se perpetuam por décadas a fio.

Amulherar-se significa tomar jeitos de mulher, e ser mulher é coisa que se aprende. Aprendemos das nossas mães, irmãs, professoras, tias, colegas, mas não aprendemos igual. Ser mulher é um conceito dinâmico, e as regras do meu tempo são muito diferente daquelas aplicadas às minhas avós, por exemplo, e, por isso, viver em um tempo de reformulação do conceito não é novidade.

Se nos dedicássemos a contar, estaríamos lá pela sétima fase do feminismo. Sendo assim, a década de 2010, na qual se questiona tanto as delimitações impostas ao ser feminino e à construção da sexualidade da mulher, não é nenhum período sem precedente, mas apenas mais uma dessas épocas as quais vale a pena estudar, escrever sobre e mostrar a base sobre a qual esse modelo de “ser mulher” tem sido perpetuado durante tanto tempo, bem como notar como ocorrem as transformações no processo de emancipação feminina.

Não se pode mais dizer que a sexualidade é um tema proibido para a mulher, no entanto, tampouco está livre de tabus. É recorrente que as produções que se dirigem à mulher e que abordam o sexo, o corpo, o prazer e o comportamento, venham a seguir a linha diagnóstica - “para evitar a gravidez precoce, é preciso usar camisinha, anticoncepcional” ou “pre-

cisamos lutar pelo feminismo, porque, todos os dias, mulheres sofrem por causa da violência de gênero e pelas pressões psicológicas que o padrão estabelece”. Sendo assim, acredito que seja muito relevante, enquanto jornalista e também enquanto estudante de uma universidade pública, abordar a sexualidade feminina por uma perspectiva mais íntima e humanizada, de maneira que possamos enxergar as raízes de certos problemas, para que, no momento seguinte, possamos pensar em soluções aplicáveis. Por que a fulana engravidou sem querer, se ela sabia dos métodos anticoncepcionais? Como a ciclana, sendo tão independente, entrou em depressão depois de terminar o relacionamento abusivo? Como se fundamenta a nossa tendência a repetir determinados comportamentos?

Dentre todos os muitos fatores que nos influenciam - a mídia, a educação escolar, o contato com os nossos pares, - a criação familiar se destaca como fator de peso. Sendo assim, escolhi conhecer mulheres de uma mesma família, para que possamos observar mais de perto essa transmissão de conceitos de geração para geração, enquanto os outros fatores - mídia, escola e amigos - são abordados paralelamente.

Durante a graduação, realizei alguns projetos direcionados às mulheres nos quais escrevia sobre sexualidade. A cada projeto realizado, de uma em uma, meninas e mulheres me procuravam para falar o quanto fazia falta poder ler sobre o corpo e o desenvolvimento do prazer feminino, e ainda sugeriam outros temas e pediam, também, abordagens sobre disfunções e inseguranças por uma outra perspectiva. Esse contato com outras mulheres me mostrou a carência que, principalmente as jovens, têm de consumir conteúdos de qualidade focados na vida

sexual feminina enquanto fator a ser desfrutado. Essas conversas também me mostraram uma série de problemas que, por nunca terem me acometido, e porque nenhuma das mulheres a minha volta jamais falou, eu desconhecia a existência, como, por exemplo, o vaginismo, os métodos contraceptivos naturais, entre outros.

Se, ao calar um assunto, negamos sua existência, pareceu necessário produzir material que abordasse temas silenciosos e que acometem tantas mulheres. Pensando em como alterar a base para promover uma reconstrução dos conceitos de “ser mulher”, ocorreu a mim abordar a educação e o diálogo que se dá de mãe para filha desde a infância até a terceira idade.

Tratei de fundar a minha base teórica enquanto delimitava o projeto. Li pesquisas quantitativas, qualitativas, teses de pesquisadores do ramo da psicologia, da pedagogia, da medicina, e, tendo claro que não podia seguir por nenhuma dessas direções, escolhi contar histórias - e, na falta de uma descoberta inovadora sobre os efeitos do comportamento de uma na vida da outra, impactar os leitores pela empatia e identificação que se cria com cada uma dessas mulheres, que são reais e, sobretudo, que são mulheres normais. As coisas que acontecem na história de cada uma delas não são extraordinárias nem fora do usual; se parecem incríveis, é porque as mulheres, por toda a parte, estão sempre tratando de superar os impossíveis.

As quatro histórias contadas nesse livro são apresentadas sem nenhuma análise crítica. Eu me restrinjo a narrar os acontecimentos apenas colocando os juízos de valores que me foram relatados pelas próprias entrevistadas, o que ajuda a montar o panorama sobre como a moral atua dentro de cada uma dessas personagens. Para realizar o pro-

jeto, tentei escolher famílias que formassem um panorama representativo e que me permitissem mostrar diferentes questões que permeiam a sexualidade da mulher. Foi um desafio conseguir ser plural e representativa selecionando apenas quatro famílias. Tentei fugir do núcleo cosmopolita de São Paulo, buscando gente que cresceu no interior ou em outros estados, e também procurei famílias de periferia, mulheres negras, homossexuais, religiosas, mães adolescentes, mães solteiras, e acredito que, dentro das minhas limitações, alcancei uma pluralidade satisfatória.

Outra dificuldade foi ganhar a confiança dessas mulheres para que elas concordassem em me contar assuntos que, muitas vezes, não confienciaram nem às melhores amigas. Além disso, também era preciso deixar a pessoa confortável a ponto de contar suas intimidades sem pudor, mesmo sabendo que, uma vez que o livro estivesse pronto, suas próprias mães, ou filhas, poderiam ler esses relatos, já que estas também fazem parte do livro. As entrevistas foram realizadas individualmente, em longos cafés da manhã, emendados com almoço, café da tarde. Cheguei a ficar para festa de família, a compartilhar garrafa de vinho e até dormi na casa de quem morava mais longe. O contato com essas narrativas, tão verdadeiras e impactante nas suas simplicidades, foi alterando a minha própria história à medida que eu escrevia as delas. Quis deixar um pedaço de mim no livro ao colocar versinhos de músicas no começo dos capítulos. Não são obras de arte indispensáveis, mas são as canções que vieram na minha cabeça com cada uma das histórias e são minha trilha sonora imaginada para cada capítulo.

O desafio maior do livro foi a conciliação. Foi preciso conciliar as versões de mães e filhas sobre

uma mesma história; produzir um texto em tom leve e cotidiano, sem se esquivar de assuntos difíceis e pesados. Por fim, um dos objetivos do livro é a conciliação: mostrar as diferentes gerações de mulheres que, independentemente dos diversos pontos de vista, passam por coisas parecidas, buscam algo em comum e influenciam umas às outras com seus conselhos, medos, silêncios.

Lola casou aos 18 e, aos 20, decidiu que queria descobrir o mundo. Tinha o jeito da mãe, indomável, e a filha também demonstrava ter puxado a avó. Herdaram, as três, o karma de não saberem ser a mulher que queriam que elas fossem.

Nas suas histórias imaginárias, Beatriz se tocava para sentir aquelas coisas. Não sabia o que era aquilo, mas sentia que era pecado - e ela, fraca, fazia de novo. Por isso, suas preces não eram atendidas. Castigo. Por isso que, depois, sentiu tantas dores.

Larissa não queria que a mãe sofresse com os comentários homofóbicos da cidade, mas até parece que ela, Lurdes, que viveu para ser mãe, deixaria barato se alguém falasse ou fizesse algum mal à menina. E a nova namorada da filha era linda, sim.

Não era para sentar em colo de Papai Noel, não era para deixar abraçar nem beijar e, se o pai chegasse bêbado e tentasse bater na mãe, cada uma das pequenas deveriam entregar um pau à Maria José para ela matar o desgraçado. As filhas precisavam aprender a se virar.

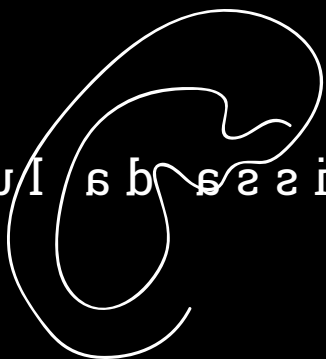
Todas as personagens e histórias são reais. Os nomes verdadeiros, bem como as cidades e bairros de onde vieram, foram ocultados para preservar a privacidade de cada uma e garantir que as histórias pudessem ser contadas com menos pudores. Esclareço também que o livro não contém nada explícito ou

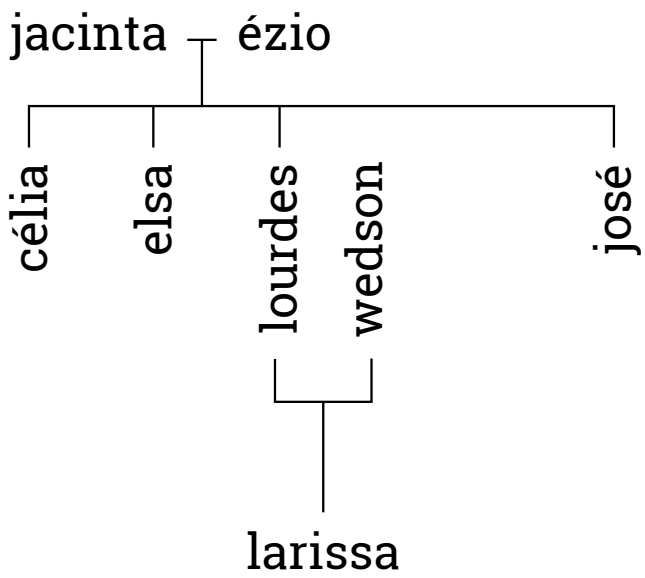
de cunho erótico e convido você, leitora, a conhecer as histórias dessas nove pessoas que, ao amulherarem-se, tornaram-se incrivelmente fortes, resistentes e únicas.



a larissa da turdes

საბრუნველ სასაქონლო





Se irán, nosotros nos quedamos
Se irán, nosotros empezamos
Igual, con toda la inocencia

- Luis Enrique

a saída

Larissa partiu. Foi passar um final de semana em São Paulo e ligou para pedir o CPF da mãe. Para quê? É que já iria se matricular em um cursinho da capital. Lurdes foi mãe solteira aos 35 anos. A filha, Larissa, era seu maior sonho. Dedicou todos os seus dias para a menina, que agora, recém-saída do colegial, já arrumava todas as coisas para morar na capital, fazer cursinho e tentar ser aprovada em uma boa universidade pública, no curso de psicologia. As duas moravam numa cidade minúscula a 500 km de São Paulo e lá não havia futuro para a garota, nem faculdade. Larissa precisava buscar outras coisas.

Lurdes ficou chateada com o fato de a filha ter ido passar um final de semana com os amigos e já voltar matriculada e com apartamento alugado. Não era certo isso, elas precisavam conversar antes, mas Larissa não fez caso, já estava tudo acertado, não dava para ela ficar na cidade e o tio já havia se disposto a pagar os custos de moradia e as mensalidades. A mãe teria que entender que a filha só fez acelerar a burocracia.

Mãe e filha eram humildes. Lurdes cresceu em uma fazenda e de brinquedo só teve o que encontrava no lixo. Suas melhores bonecas eram espigas de milho. Cresceu sob a proteção da irmã mais velha, Célia, que até lavava as louças da caçula pensando em poupá-la. Desde mocinhas, trabalhavam na bombonière do cinema ajudando o pai, que era lanterninha. Apaixonou-se, juntou-se, separou-se dez anos mais tarde e, depois disso, engravidou. Voltou a morar com a mãe e revendia brinquedos que vinham do Paraguai em uma lojinha montada bem na frente da casa das duas. Pôde dar a Larissa uma vida melhor que a sua, mas continuava pobre. O que mudou mesmo é que

Célia, a mais velha e protetora de Lurdes, casou com um marido de coração grande, e, desde que Larissa nasceu, o cunhado acabou fazendo dinheiro e se dispunha a ajudar Lurdes nas finanças. Pagou para a filha da cunhada a mesma escola que pagava para seus filhos e, agora, se prontificava a arcar com os gastos necessários para a menina concluir uma boa faculdade.

Lurdes era muito grata ao cunhado, sabia que a partida da filha seria inevitável, tão inevitável quanto o sentimento de desolação que tomava conta de si. Sua única filha, seu mundo inteiro, estava saindo de casa. Voltaria aos finais de semana, verdade, mas não seria mais sua menina: Larissa passaria a ser do mundo. Lurdes passou dos vinte aos trinta e cinco anos tentando ser mãe e, quando foi, não quis saber de nada mais. Viveu para a filha e não sabia mais para quê viver agora que a menina saía de casa.

a descoberta de larissa

Há anos, Larissa andava com as amigas de sempre, todas princesas da cidadezinha, filhas de família rica, bonitas e bem cuidadas, preocupadas com a reputação e cheias de pretendentes. Mas, quando mudou para São Paulo, teve de sair da zona de conforto e fazer novas amizades. A nova vida era toda diferente: nas festas, nas noites dos bares, não tinha tanta cerimônia, beijasse um, dois ou três, não haveria conhecido para comentar. Algumas meninas até beijavam outras. Uma delas era lésbica mesmo, assumida. Uma outra dizia que gostava de homem, que namorava um rapaz direito, lá da cidade natal, mas passava as noites paulistanas tendo casos com outras garotas.

Essa coisa de ver uma menina beijando a outra dava um não-sei-o-quê na cabeça de Larissa. Por um lado, vergonha; por outro, curiosidade. A amiga assumida achou que Larissa tinha potencial para o time LGBT e começou a dar investidas. Quando a colega abordou a interiorana e lhe pediu um beijo, Larissa não recuou. Beijou. Assim, só para experimentar. O frio na barriga foi mais forte que nunca, sentiu pequenas explosões dentro de si e, se nunca tinha se pensado lésbica antes de chegar a São Paulo, agora se pegava com dúvidas.

Quer dizer, sempre se viu diferente. Quando ficava com garotos, não sentia o mesmo que as amigas descreviam sentir. Aos 15, teve uma paixão, um namoradinho, uma graça de garoto. Perdeu a virgindade com ele aos 16, mas disso não gosta nem de lembrar. Não conseguia gostar de sexo. Pensando bem, talvez, se não fosse pelo embalo das colegas, Larissa não ficaria e nem transaria com os namoradinhos que teve. Não tinha vontade, mas era aquela coisa, sabe? Todas as colegas saíam, beijavam, algumas se apaixonavam, outras só desfrutavam de umas pegações, mas todas as amigas se divertiam com isso e Larissa queria vivenciar as mesmas sensações, aproveitar tanto quanto acontece que nunca ficava satisfeita. Mas, lésbica?

Será que ela estava negando a verdade a si mesma? Se impedindo de pensar sobre isso, esse tempo todo? Que todo aquele ciúme que ela tinha das colegas não era só de amizade? Foi pagando para ver e alguns beijos depois, se viu apaixonada pela moça do primeiro. De repente, queria fazer de tudo para ficar com ela. Larissa era assim, se apegava muito em nadinha de tempo. O caso não deu em nada. Ou melhor, a relação não foi para frente, mas serviu para acabar com qualquer dúvida. Era de moças que ela gostava, todo o resto havia sido paliativo.

A partir daí, Larissa tinha todo um universo para descobrir e explorar. Uns meses depois, bebeu com uma amiga e as duas resolveram transar. Larissa só queria saber como era, e foi mais ou menos. A outra teve de fazer todo o trabalho porque Larissa acabou ficando alta da bebida e assumiu o papel de completa passiva. Comparado com as vezes que tinha transado com rapazes, a amiga merecia nota 10, mas hoje, sabendo das transas que vieram depois, aquele dia seria nota 6.

a incrível descoberta do orgasmo

Larissa passou no vestibular no curso de psicologia, na Unesp de Bauru. Ficava a apenas duas horas da sua cidade natal. Foi morando lá que ela conheceu Brenda, mais velha, engenheira formada. Sabe, Larissa não era muito de ter vontade de sexo, não sentia essas coisas que as amigas viviam falando, de querer sair e beijar, de precisar dar uns amassos porque pelo amor de Deus a necessidade estava foda. Não. Nada disso. Não tinha vontade nem de se tocar. Mas, com a Brenda, ela quis: teve vontade de ir para a cama, experimentar, e com ela não foi só passiva como da outra vez. Larissa se esforçou para dar prazer e se deixou sentir tudo, até que, de repente, pá, sentiu um estrondo borbulhante, uma liquefação efervescente de si.

Que coisa incrível, que descoberta corporal maravilhosa. Isso que era um orgasmo?! Agora sim fazia sentido! Então era por isso que as pessoas gostavam de sexo... Larissa não sabia nada de orgasmo até aquele dia - quer dizer, sabia que existia, mas, ao vivo, jamais tinha sentido. Só no colegial foi ouvir

falar sobre se masturbar, e, mesmo depois de saber, não tinha vontade de pôr em prática.

Não foi só o orgasmo que impactou a Larissa. Foi Brenda por inteiro. De repente, já estavam apaixonadas, em relacionamento sério. Tão sério que Larissa a convidou para passar o final de semana com ela, na cidadezinha. A garota ainda não estava preparada para apresentar Brenda como namorada, se assumindo, assim, diante da família toda, mas, Larissa queria que a companheira conhecesse sua mãe que provasse da comida da tia, que vivesse parte do seu mundo. Diria que Brenda era sua amiga.

o sonho de ser mãe

Desde que Larissa se foi, Lurdes desmoronou aos poucos. A mãe sabia que tinha cometido um erro, que deveria ter se preparado para a partida, mas não o fez.

Lurdes conheceu Jorge quando ainda estava no colégio, no final dos anos setenta. Na fila para comprar ingressos para a décima terceira festa do refrigerante da cidade, os dois ficaram amigos, se encontraram na festa e, algumas conversas depois, firmaram um namoro. A mãe de Lurdes, dona Maria, apesar da criação rígida que teve na infância, tinha suas modernidades, nunca foi muito a favor do casamento, e dizia que era melhor que a filha se juntasse primeiro, para ver se dava certo – se desse, amém, o casamento já estava consagrado pelo dia a dia. Então, aos vinte, Lurdes e Jorge se juntaram.

Sempre quiseram ter filhos, a vida toda, mas não conseguiam, os médicos diziam que ele não tinha espermatozoides suficientes. O casal pensou em adotar, mas, sabe como é, os outros já diziam que era tão difícil

criar os que têm seu sangue, nos quais os defeitos são herança, imagina então um filho que fosse de outro. Aí desistiram. Se davam muito bem os dois, eram companheiros, mas, depois de mais de 10 anos juntos, cada um foi para o seu lado.

Lurdes foi para Campo Grande porque lhe ofereceram um serviço por lá. Arrumou um canto para ficar com uma amiga, que tinha uma pensão. Lá ela conheceu um boliviano, Wedson, que estava sempre de viagem, indo e voltando. Era vendedor de carros e galanteava Lurdes nas horas vagas. Em meio à nova aventura, ela recebeu um telefonema de Jorge, aos prantos. O ex-marido acabara de descobrir que seria pai, ele não sabia nem como, porque achou que jamais teria filhos, mas a namorada atual havia engravidado. Jorge chorava dizendo que era o seu sonho, mas que ele queria ter tido esse filho com ela, Lurdes. Eram pegadinhas do destino, fazer o quê? Ela tentava consolar Jorge sem nem imagina que poucas semanas depois, seria ela quem ligaria para o ex. Lurdes havia engravidado de Wedson.

Lurdes e Wedson, tentaram morar juntos por um tempo, mas tudo foi caindo por terra quando ela percebeu que ele não vendia carros coisa nenhuma. Era pouco trabalho, muita viagem, muito dinheiro. Desconfiou e depois confirmou que o quê ele tanto levava e trazia da Bolívia eram drogas. Lurdes deu o ultimato: que Wedson escolhesse entre ficar com ela e com a filha, ou com o ofício ilegal. Ele disse que não podia simplesmente desaparecer, tinha negócios a resolver. A companheira então lhe deu a opção de voltar para a Bolívia, acertar suas pendências e procurar por ela e pela filha quando tivesse se livrado desses negócios. Meses depois, quando o telefone tocou, chamada internacional. Do outro lado da linha,

não era Wedson, como ela desconfiou. Era outra pessoa da Bolívia, alguém que não falava português e que tentava explicar a Lurdes que só ligou para avisá-la que Wedson sofrera um acidente de carro, e que se encontrava hospitalizado, em estado de risco. A pessoa não retornou a ligação, como o combinado e, algum tempo depois, Lurdes concluiu que o pai de sua filha havia morrido.

síndrome do ninho vazio

Então Lurdes voltou para Penápolis, para a casa da mãe e foi tratar de criar a filha. Não teve namorados, nem quis. Só queria saber da Larissa, mas, agora que ela tinha partido, tudo era uma tristeza só: não ter a menina pela casa, não conversar com ela depois do colégio, nem na hora da janta, nem antes de dormir...

Lurdes foi ficando avoada. Na loja, comprava mais mercadoria do que podia pagar e tampouco dava conta de vendê-las. Mal olhava os clientes na cara, porque andava sem paciência para fazer cerimônia - no entanto, por mais que o trabalho tivesse se tornado um fardo, chegar em casa e entrar na sala de estar sem ver a menina era pior. Então não saía mais da loja e também evitava a rua, chorava se via uma criança andando com o uniforme grená que a filha usara por tantos anos. Acabou que perdeu a freguesia, se afundou em dívidas de notas promissórias, e teve de vender a casa da mãe para pagá-las. Lurdes e Dona Maria foram morar num sobradinho que estava vazio lá no sítio da Célia e do marido. Inclusive, foi o cunhado quem chamou a esposa de lado e disse que era melhor levar a Lurdes

para um psicólogo porque, do jeito que ela andava, era perigoso até ela fazer besteira.

o pai sumido

Lurdes aceitou fazer terapia e passou a tomar remédios. Foi por essa época, também, que entrou num cursinho de informática e o professor ensinou que, se ela quisesse achar alguém, poderia tentar escrever o nome inteiro no Google ou no Facebook. Lurdes escreveu o nome do Wedson e descobriu que o pai da Larissa estava vivo, morando numa cidade pequena da Bolívia e que agora tinha um restaurante. Há 20 anos, Lurdes não quis deixar a filha em contato com o pai, porque não queria que a menina fosse filha de traficante, correndo riscos pelas escolhas do pai. Mas, no fundo, Lu sempre teve medo que a filha a culpasse e que se revoltasse por nunca ter conhecido o pai. Ainda assim, Lurdes jamais falou das atividades ilegais de Wedson para a filha. A menina não precisava ter uma imagem ruim dele.

Agora, sabendo que ele estava vivo, Lurdes não poderia mais esconder Wedson de Larissa e, além disso, ela já era maior de idade, tinha cabeça para decidir o que pensar e saber se queria ou não conhecê-lo. A mãe chamou a filha de canto, lhe entregou o nome e o telefone que encontrou de Wedson e deixou a decisão na mão dela.

Larissa tampouco sabia o que queria. Ela e o melhor amigo, Filipe, desde pequenos, especulavam sobre como seria o tal do pai, o que ele fazia da vida, se era traficante ou tocador de flauta. Mas era diferente pensar nessas coisas quando ela tinha certeza de que

jamais saberia. Agora era diferente. A garota tinha medo de encarar a realidade mas decidiu que precisava mesmo saber sobre sua outra origem. Bolou um plano, viajaria com o Filipe, de trem, de carona, de ônibus, até chegarem na casa do pai. Se o encontro fosse uma decepção, a aventura seria divertida. Primeiro, ela ligou para o tal do Wedson, explicando a situação e comunicando a viagem. Ele chorou do outro lado da linha, disse que depois do acidente de carro, tentou procurá-la, mas, como Lurdes já havia se mudado de Campo Grande para Penápolis, trocado de endereço e telefone, ele perdeu todas as possibilidades de contato que tinha. Larissa não tinha expectativas, talvez, depois de matar a curiosidade, a garota nunca mais o quisesse ver na vida.

Na viagem, ela conheceu mais que apenas o homem dos cromossomos: encontrou uma família que se parecia fisicamente com ela e se sentiu parte daquele lugar. Descobriu que tinha irmãs, primas, tias, uma madrasta e que todas elas tinham coisas em comum com ela. A madrasta assegurou que Wedson nunca omitiu que tinha tido uma filha no Brasil e que ela mesma já o presenciou procurando pela filha. Foi bom conhecer o pai, se sentiu acolhida e se viu nele em alguns aspectos - soube para quem puxara quando assumia um gênio impulsivo que nada tinha a ver com o de Lurdes. Acabou que se apegou ao pai e à família da montanha. Já fazia planos de voltar no ano seguinte e voltou. Queria saber da história inteira da vida do pai, das drogas, coisas que a mãe nunca tinha lhe contado, mas tinha medo de perguntar. Se contentou em saber que ele vivia dos ganhos do restaurante.

Na segunda ou terceira temporada que passou na montanha, teve bastante certeza de que, para eles, jamais poderia contar que era lésbica. Disse apenas a

uma das primas, uma que vive em uma cidade maior e que também só vai à montanha nas férias. A prima concordou que era melhor ocultar: talvez a madrasta entendesse, mas com o pai não seria tão fácil. Era uma cidade pequena, no meio da montanha, ainda menor e mais conservadora que a dela, e o pai era do tipo bem macho, que sentava-se à mesa e exigia que a madrasta o servisse. O medo não era de rejeição ou discussão, era muito maior que isso: ficar quieta era uma necessidade para preservar sua integridade física.

arrancada do armário

Na empreitada de se assumir gay, para a família brasileira, primeiro, Larissa conversou com uma prima, 10 anos mais velha, mas muito sua amiga. Ela com certeza entenderia, era toda liberal - para não dizer liberada. Inclusive, quando Larissa tinha seus dez anos, essa prima chegou no sítio com um grupo de amigas, todas um pouco alcoolizadas, e resolveu ensinar Larissa a beijar dando-lhe uma aula prática. Ao ouvir a confissão, a prima deu todo o apoio e disse que há muito já imaginava.

Larissa tinha medo de falar para a mãe, mas sabia que, por ser filha única de mãe solteira, por mais que Lurdes ficasse brava e talvez não entendesse, também não iria rejeitá-la ou cortar laços; no máximo, ficaria algumas semanas aborrecida, uns meses sem falar com a filha... Mas passaria. Se preocupava mesmo era em contar para o tio, que o era o mais próximo da figura paterna que já tivera e quem sustentava os seus estudos. Não disse nada, por enquanto, e levou Brenda para o sítio, como se fosse uma amiga que

passa o final de semana. Todos a receberam normalmente. Só uma amiga. Mas, para Lurdes, não. A mãe discretamente chamou Larissa para um canto. Aos sussurros, perguntou se a filha não tinha nada a dizer para a mãe. Se tivesse, era só falar, podia confiar na mãe. Larissa hesitou.

-Filha, se abre para a mãe. A Brenda é sua namorada? - Não conseguiu negar e Lurdes deu um abraço na cria, dizendo que a amava do jeito que ela era, que só não queria que ela sofresse. Também falou que não precisava ser agora, mas que a filha teria de contar para a família, se assumir, porque Lurdes não queria isso de os outros ficarem comentando de canto de boca, como se fosse alguma coisa feia, que se precisa esconder.

Larissa nem acreditava que a mãe a havia abordado daquele jeito, tão sem cerimônias. Não era para ser assim, era para ela, Larissa, ter iniciado a conversa e desabafado para a mãe, era para ter uma preparação especial, um momento certo... Mas, por outro lado, a filha tampouco esperava que a mãe fosse encarar a notícia de maneira tão natural, e, talvez, a iniciativa da mãe tenha sido melhor mesmo. Se Larissa continuasse pensando e planejando o que diria, quando e como, era capaz que a garota passasse a vida sem dizer nada, assim como o Filipe, que jamais contou aos pais que era gay usando palavras, só parou de esconder os trejeitos e deixou que todo mundo percebesse.

Chegado o momento de contar para a família, Larissa não precisou se preocupar muito. É que Lurdes já tinha preparado todos os terrenos conversando com cada um individualmente. A filha se admirava ao ver o esforço da mãe para que ela fosse aceita, mas também pensava que Lurdes se obstinou demais na missão, era desnecessário dizer à avó de oitenta anos que a neta namorava outras garotas.

a avó e sua criação

Larissa nunca falou sobre ser lésbica diretamente com a avó, nem vice-versa. Dona Maria ouviu de Lurdes e guardou sua opinião para si. Não achava que esse tipo de namoro era certo, mas também pensava que não cabia a ela dizer que era errado. Veja bem, no tempo dela era muito diferente, as moças não tinham nem tempo para pensar nessas safadezas. Era muito trabalho a se fazer. Com sete, oito anos, dona Maria cuidava dos irmãos e acumulava afazeres domésticos. Andava um bocado de quilômetros, todos os dias só para pegar água no poço. Se ficasse muito tempo na porta, o pai, a mãe e as tias já a mandavam entrar para a casa e deixar de ficar se exibindo para os outros. Também não deveria dirigir a palavra a outro homem e só frequentava bailes se fosse acompanhada do pai, que era quem escolhia quais rapazes poderiam dançar com a filha.

Às vezes, acontecia de chegarem homens de terno na casa dos pais dela, homens que ela nem conhecia, e estes pediam ao pai a mão dela em casamento. O pai nem a informava do pedido, só negava e desejava um passar bem. Maria acabou se apaixonando pelo radialista da cidade. Ela adorava ouvir a voz dele nos autofalantes e, para sua sorte, ele também a espiava às escondidas. Ela era linda. Quando o radialista, Ézio, chegou de terno na porta de sua casa para pedir-lhe a mão ao pai, ele, sabendo do interesse da filha, a consultou e cedeu. O namoro, até o casamento era todo por bilhetes, porque não tinha essas liberdades de ficar de conversinha na praça. Quando chegou o

dia, só restava dizer o sim, consumir o casamento, ter filhos e cuidar da casa. Naquela época, não tinha tempo de inventar história e gostar das coisas invertidas. Mas hoje em dia tudo era tão diferente, tempos tão modernos que, se era isso que a neta queria, a avó não iria se meter, nem ralhar com a menina.

a cidade e as más línguas

Passado o medo da reação da mãe, outra coisa preocupava Larissa: o que falariam para Lurdes. Afinal, a mãe morava naquela cidadezinha que, o que tinha de pequena, tinha de fofqueira. Larissa temia que as más línguas pudessem infernizar tanto a vida da mãe com julgamentos, maldades, fofocas, que Lurdes recaísse na depressão. Não queria que a progenitora sofresse e sabia que a cidade falaria. Já falavam desde há muito tempo, cada hora por um motivo. Quando, aos 36 anos, Lurdes voltou para penápolis, como uma menininha nos braços, disseram que Larissa era adotada.

Lurdes, Célia, dona Maria, todas eram loiras de olhos claros e, a menina, nasceu de pele morena, com traços indígenas e o cabeça preto. A cidade jurava que a filha não lhe era legítima, ainda mais porque Lurdes já passava dos trinta e ninguém a viu de barriga. Até a própria filha chegou a achar que era mesmo, não pela fofoca, mas por um mal-entendido.

Quando era mais nova e suas regras vieram, Larissa viu o sangue escorrendo de dentro de si, entrou em pânico, achou que era doença e gritou para a mãe acudir. Lurdes ajudou a filha e deu um breve panorama da situação. A menstruação viria todo os meses, durante uns cinco, sete dias, e ela devia usar os

absorventes desse jeito, assim. Caso sentisse cólicas, o que dói bastante, tomaria aquele remedinho ali. Para Larissa, aquela enxurrada de sangue não servia de nada. Só foi aprender a funcionalidade da coisa na aula de biologia. Quando ouviu que, no momento que a mulher engravida, ela para de menstruar, Larissa entendeu que parava para sempre e foi por isso que, ao entrar no banheiro e ver um absorvente da mãe coberto sangue, chorou. Claro, porque, se progenitora menstruava, era sinal que ela nunca tinha engravidado e, portanto, Larissa era mesmo adotada. Angustiada, a menina foi perguntar a Lurdes, que se ofendeu: afinal, ela não carregara a menina por nove meses dentro de si, sem conseguir respirar direito, tendo que fazer xixi toda hora, com os pés inchados; não passara por aquela coisa horrível que era o parto para ser acusada de ter adotado a pequena.

as conversas necessárias da infância

As conversas com a mãe geralmente eram assim, sem rodeios e sem esclarecimentos satisfatórios. Uma vez, a menina perguntou à mãe o que era transar. Lurdes mandou a menina ir pastar, porque até parece que ela não sabia - afinal, a mãe deixava a menina assistir tudo quanto era novela e filme consigo, e estava tudo lá. Além disso, Larissa já tinha uns 11 anos, e provavelmente já tinha aprendido na escola e só estava testando a matriarca. A filha ficou sem entender nada, nem o que era transar, nem porque a mãe estava irritada.

Larissa cresceu diferente. Preferia super-heróis às Barbies, queria carrinho e tinha pavor de vestido.

Além do mais, odiou esse negócio de ver seus seios crescerem porque queria poder andar sem camisa, igual aos amigos. Tudo bem, Lurdes deixava que ela brincasse com o brinquedo que quisesse, que escolhesse a roupa, mas ficar sem camisa não, porque era perigoso. Havia quem dissesse, por trás e pela frente, que Lurdes fazia mal e que, se continuasse tratando a menina desse jeito, ela acabaria virando sapatão. Na época, Lurdes se controlava para responder. Eram ignorantes. O que eles esperavam? Que ela proibisse a menina de brincar com o que ela gosta? E, caso ela realmente fosse gay, como eles pensavam que isso poderia evitar que ela se apaixonasse por uma garota? Se fosse para ela ser, não seriam os brinquedos que mudariam o rumo. E para Lurdes, como mãe, tanto fazia com quem a filha iria namorar no futuro.

Se Larissa pensasse bem, a mãe nunca lhe falou nada sobre camisinha, talvez achasse que não era preciso porque já imaginava que a filha seria lésbica e, se essa foi a conclusão da mãe, não é como se ela estivesse de toda errada - porém, antes de se descobrir, Larissa teve uns seis ou sete parceiros sexuais homens, então o discurso de "Usa camisinha, minha filha" não lhe parecia desnecessário. É verdade que Lurdes já desconfiava que a filha seria gay, mas, quando um garoto de 15 anos apareceu no sítio do tio, pedindo a mão da Larissa em namoro, e Lurdes viu que a menina estava se derretendo pelo rapazinho, a mãe achou que tinha se enganado quanto à orientação sexual da filha. Mas, se não falou de camisinha, não foi por suspeitar que Larissa não teria parceiros homens, e, sim porque a filha nunca perguntou. A mãe esperava que a filha fosse falar das coisas quando tivesse curiosidade, e achava que, se falasse antes, estaria se adiantando demais nos assuntos. Além

disso, naqueles dias, as professoras já ensinavam essas coisas nas escolas, ainda mais na de Larissa, que era toda afrescalhada.

no tempo da mãe

Na época de Lurdes, era tudo diferente. Imagina, ela nasceu nos anos 1950, no interior do Paraná. Quando era menina, não se aprendia nada disso na escola - aliás, ter escola já era um privilégio. O pai achava que era bobeira as três filhas ficarem estudando depois da quarta série. Só o mais velho, o barão, José, é que tinha de se dedicar para ser alguém na vida. Quando terminou o ginásio, Lurdes teve de sair para trabalhar, mas, assim como Larissa, na sua época era a amiga pobre entre as riquinhas da cidade, e por isso ouvia a mãe das amigas dizendo que era preciso estudar, fazer faculdade, ter carreira. Ela queria fazer faculdade também, não tinha ideia de que curso seguir, mas queria essa coisa que tanto falavam. Então, quando teve de sair para trabalhar, resolveu terminaria o colegial pagando por uma escola particular à noite e que não largaria os estudos. Tentou, mas não conseguiu por muito tempo. Era muito caro e cansativo, quando repetiu de ano, abandonou.

De mocinha, a família saiu do Paraná se mudou para a cidadezinha do interior de São Paulo, onde vivem até hoje e seu Ézio, de radialista, virou o faz tudo do cinema: bilheteiro, pintador de cartaz e lanterninha. O cinema, onde os jovens iam para namorar e se esconder dos olhos dos pais, não era opção para Lurdes e para suas irmãs. Elas mal po-

diam sair de casa, seu Ézio era rígido, Maria dava um jeito de ajudar as meninas. Autorizava os passeios e ordenava que elas voltassem antes do término da última sessão de cinema - assim, quando o pai chegasse em casa, pareceria que as filhas nunca saíram. Geralmente dava certo. A mentira só deu errado no dia em que as três encontraram um namorado de Célia. Quer dizer, ela havia rompido com ele alguns dias antes e, quando se cruzaram, ele quis cobrar satisfações. Como ela se recusou a conversar, ele a agarrou pelo braço e quis puxá-la a força. Elsa, a irmã do meio, que Deus a tenha, levava debaixo do braço uma bolsinha retangular de resina, imitando madrepérola, e com um fecho de metal. Agarrou a alça e começou a bater com a bolsa na cabeça do inconformado. O safado não soltava Célia de jeito nenhum, e Elsa seguia golpeando o moço. Quando a cabeça dele começou a sangrar em praça pública, a cidade se juntou para separar a briga e o pai saiu do cinema para ver qual era a confusão. Se pensou em ralhar com as filhas, desistiu quando ouviu a história e foi com Célia à delegacia dar parte do agressor.

Essas coisas do corpo, sexo, era tudo um breu, não dava nem para ter curiosidade sobre uma coisa que nem se sabe que existe. Quando as regras de Lurdes vieram, ela achou que tinha feito alguma coisa errada, que tinha falado um palavrão ou sabe lá o quê, e Deus a estava castigando. Nem contou para a mãe porque Maria ficaria uma fera se soubesse que a filha aprontou por trás das suas costas e que até castigo de Deus levou. Foi uma vizinha quem viu uma mancha no vestido de Lurdes e foi dizer a Maria que a menina tinha ficado mocinha. Maria sentou a filha à mesa e disse que ela teria isso todo mês e que, quando viesse, era para tomar banho de água quente e colocar um

paninho lá em baixo. Só, e na cabeça de Lurdes era isso, só sangue, não servia para nada.

Seu primeiro beijo foi com um rapaz lindo, uns catorze anos mais velho que ela. Ele usava ternos muito bem costurados, sempre galante, usando de todas as boas maneira. Antônio. Lurdes achou ter encontrado um partidão e pensou que a família ia concordar com ela depois o conhecessem. Quando ele foi pedir a mão da garota, Maria serviu cafezinho com toda a educação, seu Ézio lhe perguntou sobre seu ofício, se tinha vícios, se já fora casado, seguiram o protocolo à risca, tanto a família quando o pretendente, mas foi o moço se despedir que começou o deboche. Então Lurdes queria namorar um escureba? A mãe e as tias riam da cara dela, ora, ela, tão bonita, podia arrumar partido melhor que um negro. Lurdes não desistiu pela chacota, não de primeira, mas depois foi desencantando e acabou.

Lurdes foi aprender o que era sexo na sua primeira vez com o Jorge. Tinha uns 18 anos e já estavam prestes a se juntar. Ele tirou a calça e ela levou um susto. Nunca tinha visto um pênis na vida e estava prestes a levar outro susto maior ainda ao descobrir para quê aquilo servia. Era esquisito, e seria medonho se Jorge não fosse carinhoso e paciente nas suas explicações. Tudo era mais difícil naquele tempo, a filha tinha sorte de ter nascido na época que nasceu.

primeiro término

Larissa e Brenda terminaram depois de uns meses. Brenda estava querendo assentar a vida, enquanto Larissa mal tinha entrado na faculdade, queria

curtir festas, beber, fumar maconha, virar a noite. Brenda ficava doída, tentava botar rédeas e Larissa se sentia presa, podada. Um dia, resolveu escapar das amarras e ficou com outra. Viu que não queria mais seguir namorando, rompeu, mas não contou da traição. Só no carnaval seguinte, pela língua de alguém, Brenda descobriu o que Larissa escondeu e então a ex foi até o bloco de carnaval da faculdade e virou a mão na cara de Larissa, na frente de todo mundo.

resgate de mãe

Lurdes foi melhorando da depressão conforme se tratava. Larissa se preocupava, mas sabia que a mãe teria de se acostumar, porque a filha não poderia voltar para a cidadezinha e largar a faculdade só para confortá-la. As duas se falavam todos os dias e Larissa contava do professor picareta da faculdade, do aniversário do Filipe, do encontro com a crush no açaí e do tapa que levava no carnaval. A mãe só faltou entrar num ônibus e ir até Bauru tirar satisfações com a Brenda.

O barraco nunca foi levado a cabo, mas Lurdes foi até Bauru visitar a filha. A menina estava pra baixo. Não queria mais seguir cursando psicologia mas tinha medo de decepcionar o tio que tanto a ajudava, não queria que ele pensasse que ela desperdiçou todos os anos de moradia e cursinho que ele pagou. Naquele final de semana Lurdes dormiu na república dos estudantes, mas eram dois dias de festas pela cidade inteira e os outros jovens da casa onde a filha morava só queriam aproveitar o final de semana. A cada hora um esquecia da presença da mãe da me-

nina e tentava convencer Larissa de ir sim no bar ali do lado, tomar uma breja, fumar um baseado. Quando Lu perguntou à filha se ela fumava erva, Larissa confirmou. Mas a mãe não precisava se preocupar, porque não era um problema, era só maconha, e não atrapalhava Larissa em nada, era algo que ajudava a relaxar quando a pressão estava muita.

Lurdes matutou o caso por um tempo, a faculdade a maconha. Conversou com o cunhado sobre a mudança de curso e ele entendeu que seria pior se a menina continuasse cursando algo que não gostasse. A mãe pensou mais um pouco, tentou se convencer que a maconha não era problema, mas optou pelo contrário. Há mais de vinte anos, Lurdes mandara o Wedson de volta para a Bolívia e o afastou da filha para proteger a menina desse mundo - e, por mais que a menina dissesse que era só de vez em quando, a mãe não queria vê-la mexendo com essas coisas. A filha não queria mudar de curso? Então chega de ficar em Bauru. Larissa voltaria a morar na cidadezinha, faria cursinho lá mesmo e estudaria ali até passar em Design, como queria. O plano era bom. A filha concordou, tudo bem que a mãe estava exagerando na neura da maconha, mas ela precisava mesmo de um tempo longe do agito para estudar. Precisava parar e se reformular, até pediu para a mãe levá-la a um terreiro de candomblé, queria se espiritualizar. Lurdes não era frequentadora, mas tinha conhecidos e respeitava todas as religiões (todas menos aqueles pastores que pediam dinheiro na televisão).

Larissa estava decidida a levar o ano de renovação à sério. Como já era de costume com as outras coisas da vida, apegou-se rápida e intensamente ao candomblé. Se entregou por inteiro e seguia à risca o que lhe recomendavam. Disseram que ela precisava

se libertar dos entorpecentes porque era preciso se entender sozinha e sóbria. E assim ela fez. Aprendeu as músicas, tocava tambor na casa de mãe e já tratava o pai de santo como se fora quem a criou. Além disso, quando foi passar umas férias na Bolívia com o pai biológico, ele, que ainda não contava muito do passado, falou que se arrependia de muitas coisas na vida e disse, como quem não quer nada, que preferia ver a filha bem longe de qualquer uma dessas coisas.

outra paixão

Larissa passou no vestibular de Design e voltou a morar em Bauru. Voltou uma freira, não botava uma gota de álcool na boca, maconha muito menos e doce¹, nem pensar. Da Brenda, só sobrou a tatuagem. É que Larissa era assim, gostava de se marcar. Não escrevia nome, nem nada, mas sempre que se apaixonava tatuava um símbolo. Quando terminava não se arrependia: era só uma lembrança de uma fase que foi parte dela.

A próxima tatuagem foi para Daniela. Depois de superar a Brenda, Larissa Larissa passou quatro meses de rolo com uma moça, não era namoro, mas parecia. Porém, Daniela entrou em cena. Ela era a sensualidade em pessoa, dois olhos matadores e um sorriso que fazia Larissa ficar até sem jeito. Daniela nem ligou que Larissa estivesse com alguém: investiu pesado na conquista e não teve jeito, não. A presa caiu na armadilha, traiu a companheira e se apaixonou de uma vez por Daniela.

1. Doce: nome difundido entre os jovens para se referir ao ácido lisérgico - LSD.

Talvez porque Larissa sempre quis casar e encontrar o amor, quando o beijo dava borboletas no estômago, ela mergulhava de cabeça. Não tinha medo de compromisso, e, em uma semana, já planejava casar e morar na praia com a Daniela. Convidou a namorada para conhecer a família no sítio em Penápolis e, dessa vez, não teve meias palavras: essa era a Daniela, sua namorada.

A família inteira recebeu a namorada de braços abertos. Os primos comentavam o bom gosto de Larissa, tia Célia oferecia mais uma cerveja ou um pedaço de pênfil. O tio queria saber como ia a faculdade e se Daniela já pensava em estagiar. Até a avó, Dona Maria, que a cada dia ficava mais séria e implicante, travou uma breve conversa com a menina.

dominação

Com Brenda, Larissa se sentia constantemente dominada. A ex-namorada era mais velha e estava sempre na postura de quem sabia o que fazer e como agir, enquanto Larissa ocupava o papel de quem deveria amadurecer e mudar isso e aquilo. Além disso, viviam com a expectativa de levar o grande amor à cabo, de gostar tanto que o resto do mundo fosse ficar para trás e desaparecer, e que, em qualquer dificuldade, uma resgataria a outra. Passavam a abrir mão de si enquanto indivíduo, para viverem sempre a dois, porque tinha de ser romance inteiro, lindo, de filme. Mas, quando a vida não correspondia à expectativa, a frustração era inevitável e o resultado era uma enxurrada de pressão sobre as outras pessoas. Com Daniela era diferente - quer dizer, todo o contex-

to de expectativas e pressões era exatamente o mesmo, mas o papel da Larissa mudou.

Era altruísta, nunca pensava em si, estava sempre querendo só o que fosse melhor para o relacionamento, para a ideia de futuro das duas. O problema era que, talvez, o que Larissa quisesse para as duas, não era exatamente o que a Daniela queria para si, e a primeira não ficava nem um pouco conformada em imaginar que a namorada não estava tão disposta quanto ela a abrir mão de certas coisas. Agora ela, Larissa, era a mais velha, a que não queria saber de beber, nem de fumar, e a namorada era ela no passado, jovem querendo festa e aventura. Conflitavam, mas Larissa atuava tudo, levava suas aflições para o terreiro e o pai de santo dizia que tudo ficaria bem e que as duas se casariam no futuro. A menina acreditava sem duvidar.

Por mais que brigassem, o relacionamento acabou mesmo por causa de um cheiro no pescoço que virou foto e que Larissa resolveu postar no facebook. Ali na foto estavam as duas, Larissa e Daniela, só. Mas esse era o problema, se a mãe da Daniela visse, seria uma confusão completa, e, por isso, a namorada ficou puta com a falta de preocupação de Larissa, que achava que não tinha nada demais e que uma hora ou outra Daniela teria de contar - ou ela pretendia manter Larissa escondida para o resto da vida? No fim, Larissa se defendeu da pior maneira. Atacou a companheira, colocou o pai dela no meio da história, disse um monte de coisas que tinha certeza que ofenderiam e achou que era necessário fazê-lo e só semanas depois viu o quão baixa tinha sido. Mas não tinha mais jeito, estava terminado e Daniela não queria voltar.

Conforme o tempo foi passando, Larissa descobriu que a Daniela, tal qual ela fez com a Brenda, também a tinha traído. Era carnaval e foi na fes-

ta da faculdade, a mesma em que há um ano atrás apanhou da Brenda, que Larissa virou a mão na cara da Daniela.

colo de mãe

Depois se arrependeu. Sofreu. Não podia perder a Daniela, elas foram feitas para ficar juntas, deveriam casar, o pai de santo disse. Larissa compôs música para o amor perdido e foi fazer serenata em frente a janela da ex. Não recebeu mais que desaforos de resposta. Ainda assim, não queria desistir.

Quando nem os amigos aguentavam mais seus lamentos, a mãe tornou-se seu ombro amigo. A filha ligava para contar das mazelas, das novas pretendentes, e nunca se conversaram tanto. Lurdes não queria ver a filha sofrendo, então escutava tudo o que a menina tinha para dizer, sem interromper, para, depois, aplicar aquelas injeções de ânimo, dizendo que Daniela não era a única no mundo, havia outras, muitas que fariam de tudo por uma pessoa tal qual a filha. Larissa não tinha saído com uma outra menina, uma morena linda? Então, que aproveitasse essas outras companhias, os amigos e que tentasse não ficar pensando. A mãe se saia melhor conselheira que as amigas. Larissa gostava de verdade de desabafar com ela, mas nas conversas só se falava sobre os relacionamentos da filha. Da mãe, nunca soube. Lurdes, depois que engravidou, não teve nem namorado, nem companheiro, nem paquera, nada. Nunca disse nada sobre querer ou não querer, mas Larissa também não seria quem puxaria o assunto, porque

tinha certa vergonha e, principalmente, medo que a mãe se ofendesse com a pergunta.

No fundo, Lurdes não queria, não. Já alcançara os 60 e não é que se achasse velha para sair, é que não tinha mais paciência para cuidar de homem. Lurdes também não era muito de sair, nem com as amigas, às vezes nem com a família, não tinha paciência para muito barulho, conversinha furada, essas coisas. Via as poucas amigas que arrumaram alguém depois dos quarenta, cinquenta, e todas tinham de dar satisfação, fazer isso ou aquilo para o fulano. Ah, não. Lurdes não queria obrigação com ninguém e, hoje em dia, não se acha mais ninguém para somar, para ajudar, para fazer companhia, não. Sempre tinha que dividir, abrir mãos das coisas, se doar, e disso ela estava farta.

o amigo homem e as lembranças

Larissa, já não fazia mais nada sem consultar o pai do candomblé e abria mão de si para não desrespeitar uma regra, porque tinha medo de errar e ser punida. Continuava com Daniela na cabeça porque acreditou que deveriam ficar juntas a todo custo. Se martirizou por um tempão até perceber que ela mesma estragara sua relação com a religião por desenvolver uma fé cega apagando sua capacidade de tomar as próprias decisões. Que mania ela tinha de fazer tudo com tanta intensidade. Resolveu se balancear. Voltar a sair, a fumar um baseado com os amigos vez ou outra, a dar uma chance para outras garotas.

Larissa se jogou nas festas e um dia encontrou um amigo, homem, e ficou com ele. Sabe-se lá se era pela fragilidade, mas sentiu que era algo que queria tentar.

Acabaram indo para a cama. Larissa foi se deixando levar, mas a viagem a levou para longe. De repente, a voz do amigo se misturava com uma voz antiga, uma que morava na sua cabeça e que dizia “pega nele”, e a mão do amigo foi se transformando em uma mão gigante que agarrava seu ombro e pedia um beijo. Larissa sentiu o estômago embrulhando e uma vontade de chorar. Parou o sexo, saiu correndo. Chegando em casa se jogou no colo de um amigo e desabou de chorar.

o desabafo

O cara não tinha feito nada de errado. A culpa não era dele, é que ela lembrava de umas coisas do passado. Ela tinha uns oito anos e morava num bairro perigoso na cidadezinha. Lurdes não deixava a menina brincar fora da casa porque tinha medo que alguma coisa acontecesse, o bairro era perigoso. O único lugar que Larissa podia frequentar era a casa da vizinha, que tinha uma filha e ainda cuidava de duas sobrinhas mais ou menos da idade de Larissa, um pouco mais velhas e do filho mais velhos, Gabriel, de 15 anos.

Ele vivia chamando as primas para o quarto dele e um dia chamou Larissa. Depois repetiu o convite. Fez isso algumas vezes. É difícil. Larissa não lembra exatamente como era, o que ele falava ou por que ela entrava no quarto, mas lembrava que ele tirava o pênis para fora da bermuda, mostrava para a menina e pedia que ela tocasse. “Pega nele”. Ele também queria beijá-la e pediu até para ela se deitar na cama. Tudo fica tão nublado na lembrança, que ela mal consegue descrever. Ele dizia qualquer coisa que fazia ela ter um medo danado de contar.

As duas sobrinhas da vizinha já tinham aprendido que aquilo era ruim, que o que o Gabriel estava fazendo eram coisas errada. Quando elas perceberam que ele estava repetindo com Larissa, as meninas disseram que ela precisava falar disso para Lurdes. Larissa tinha medo que a mãe não acreditasse, ela e a vizinha eram muito amigas, e também pensava que, se era uma coisa feia, era capaz da mãe lhe dar uma bronca, porque podia ser que ela estivesse errada também. As meninas continuavam falando que ela tinha que contar para a mãe, urgente! Deram um ultimato. Se ela não contasse, elas o fariam. Bom, se fosse para levar bronca, era melhor ela contar de uma vez, porque, se fosse pela boca dos outros, o sermão seria dobrado.

Larissa ficou travada. Nem lembra o que disse, mas foi mais ou menos “Mãe, o Gabriel quer fazer coisas comigo, ele tenta deitar comigo”. Lurdes viu bicho, mandou a menina esperar no quarto dela, foi até a casa da vizinha, falou um monte para o rapaz e acabou aí. Ela nunca mais foi brincar na casa da vizinha. Durante muito tempo, deixou isso guardado em alguma caixa trancada na sua cabeça, mas, às vezes, voltava à tona. Foi o que aconteceu na noite que passou com o amigo. No ano em que morou em Penápolis, sentia o coração pular para fora do peito quando cruzava com o tal do Gabriel no mercadinho ou na banca de jornal.

falta de beijo na boca

Larissa se deu o tempo que precisou para se curar da ferida chamada Daniela e das outras que a primeira desencadeou. Talvez até hoje não esteja curada,

mas quanto a dor maior passou, voltou para a pista. Os amigos gays, as amigas lésbicas e os héteros concordavam: para esquecer ex-amor, beijo na boca. Não dava certo. Desde nova Larissa não tinha essa vontade de sair e ficar. Quando se entendeu lésbica, chegou a achar que era sossegada por isso, porque estava ficando com as pessoas erradas. Mas, mesmo com as meninas, não via muito sentido nesses amassos utilitários, nem conseguia aproveitar - no meio da coisa, começava a se questionar. Se não tivesse conexão, não rolava. E aí surgia o segundo problema. Larissa tinha dedo bom para escolher as pessoas erradas. Se interessou por uma dúzia de garotas héteros. Um se aventuravam na experiência lésbica, davam uma chance à Larissa, mas logo pulavam fora.

No cotidiano, era para Lurdes que Larissa ligava para lamentar a saudade ou comentar qualquer superação. Nas férias, ia descansar a cabeça na Bolívia. Ganhou intimidade com o pai, mesmo morrendo de medo, até hoje, de contar a ele sobre sua orientação sexual. No fundo, continuou pensando em Daniela, não tinha jeito. De certa maneira, tinha aceitado que a vida seguiria em frente, mas não conseguiu esquecer. Era ela aparecer que a coração batia mais forte. E ela aparecia, sabe como é, fatalidades. Se encontravam numa festa e, se a Larissa quisesse, podia pegar uma carona com a Daniela, dormir na casa dela e ir embora no dia seguinte.

lurdes e seus pitacos

Se Larissa ligava com voz murcha, a mãe logo queria saber o que aconteceu e o que disseram para

ela. Lurdes morria de medo de que a filha sofresse homofobia; às vezes, dizia para a Larissa ter cuidado quando ficava de abraço e beijo pela rua. Não é que a filha não tivesse esse direito, lógico que tinha, mas o problema eram as outras pessoas, os doidos que sabe lá o que pensam, mas que fazem barbaridades.

Quando via que o problema era Daniela, Lurdes já se irritava. Ah, parecia que a filha estava cega... Sempre a mesma história, que a outra não queria compromisso, que ela era assim porque era mais nova, não tinha maturidade, mas pelo amor de Deus, Daniela já contava 21 anos de idade, já era suficiente para saber o que se quer e assumir um compromisso. Além disso, não tinha jeito de Lurdes apoiar uma relação que fazia Larissa sofrer. Dessa história não queria saber mais. Se Larissa ficasse nessa palhaçada de ficar saindo com a Daniela e se iludindo, ela que tratasse de chorar em outro ombro, porque, de Daniela, a mãe estava farta.

Lurdes, que sempre foi pacífica, dessas que paga para não entrar em briga, andava porreta. Se a filha teve medo da hostilidade que a cidade exerceria sobre a mãe, foi porque não imaginou as respostas que ela daria. Lurdes andava pelas ruas de armadura e lança empunhada. No casamento de uma sobrinha, depois de Larissa agarrar o buquê, algum desavisado da família do noivo veio dizer à Lurdes que a filha estava lindíssima e que merecia um noivo bem bonito. Noivo? Não, a filha ia casar era com uma moça, bem linda. Larissa achava que a mãe não precisava ser assim tão arisca, que talvez a pessoa nem soubesse, mas, na cabeça de Lurdes, todos eles sabiam, porque boato assim corre rápido pela cidade – e, se comentavam, era justamente para provocar, para ouvir o que ela, a mãe, diria e como se comportaria. Então, pronto, estava dito com orgulho.

Lurdes não era a única mãe de filha gay na cidade. Talvez tenha sido uma das primeiras e, muito provavelmente, a mais empática, mas, depois de Larissa, algumas das suas amigas também se assumiram para as suas famílias e, então, começou o Deus nos acuda. O pai de uma achou que foi má influência da filha de Lurdes e proibiu a sua de andar com a dela. Na casa dele, Larissa não entraria. Só por isso, a menina fazia questão de visitar a amiga bem na casa dela e ainda ir até onde o pai dela estivesse para cumprimentar e garantir que engolisse sua presença. Pelas praças, mercadinhos e festas, comentava-se que a filha da fulana foi morar em São Paulo e virou gay, mas que a fulana tomou atitude sobre o caso e mandou a filha voltar para Penápolis, porque, pelo menos debaixo da asa da mãe, não teria como fazer coisa errada. Fez muito bem a mãe da fulana.

Ah, mas se Lurdes ouvisse essas conversinhas - e o faziam justamente quando ela estava por perto, de caso pensado para cutucar a onça - ela não ficava quieta. Fazia muito bem a mãe que trouxe a filha de São Paulo? E de que adiantava fazer a menina mudar de cidade? Foi o ar de São Paulo que fez ela ser gay? Resolveria alguma coisa ficar debaixo da asa da mãe? Ela não poderia namorar, levar uma garota para casa, mas não ia deixar de gostar delas. O fogo é que tem mãe que é cega mesmo, gosta de se enganar. Ah, se justificavam, mas era que a fulana estava sofrendo tanto por causa da menina. Jura? Questionava Lurdes. Que lhe desculpassem a intromissão, mas ela não sabia que a filha da fulana estava doente. Qual era a enfermidade terminal da menina que fazia a mãe sofrer tanto por ela? Porque, se a menina não tinha assim, um câncer, e andava bem, com saúde, todos os membros, todas as faculdades mentais e ajeitada na

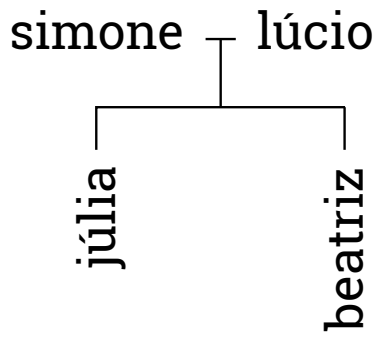
universidade, não entendia por que motivo a mãe de fulana haveria de sofrer pela filha.

santa beatriz



sittsed stms





*Ya no está en las manos de Dios
ni en las señales de amor.
No existe suerte, somos tú y yo...*

- Alejandro Sanz

coroinha

Aos domingos, Beatriz ia à missa com a mãe, lá na igreja matriz de Taperebá. Queria mesmo era ser coroinha, mas, por ser menina, não podia, então ajudava a organizar e a distribuir panfletos enquanto sonhava em se tornar catequista igual a mãe. Também rezava muito: rezava porque queria ser uma pessoa boa e ir para o céu, rezava porque esperava que Deus lhe desse amigos, mas, acima de tudo, rezava porque pedia que o Pai curasse a mãe dela do câncer.

Lia compulsivamente, desde pequena, e ela e a irmã devoravam livros, de criança e de adultos. Júlia, três anos mais velha, tinha por volta dos dez anos quando leu um da Nora Roberts e encontrou um monte de palavrões que acabaram por lhe ensinar o significado de “caralho”, “porra”, “ir se foder”, entre outros. Beatriz mais que lia: importava todo o universo da história para conjugá-lo à sua vida. Fazia amigos, vivia aventuras e amores, e tinha até os 11 anos, idade que receberia a convocação para a escola de magia de Hogwarts, para aprender a falar inglês. Nos seus enredos imaginários, um rapaz charmoso perceberia seu valor, sua pureza, e se apaixonaria por ela, tão diferente das outras.

Na vida real, Beatriz era mais invisível que seus amigos imaginários. Tinha duas colegas na escola, mas sabia que as meninas só andavam com ela por falta de opção. Não sofria bullying porque nem sequer falavam dela. Um dia, pintou o olho antes da aula - é que o lápis destacava os traços libaneses dos avós paternos e ela se sentia mais bonita. Porém, quando chegou no portão da escola, agarrou a mochila e fixou o queixo no peito: se não olhasse para ninguém, dava tempo de chegar ao banheiro sem que notassem a

maquiagem. Não queria ouvir “Coitadinha dela, tentando ficar bonita” ou “Lápis de olho não adianta, precisa nascer de novo”. Assim, apertou o passo, mergulhou a cara na pia e preservou sua invisibilidade.

No dia 13 de março de 2005, passou o dia olhando para a janela e para o rodapé da porta: era seu décimo primeiro aniversário, mas nenhuma coruja pousara na sua janela. Tudo bem. Talvez Hogwarts não existisse, mas ainda tinha a chance, ainda que tão improvável quanto a anterior, de ser convocada para participar de um dos filmes da franquia Harry Potter. Gostava de se imaginar nesses universos, e também se apegava às novelas, aos galãs. Decorava as cenas românticas e depois reencenava, usando duas Barbies, os momentos em que o Reynaldo Gianecchini, de sunga, beijava a Beatriz Dieckmann na traseira de um iate. Em um desses momentos românticos de filme ou novela - desses que sempre lhe davam um friozinho na barriga - apertando bem uma coxa contra a outra, Beatriz descobriu uma sensação nova, e logo implementou o artifício nas suas histórias imaginárias.

Não sabia o que diabos era aquela sensação, mas, minha nossa senhora, como ela se sentia culpada depois. Nunca tinha ouvido falar de nada que se parecesse com aquilo, então deveria ser coisa errada que ninguém faz - ou porque ninguém sabe, ou porque todo mundo sabe que não é certo. Se prostrava no pé da cama e pedia desculpas para Deus, dizendo que não fez por mal, jurando arrependimento verdadeiro e prometendo que não faria mais. Mas fez de novo. Voltava a pedir perdão, e, sabendo que a reincidência era crime mais grave que o primeiro, não bastava só rezar, era preciso se redimir. Então Beatriz pegava o pacote de milho para pipoca, espalhava no chão do quarto e ajoelhava sobre os grãos até sentir-se digna de ser perdoada.

Na escola, não havia príncipe que a salvasse da solidão, nem ninguém que acreditasse que ela era especial. Também, com aquele freio de burro anexo à cara, não tinha muito jeito. Quando disseram que fulano gostava dela, ela sabia que só a estavam usando para tirar barato da cara do garoto. De certa forma, Beatriz nem ligava muito de ser instrumento para chacota: o que lhe afligia era dizerem que alguém gostava dela.

aquela coisa das coxas

Virava e mexia a mãe, Simone, voltava para o hospital. Da última vez, disseram que ela já estava quase boa do câncer - quase porque precisava esperar cinco anos para ter certeza de que não voltaria, então só em 2010 Beatriz poderia comemorar. Por enquanto, continuava sem amigos, com medo de perder a mãe e sem um papel em Harry Potter. Rezava para Deus Pai, para o Filho e para o Espírito Santo, para que eles operassem um milagre na sua vida. Pedia com muita devoção, mas, a cada dia que passava, seu milagre não chegava, e a garota tinha certeza de que não era atendida porque fazia aquelas coisas lá, de apertar as coxas, de colocar a mão lá... Ela se convencida de que não sabia o que era, e podia até não saber mesmo o nome, mas sabia muito bem que era errado. Era vã, porque jurava arrependimento e fazia de novo. Não tinha controle sobre si, não cumpria suas promessas e pecava. Desse jeito, Deus não iria ajudá-la, porque ela não fazia por merecer.

Pensou em perguntar para a mãe sobre aquela coisa, confessar para saber como parar. Tentou explicar

que pensamentos ruins vinham à sua cabeça. a mãe tirou a panela do fogão e sentou-se para ouvir com mais atenção. A filha dizia que mesmo sabendo que era errado, coisas feias vinham a sua cabeça, ela sabia que Deus não ficava feliz com aquilo, que a vontade de fazer essas coisas era pecado, e ela se sentia muito mal por isso e rezava para afastar os pensamentos. Eles iam embora, só que voltavam depois. Se encabulou quando a mãe tocou no cerne da confissão pediu que ela explicasse quais eram os pensamentos, e sem conseguir dar mais detalhes, ficou quieta encarando o chão. Simone entendeu tudo errado, achou que Bia tinha tendências suicidas, e então tentou dar um discurso motivador sobre amor e esperança. Bia escutou até o fim e desistiu do desabafo, talvez a mãe não soubesse do que ela estava falando.

jogos da vida social

Beatriz até já havia sido convidada para festas do colégio - talvez as colegas se esforçassem para gostar dela -, mas ela mesma não tinha muito o que falar. Não, não gostava de nenhum menino da sala. Nem de outra sala. Também nunca tinha visto esse filme e não ouvia muito sobre essa banda, só conhecia de nome, mas nessa última semana ela leu um livro que... Ah deixa pra lá. Além disso, sabia que esses convites vinham mais em consideração à irmã, Júlia, que além de três anos mais velha, também era muito mais popular.

Júlia já estava com 14 anos. Não saía muito de casa e passava boa parte do tempo em brincando com Beatriz. Também era uma grande nerd, mas vivia ro-

deada pelas meninas populares e, por fora, se parecia com elas. Quando se reuniam as amigas falavam muito de si, mas preferiam falar dos outros.

- Você já sabe o que aconteceu com a fulana? Ela foi se masturbar com uma salsicha congelada, mas a salsicha descongelou e quebrou dentro da xana dela. - risos - O pior: ela teve de contar para a mãe, porque precisava ir no médico retirar!

“Eu hein, credo”. A vida alheia era sempre vista com um certo asco: o ato em si já era nojento, com salsicha, então, uma atrocidade. Júlia escolhia ficar quieta quando o assunto era polêmico. Se defendesse a menina do hot dog, ela seria o próximo alvo, e se ajudasse a falar mal, não seria coerente consigo - afinal, ela não usava salsichas, mas também se masturbava e não via nada de errado nisso. As companheiras tinham muitas regras. Em um carnaval com as amigas, quando Júlia beijava um garoto bem encostada na parede, as meninas vieram alertar que ficar se pegando assim, na parede, dá o que falar e que ela não deveria fazer. Se Júlia era capaz de se importar ainda menos com esse tipo de comentário, passou a fazê-lo quando ficou obcecada pelo irmão da sua melhor amiga, Bruno. Ele era três anos mais velho e ignorava toda e qualquer investida dela. Um dia, os pais anunciaram que sairiam da cidadezinha para vir morar em São Paulo. Júlia acreditou que ele era seu grande amor e que não poderia viver sem ele, então, antes de a família se mudar, ela voltou à casa dele dando um ultimato e eles finalmente se beijaram. Pouco tempo depois, engataram um namoro à distância. Quando muito, se viam uma vez por mês, mas brigavam ao menos três por semana.

depois da mudança

Nos dois primeiros anos da Bia em São Paulo, as coisas mudaram um pouco, mas não muito. Agora, pelo menos, tinha amigos dos quais ela realmente gostava, ainda que poucos. Aceitou que não seria convocada pela Warner para ser do elenco de Harry Potter e, mais uma vez, adaptou o sonho. Tudo que ela queria era um intercâmbio na Inglaterra, em uma escola com paredes de pedras, onde encontraria pessoas de verdade para viver aventuras.

Pedia a Deus que a ajudasse a alcançar essa dádiva, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ah, pediu também que Deus a perdoasse por aquilo lá, que ela sabia que tinha dito que não faria de novo e fez. Deus, o Senhor sabe que ela não fazia por mal não, e que, no fundo, ela era boa e só queria ser instrumento da Vossa vontade, não sabe?

Na nova igreja em São Paulo, Beatriz podia sim ser coroinha, o que Júlia achava bobeira. Enquanto a mais velha, aos 15 anos, pensava em se dizer atea, Beatriz só queria saber quando teria sua própria turma de catequese. A caçula ouvia umas tias comentando com a mãe que o problema de Júlia era da idade, que passaria, mas outras diziam que, caso ela saísse dos trilhos agora, não voltaria mais.

num-sei-quem gosta de você

Bia descia as escadas para o recreio, cumprimentou Lucas e disse que não conseguiu jogar o jogo que ele comentara porque apareceu um negócio para

pagar e ela achou melhor fechar a janela. Os meninos pentelhos começaram a rir e um dos idiotas interrompeu a conversa para dizer que Lucas gostava dela e queria saber se era recíproco. A menina fitou o enxerido com desprezo e segurou o olhar alguns segundos. Lucas saiu andando cabisbaixo. Qualquer coisa que ela dissesse seria combustível para a chacota deles e ela não lhes daria esse prazer. Cerrou os pulsos para abafar a tremedeira e deu as costas ao garoto. Voltou para a sala, abriu o livro do Senhor dos Anéis que a irmã lhe emprestara - Júlia era uma fanática e queria contaminar a mais nova - leu uma frase e fechou em seguida. Por que isso tinha que acontecer? Que saco! Lucas era legal, ela nem ficava com vergonha de conversar com ele. Sabe qual era o pior? É que dessa vez não era zoeira. Quer dizer, ela achava que não era, porque ele não tinha nada a ver com os meninos bagunceiros e ele gostava de estudar, de ler, como ela... Além disso, ela já se livrara do aparelho de cabresto, então não era tão impossível assim que alguém estivesse gostando dela. Mas Beatriz tinha aflição dessa coisa de não-sei-quem gosta de você. Dava uma falta de ar, uma vontade de se enfiar num buraco... Agora não conseguia mais conversar com ele e, sempre que o via, ficava com aquela angústia. Por que ele tinha de gostar dela?

primeira obsessão

Depois do jantar, Júlia ia para o computador falar com Bruno e passavam horas trocando emojis, músicas do ACDC e fazendo planos para os próximos encontros. Era difícil namorar estando tão longe,

então se dedicavam às promessas de amor eterno. Nos intervalos, brigavam. É que tinham muitas regras: quando começavam um livro juntos, um não podia ler se o outro também não estivesse com ele em mãos. Por MSN e Skype, trocavam mensagens quentes e fotos, mas só podiam se masturbar assim, conectados: fazê-lo sozinho, seria traição. Bruno estudava na cidade ao lado, Ribeirão, e ia para a faculdade de carro, mas não poderia dar carona nem a uma amiga de infância. Também não deveria ir de camisa polo: o carro já chamava atenção das garotas, e se vestisse uma polo então... Seria demais. Da parte dele, ela não podia ter amigos homens, claro, nem andar com meninas muito bonitas, para não chamar a atenção dos outros rapazes. Bruno também não gostava das amigas dela que eram solteiras, que saíam e beijavam outros, porque não pegava bem para uma menina séria andar com esse tipo de gente.

Simone já não aprovava mais o namorado da mais velha, não gostava de ver a filha sempre nervosa pelos cantos. Depois de uma briga do casal, a mãe insistiu para que Júlia passasse o final de semana ajudando no encontro de jovens da igreja. Disse que ia ser bom pra ela conviver com outras pessoas, gente da idade dela, e quem sabe não voltasse a se interessar pela igreja. A filha chorou porque não queria ir de jeito nenhum, dizendo que estava arrasada e que não queria sair da cama nem ver a cara de ninguém. No entanto, na segunda vez que a mãe propôs, Júlia foi. Ficou encarregada, junto a outro rapaz - André -, de organizar as palestras, controlar os horários das atividades e garantir que o roteiro do encontro de jovens saísse nos conformes. Durante todo um final de semana correu das 6 às 23 horas e acabou ficando muito amiga do seu parceiro de trabalho. André,

um nerd de primeira linha - usava óculos, era magro, grande conhecedor do universo de Senhor dos Anéis e manjava tudo de física, química e matemática -, disse que poderia ajudá-la com o cursinho. Ela queria passar em medicina, mas lá no campus de Ribeirão, porque ficando perto do Bruno, convivendo mais com ele, tudo no namoro melhoraria.

Na mesma época em que Júlia entrou no cursinho, Beatriz trocou de colégio. As coisas já tinham melhorado um tanto durante a sétima e a oitava série, ela fez amigos e havia tempo que a mãe não ia mais para o hospital. Quer dizer, ir ela ia, para fazer exames, ver o médico, mas não ficava mais internada, Graças a Deus e à Virgem Santíssima! Estabeleceu uma meta para esse ano: que Deus lhe perdoe o palavrão, ela iria tacar o foda-se. Não assim, de fazer coisas erradas, mas de não ter tanto medo do que os outros iriam pensar... Além disso, poderia finalmente começar a pesquisar programas de intercâmbio.

No novo colégio, não havia mais de 12 alunos na sua sala e todo mundo acabou ficando amigo. Pela primeira vez, ela se sentia incluída. Quando completou 15 anos, começou a dar aula de catequese e se dedicava a fazer seu melhor para cativar as crianças. Assim, passo a passo, foi perdendo a vergonha, e inclusive fez amizade com várias pessoas da igreja. Gostava dos meninos da banda da missa das 18 horas e mal podia esperar para fazer o encontro de jovens ela mesma.

Era assim: depois dos 15, você podia fazer o encontro, mas primeiro como participante, e aí você passa dois dias inteiros na casa da paróquia, isolada de qualquer contato com o lado de fora, e fazendo diversas atividades. Não se pode dizer exatamente o que acontece lá, senão estraga toda a surpresa, mas é um negócio que mexe com as suas emoções e te muda

de dentro para fora. Depois disso, quem já fez o encontro se reúne todo domingo depois da missa para fazer algum projeto beneficente, ou uma roda de oração, um grupo de estudos, várias coisas.

o encontro

Chegou o seu dia de fazer o encontro de jovens. Rezou pela mãe, muito mesmo, e agradecia a Deus pelo câncer não ter voltado. Já fazia quase 4 anos, só mais um pouco e talvez pudesse comemorar. Se sentia amada e compreendida pelos novos colegas, tão chegados a abraçar. No meio do encontro, teve uma palestra sobre sexualidade. Quem falava lá na frente era um rapaz de seus 30 e poucos anos. Ele contava que, aos 20, foi cantor de pagode, teve meninas fáceis, bebida e sexo casual e que achava tudo isso normal, até que, um dia, o Espírito Santo tocou seu coração e ele resolveu parar, voltar para a igreja, propor casamento à namorada e, aos 28 anos, começou a praticar a castidade - a de verdade, nada de ficar se masturbando ou de fazer outras coisinhas com o parceiro. Essas coisas alimentavam o desejo e acabavam levando ao sexo. Além disso, Deus criou o sexo para ser desfrutado a dois, dentro da benção do casamento - assim, um sexo sem outra pessoa e sem a possibilidade de gerar vida é um sexo egoísta, feio e sujo. Também não se deve transar fora do casamento, porque está escrito na bíblia que a união de corpos é a consumação do casamento em si - ou seja, se você já fez sexo com outra pessoa, você já compartilhou de um matrimônio sem a benção de Deus. Mais que isso: você já adquiriu um pedaço da alma daquela pessoa,

e, se continuar transando com qualquer um, vai se tornar um repositório de energias ruins.

Acima de tudo isso, guardar as descobertas para depois do casamento é se preparar para uma experiência incrível de aprendizado e de amor. Muita gente se separa hoje em dia porque casa e não tem mais o que descobrir do outro. E, por outro lado, um rapaz de bem quer casar com uma moça pura, que tenha sido forte o suficiente para segurar seus instintos e esperar por ele, mesmo antes de conhecê-lo.

Bia pediu perdão mais uma vez por todas as vezes que tinha se masturbado. Estava decidida a parar. Achava a castidade, esse sacrifício do esperar, de conseguir resistir às tentações do mundo, um dos valores mais bonitos que uma pessoa poderia ter. Inclusive, em atividades com os outros jovens, ela gostava de trazer o tema à tona e falar da sua importância - claro que não comentava sobre sua incapacidade de ficar longe dos pensamentos impuros. No fundo, queria reforçar a importância disso, provar para si mesma que poderia ser forte e aguentar. Refazia suas promessas de purificação. Queria seguir a castidade à risca, assim, quando encontrasse o homem que Deus destinou para ela, o amado saberia que Bia não era igual às outras, que era especial por ter esperado, demonstrado amor, devoção e paciência.

O encontro intensificou todos os sentimentos, proporcionava momentos de extrema felicidade, depois te colocava em contato com seus mais profundos arrependimentos e, mais tarde, ainda transformava estranhos solidários em seus melhores amigos da vida toda.

o grande término

Júlia decidiu terminar com o Bruno. As brigas já eram tantas que ela mal tinha tempo e cabeça para se concentrar no cursinho. Estava exausta daquela relação, mas o amava tanto que buscou uma solução que pudesse salvá-los. Terminariam agora e voltariam quando ela fosse para Ribeirão cursar medicina. Nem se inscreveu para as faculdades da capital, porque sabia que, se passasse em uma delas, o pai não deixaria ela ir para o interior.

Porém, eventualmente, seu pai, Lúcio, descobriu o plano. Ralhou com a filha, porque onde já se viu querer tanto sair de casa assim? Além disso, havia ela se esquecido da doença da mãe? Como ela podia querer ir morar longe bem agora? Ela não esquecera, mas a vida toda a mãe conviveu com isso: ela tinha câncer mas estava bem, andava de carro por aí, fazia suas coisas, cuidava da casa, estava forte e não precisava da ajuda de ninguém. Além disso, eram só cinco anos de faculdade, nos quais a filha voltaria para a casa aos finais de semana, e depois, quando chegasse na residência, poderia morar em São Paulo e estar perto da mãe.

Não adiantava discutir: primeiro ela precisava passar no vestibular e, por isso, começou a gastar horas estudando com André. Ele se oferecia para acompanhá-la de aqui até lá, dava aulas particulares, fazia de tudo por ela. Júlia entendeu que ele gostava dela e tentou ficar com ele, seguir a vida sem Bruno temporariamente. Com André, o namoro era apazível, só discutiam se o tema fosse Corinthians contra São Paulo. Algumas semanas depois do encontro de jovens, o tecladista da banda começou a galantear Beatriz. Ele era uns três anos mais velho e tinha pinta de líder do Twister versão acessível e foi logo pedindo a menina em namoro. Seu primeiro beijo foi com o

tal, o Luís. A mãe não gostou da ideia, achava que ele era muito, digamos assim, saidinho para a filha, mas permitiu o namoro.

Júlia nunca imaginou essa cena, mas começou a sair em encontros duplos com a irmã. Um dia, os dois casais, com o premissa de estar assistindo a um filme, cada parzinho em uma ponta do sofá se beijavam e trocavam carícias. Quando a Simone entrou na sala, surpreendendo as irmãs, não ficou nada contente, mas deixou estar. Por mais que fosse só beijo na boca, a mão daquele namoradinho metido a músico estava nas coxas da Beatriz e a menina era muito nova para essas coisas. Quando os garotos foram embora, Simone chamou a caçula até a cozinha e, ao contrário do que Bia esperava, a mãe não deu um sermão sobre castidade, esperar até o casamento, nem nada, apenas que achava que ainda não era hora para deixar o namorado tomar essas ousadias, queria que a menina esperasse para fazer cada coisa no seu tempo certo e com alguém em quem confiasse muito - ela acabara de conhecer o tal do tecladista - então era melhor segurar a onda por agora. A filha concordou: é que não tinha intenção de fazer nada mesmo, só beijo.

a notícia

Beatriz, aos 15 anos, e Júlia, aos 18, foram chamadas para uma conversa. Há algumas semanas, quando a mãe foi ao hospital tirar água do pulmão, os médicos notaram que havia aparecido um novo tumor. Não era boa notícia e ninguém sabia como o quadro poderia evoluir. Bia não podia acreditar: há algum tempo parou de pedir que Deus curasse a mãe e passou a

agradecer pela cura. Que idiota ela era de achar que já podia ficar aliviada. Júlia não sabia se isso representava mais uma daquelas fases difíceis em que a mãe ficava internada, indo e voltando do hospital, ou se era algo novo e mais perigoso.

o desapego

Talvez pela saudade, sabe-se lá o porquê, mas Bruno resolveu ligar para a ex, que, se estava bem sem ele, foi só ouvir a voz do garoto para sentir o coração saracotear. Terminou com André, mas Bruno não tinha intenções de pedir que ela voltasse porque Júlia, que mal terminara com ele, que dissera que era um término passageiro, para voltar depois, já havia arrumado um namorado. Mesmo se eles voltassem, não seria igual, porque ele não se esqueceria desse tipo de atitude e ela precisaria provar com muita consistência que seria uma pessoa melhor, digna de confiança.

Eram muitos sapos a serem engolidos para reconquistar a crença do namorado. Tinha de dar satisfações e ouvir calada que ele tinha encontrado uma menina linda, que, na cama, fazia coisas que ela, Júlia, nunca fizera para ele, e de todas as outras que já, a lourinha fazia melhor. Era só uma fase, se convencia Júlia, logo estaria em Ribeirão e tudo ficaria bem

Um dia, no cursinho, à revelia de tudo que era de costume, Júlia deu trela para um rapaz que estava só de passagem. Ele, Gustavo, com muito prazer, estava cursando engenharia, gostava de jogar polo, e queria saber se ela poderia tomar uma cerveja com ele na terça. A garota se lembrou que não importava quantas vezes ela jurasse para Bruno que ficou em casa,

que estava só estudando, que não ia ao bar com os amigos homens do cursinho, ele continuava descreditando e tratando Júlia como uma criminosa. Pois bem, então melhor que ela cometesse o crime de uma vez por todas e deixasse para ser uma pessoa melhor quando fosse para a faculdade.

dever de namorada

Júlia nunca tinha transado sem aliança no dedo, mas não era por pudor - tanto que, tão logo sentiu os braços do Gustavo apertando sua cintura, não lhe ocorreu recusar a proposta - era só que não sabia ser solteira. Ela não queria namorá-lo, mas pretendia dar continuidade às aulas de anatomia que agendava semanalmente com aquele corpaço docente. Bruno fora quem ensinou tudo o que ela sabia, e não era muito. Com o ex, ela só transava porque queria cumprir seu dever de boa namorada e porque acreditava que, se não o fizesse, ele a trocava. Nunca aproveitou muito o sexo, mas nem se preocupava consigo, só queria que estivesse bom para ele. Imagina que nunca lhe havia ocorrido que o homem pudesse fazer oral numa mulher! Ah, e com Gustavo, era o oposto. Não tinha obrigação nenhuma, atendia a todas as chamadas porque queria de novo aquelas sensações incríveis. Foi com ele que Júlia descobriu o orgasmo a dois pela primeira vez. Será que as amigas sabiam dessa coisas? Talvez não, elas nunca mencionaram...

Do sexo, nasceu uma amizade colorida e Gustavo se indignava com as histórias que envolviam Bruno. Como Júlia podia acreditar naquilo de que alguém deve ter pego as fotos dela nua que o Bruno guardava,

porque ele chegou em casa e achou a pasta aberta? Era chantagem barata, para ela ficar com medo. Mas Gustavo achava que era blefe, que ela devia mandar o ex se danar e que fizesse o que quisesse com as fotos.

Os dois se apegaram à companhia um do outro. Quando caiu em si, Júlia já não se via mais ao lado do Bruno e, muito menos, longe do Gustavo. Depois de um tempo, assumiram o namoro.

desabafos

Bia convidou a Júlia para ir com ela ver a estreia de *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Ultimamente, as irmãs conversavam mais e a diferença de idade já não era tanta. Beatriz estava chegando ao final do colegial e já pensava em faculdade; fora isso, Júlia andava pensando em desistir da medicina e cursar terapia ocupacional. A mais nova gostava de desabafar com a mais velha, mas Júlia achava muito esquisito falar de intimidades com a irmã, Baby - Bia era tão pequena e agora já tinha até tido um namorado. “Tinha”, porque o namoro com o Luís não durou muito. Júlia não fazia perguntas, só ouvia e depois procurava uma solução prática. Dela mesma, nunca disse nada para Bia, porque a caçula não mentia para a mãe e era melhor não arriscar. Além disso, a mãe não andava bem. Desde a descoberta do novo tumor, as meninas viram Simone perder os cabelos novamente, ficar mais magra e abatida.

a mãe

Choraram sem saber quando parar no dia em que o médico alertou que o quadro da Simone evoluiria para óbito. Era uma angústia sem fim ouvir que a mãe morreria e, ao mesmo tempo, ter de engolir a tristeza se quisessem desfrutar de mais um, dois anos ao lado dela. Beatriz rezava, pedia um milagre, dizia que, caso não houvesse rezado direito antes, que Deus lhe perdoasse e mostrasse o jeito certo, mas que salvasse sua mãe. A sensação de ver a mãe ali e saber que logo ela não estaria, era paralisante, como se estivessem apenas à espera de uma fatalidade.

No dia 2 de abril de 2011, quando os médicos não podiam mais fazer nada, a morte foi quem tirou Simone do sofrimento. Choraram menos nesse do que no outro dia. A mãe estava em paz, ao lado do Pai, da Virgem Maria e de todos os anjos e santos. Elas sentiriam falta de tê-la por perto. Não era a necessidade de ter a entidade mãe prestando cuidados, porque sabiam se virar sozinhas, mas gostavam da companhia dela, da calma que ela passava, da bondade que ela ensinava. Choraram e rezaram junto ao pai.

Quando Beatriz estava triste, Júlia tratava de levá-lhe suas comidas favoritas e vice-versa. Não se deixavam cair, assistiam a um seriado e ficavam horas vendo o drama alheio para não lembrar o delas. Júlia se aproximava mais e mais do Gustavo. Logo no começo fraquejou, e, quando ouviu a voz do Bruno de novo, pensou que ainda amava o ex, mas logo caiu em si percebendo que nunca fora amor. Assumindo que era obsessão, o sentimento passou. Ela gostava do Gustavo, muito mesmo - confiava nele, mais que em qualquer pessoa, e não tinha ciúme porque não tinha medo que ele a deixasse. Às vezes, até queria ter um relacionamento aberto. É que, olha só, desde os 14

esteve presa ao Bruno, e, quando se livrou da obsessão, já estava em outro relacionamento. Nunca soube o que era estar solteira, pulou uma fase da vida, precisava explorar um pouco mais, sair, ficar com pessoas. Pediu a Gustavo para abrirem o relacionamento. Ele não gostou da ideia: não é que ficou bravo com ela nem nada, mas não ia conseguir ficar tranquilo sabendo que ela ficaria com outros. Quando Gustavo teve de dar uma notícia à garota, Júlia parou de pensar no assunto, não dava tempo. É que ele estava com câncer, um tipo de leucemia. A garota precisava ajudá-lo a seguir o tratamento e a faculdade – e, além disso, precisava ajudar a si mesma.

o conto de fadas

Em uma festa de um amigo da Igreja, Beatriz conheceu um garoto da sua idade, todo gentil. Ficaram nesse dia, no seguinte, e quando foram ver, já eram namorados. O garoto, Felipe, era tal qual o galã das histórias dela: romântico, cheio de elogios e dava todo o valor que ela merecia. No aniversário de um ano de namoro, ele a levou para jantar no Terraço Itália e, na hora da sobremesa, tirou do bolso do paletó um papel dobrado com muito cuidado. Era presente. Ela abriu e viu um mapa de estrelas e com o nome da mãe na cabeça. De acordo com o registro de Felipe, Simone tinha virado oficialmente um astro solar e estava ali, bem no meio daquela constelação que ela gostava. As coisas que ele fazia por ela, todas lindas... Quando Bia disse que queria casar virgem, ele respeitou. Foi quando ela mudou de ideia, mas não exatamente por esse

motivo, que o castelo de conto de fadas começou a apresentar suas rachaduras.

É que algumas coisas foram mudando dentro dela. Ela passou na faculdade de psicologia logo no começo do namoro. Depois de estudar tanto, começava a desacreditar em certas coisas da igreja, como o criacionismo, as regras do Levítico e as picuinhas da comunidade a desmotivaram. No dia em que percebeu que era a favor da legalização do aborto - simplesmente porque assim, ela e as que acreditassem ser pecado, poderiam continuar acreditando, e quem quisesse fazer essa escolha, poderia fazê-la com segurança - não sabia mais se podia chamar-se católica. É que não acreditava ser possível seguir meia religião.

Virou rotina dormir na casa do Felipe. Na dela, não podia, mas na dele o pai deixava. Às vezes, as coisas esquentavam. Ela tinha muita vontade. Culpa e medo do pecado também, mas era tanta vontade que ela mesma acordava Felipe de madrugada para provocá-lo com uns beijos. Ela ainda pretendia casar virgem, com ele inclusive, isso que fazia de madrugada eram só uns amassos, umas brincadeiras.

De repente, nem sabia mais se queria esperar. A tia, que vivia como missionária de Deus, disse que era normal ter desejo, e que se ela amasse o namorado, se esses toques traziam felicidade, ela não precisaria ficar preocupada. Só tinha que se cuidar para não engravidar, nem pegar doença. O líder do grupo de jovens, que era cheio dos conselhos, um Jesus Cristo Superstar acessível, recomendou que ela não se preocupasse, porque algo tão bonito, que não machuca nenhum irmão e ainda faz bem a dois que se amam de verdade, não haveria como ser pecado. Beatriz também sabia que a irmã, Júlia, transava com o Gustavo, e eles eram um normal, apai-

xonados, não parecia que eles viviam cultivando um pecado destrutivo.

Então, já não pensava mais em casar virgem, mas queria que sua primeira vez fosse especial, que ali conseguisse se unir de corpo e alma ao namorado numa sintonia inquebrável. Ela e Felipe, num amasso especialmente quente, chegaram àquele ponto em que só o que falta mesmo é romper a faixa de largada, mas daí não passaram. Uma dor aguda, dilacerante, tomou todos os seus sentidos e a garota não teve condições de continuar. Talvez não fosse o momento ainda.

Voltaram para os antigos amassos. O primeiro ano de namoro foi o melhor ano da sua vida. Nunca se sentira tão completa e tão amada. Eram absolutamente sinceros um com o outro e nada ficava de baixo dos panos. Depois de meses, resolveram tentar novamente. Dilacerante. Ninguém disse a ela que a primeira vez era tão difícil, nos filmes era tão mais simples, parecia que era só ter amor para ser inesquecivelmente bom. As amigas diziam que era assim mesmo, que sempre doía na primeira, na segunda, na terceira vez, até a quarta. Ela só precisava tentar mais e ganhar prática. O jeito como elas falavam parecia tão simples, coisa tão boba que só alguém muito incapaz para não saber disso. E não era justo. Ela, Beatriz, a que fazia papel de inexperiente quando contava seus não-feitos, foi quem começou a namorar e a fazer todas essas preliminares primeiro. Júlia falava o mesmo que as amigas, que era só ter calma, que era normal e que não havia nada de errado com Beatriz.

Seguiu o conselho de praticar mais. O sexo começava bem, mas quando estavam lá, os dois, de frente para a linha de chegada, só faltando romper a faixa, Beatriz sentia dor. Não era uma dor que se ignorasse, muito menos uma que se pudesse mencionar poste-

riormente como se fosse uma bobagem. Não era possível nem pensar na maldita sem sentir sua agudeza. Para não cortar o clima do parceiro, se oferecia para fazê-lo gozar com um oral, ou com o que fosse, e nesse momento tinha dois trabalhos, o de satisfazer Felipe e o de esconder a tristeza e a decepção consigo mesma.

a dor

Tentou de novo e de novo. Tentou exaustivamente e se exauriu. Chegou a desabar de chorar no meio da tentativa. Sentia-se uma incapaz, defeituosa de fábrica. Não se conformava com o fato de que, depois de tanto tempo com Felipe, não conseguisse transar direito com ele. E se esse negócio nunca passasse? E se ela nunca tivesse uma vida normal com o namorado? O pior era que, a partir daí, quando Felipe começava qualquer carinho, Beatriz já ficava com pavor de imaginar aonde aquilo chegaria. Já não tinha mais aquela ânsia de outros dias de comer o namorado a beijos e de grudar na pele dele para nunca mais soltar. Vendo a tristeza de Beatriz, o namorado também perdia seu ânimo. Se afogava na culpa de não satisfazê-la e na insegurança de não ser querido. Tentaram de tudo: vinhos, hotel bonito, música romântica, velas, chegaram a ficar um mês viajando, vivendo uma lua de mel aos 19 anos, e nada. Não teve uma noite em que Beatriz não sofresse com a maldita dor que não permitia que ela pensasse nem sentisse mais nada. Voltaram trazendo consigo a desesperança.

Ao invés das memórias dos orgasmos de antes, agora Beatriz só lembrava das dores. O ginecologista lhe recomendou Emla, uma pomada que funciona-

va com anestésico local - afinal, se estava sentindo dores, a solução era não sentir nada, não é mesmo? Parecia que só um milagre curaria sua deficiência. Pensou que precisava voltar à igreja, rezar, pedir a Deus. Inclusive, talvez esse martírio fosse castigo por ter se afastado. A pomada não resolveu, só fez arder mais. Procurou outra médica, agora uma mulher, e talvez assim Beatriz se sentisse mais compreendida, mas saiu do consultório apenas com uma receita de ansiolítico na mão.

Ansiolítico? Ela estava cursando o segundo ano de psicologia, e podia não ser muito, mas era o suficiente para saber que uma ginecologista não deveria sair receitando esse tipo de medicamento sem um acompanhamento psicológico. E sim, ela estava ansiosa, o namoro com Felipe já não era mais o mesmo, ela nem conseguia desabafar com as amigas porque era degradante demais admitir que ainda não conseguia ter uma transa normal com Felipe e tudo isso a deixava prestes a explodir em nervos por qualquer coisa. Mas não via como o ansiolítico resolveria seu problema se a dor era a causa do seu nervosismo, e não consequência.

Não botou fé na solução da médica, mas andava tão desgastada, que tomaria o ansiolítico, porque, mesmo tendo certeza de que sua ansiedade não era causa do problema, já tinha virado sintoma deste, e Beatriz precisava aliviar ao menos uma parte dessa tensão. Semanas depois, ela só estava ainda mais ansiosa, porque agora, às suas aflições, também se somava a expectativa de "Quando diabos esse comprimido vai fazer efeito?". Para piorar, se o namorado tentava consolar a garota, dar um carinho, oferecer colo, ela chegava a ter até calafrio, porque seu corpo inteiro se estremecia só de pensar que talvez o namorado quisesse tentar mais uma vez.

Só queria que o relacionamento voltasse a ser como antes. Quando Beatriz se deparou com um edital de intercâmbio da faculdade, que permitiria a ela fazer pesquisa no exterior, na Irlanda e ainda estudar a língua, ela lembrou do seu sonho de infância.

Beatriz não tinha certeza se ganharia a bolsa, tampouco tinha certeza se deveria ir. Por um lado, talvez a distância ajudasse no relacionamento com o Felipe. Os dois andavam muito reativos, cada um carregando seu fardo de esforços estéreis nas costas o qual, ao menor sinal de rispidez, explodiria em inseguranças. Talvez tomar um ar e sentir saudades fizesse com que eles curassem as pequenas mazelas, permitindo que cada um voltasse a sentir o que sentia no começo. Talvez. Mas também havia a possibilidade do intercâmbio se tornar o gatilho do fim.

relacionamento aberto

É duro amar alguém quando o toque dessa pessoa te causa repulsa e, ao mesmo tempo, o que mais se precisa é de um afago. Sendo assim, Beatriz achava que amar à distância deveria ser mais aconchegante.

Vivia por pensar em soluções. Ainda tentava o ansiolítico, as rezas e, depois de dez minutos de conversa com um veterano da faculdade, teve uma ideia incomum e desesperada. É que no banco, ouvindo o colega falar da próxima festa, sentiu um calor nas entranhas. Um pouco era atração por ele, mas, maior que isso era o sentimento de excitação pela simples ideia de querer alguém sem medo da dor, sabe? Ter uma conversa leve, e sentir-se desejar outro corpo, permitir uma curiosidade sem medo. E essa era

a ideia. Ela e Felipe arrastavam-se como os ratos brancos da aula de comportamento. A dor os havia condicionado. Relacionavam a presença do outro a sofrimento e angústia, e qualquer passo que dessem para tentar fugir só os empurrava mais rápido para o velho cenário de desespero e insegurança. Precisavam, principalmente ela, dissociar o toque, qualquer que seja, desse contexto.

Se abrissem o relacionamento, se ficassem com outras pessoas, se lembrassem quão inofensivo era um cheiro no pescoço, talvez perdessem o medo de si e voltassem a se querer. Era uma ideia louca, mas nem tanto. Não seria um beijo que acabaria com os sentimentos que ela teve pelo Felipe durante esses dois anos de namoro, e, quem sabe, isso não fosse o elemento chave para quebrar o ciclo “dor-medo da dor-dor”? Era só uma ideia, mas era válida.

Bia não escondia nada do Felipe. Nadinha. Na sua cabeça, era maior traição mentir sobre os sentimentos, que ficar com outro para tentar arrumar o que tinham, portanto apresentou o plano ao namorado e imaginou que o máximo que poderia acontecer seria, tal qual se passou com a irmã, ele não gostar da ideia. Imagina. Felipe recebeu a ideia como um soco no estômago. Não só o conceito lhe era inconcebível como a proposta em si lhe soava como uma punhalada nas entranhas. Como Bia podia pensar em ficar com outros se mal conseguia chegar perto dele? Se ela o amasse de verdade, nem sequer teria essas vontades. Por mais que a garota tentasse explicar que só havia feito a proposta porque queria muito consertar o relacionamento deles, porque sentia-se uma pedra, fria, seca, sem tesão, inerte e porque tudo o que ela queria era voltar a desejar Felipe para poder ter com ele uma vida normal, o parceiro não conseguia engolir tal justificativa.

A proposta desencadeou uma semana de discussões e explicações até que, lá pelo carnaval, Felipe pareceu entender os motivos dela e ainda disse que ela deveria ir ao bloco sozinha, numa boa. Ela precisava ir e viver a vida dela, sem se preocupar. Beatriz sabia que custava caro ao namorado ceder esse tipo de liberdade, e só por fazê-lo ela já o amava um tantinho a mais. Encontrou o tal do veterano no bloco, resolveu levar seu plano a cabo e beijá-lo. O fez. Era estranho, mas ela estava se vendo com vontade, com tesão - além disso, era mais do que simplesmente sair do sofrimento, Beatriz não tivera isso de sair e ficar casualmente com pessoas, e tudo era novidade. Estava feliz de se ver com desejo de novo e a sensação de êxito a deixava mais empolgada ainda. Mergulhou naquilo, foi até o apartamento do veterano. Nos encaminhamentos da pegação, resultou que Beatriz conseguiu ter penetração.

É claro que sentiu dor, mas era o primeiro passo para a cura. Era, mas estava doendo, e sabe-se lá quando o garoto acabaria com aquilo. Pronto, agora ela só queria ir embora, começou a pensar no Felipe, a sentir-se culpada.... Não podia mais ficar ali.

Se martirizou pelo feito e chegou à conclusão de que não queria mais ficar com outras pessoas. Ligou para Felipe, queria conversar sobre o ocorrido, comunicar que decidira não tentar mais essa coisa de ficar com os outros. Não era assim que ela queria levar a vida, mas, pelo menos, da experiência ela pode descobrir que era capaz da penetração, e que, agora... Estava tudo terminado, comunicou ele. Sim, ele dissera para ela viver a vida dela porque queria que ela tivesse a oportunidade de escolher, mas se ela escolheu ir direto para a cama com outro, isso queria dizer que ela não o amava. Beatriz suplicava que ele

entendesse que ela só o fez porque entendeu que ele tinha entendido e permitido, naquela conversa antes do bloco. Ele assegurou que ela supôs errado, talvez o fez porque lhe foi conveniente. Ele nunca imaginara que ela se tornaria esse tipo de garota. Não queria mais ficar com ela, não conseguiria mais confiar nela. Ela tinha feito sua escolha.

Não, Beatriz não se conformava com a reviravolta da história. Ela só o fez porque ele consentiu, e disse com todas as palavras que queria a ele, Felipe, e que estava certa disso. Entendia o quanto a situação era difícil para o lado dele, mas não podia acreditar que Felipe abriria mão de tudo o que passaram juntos por orgulho. Não tinha nada a ver com Deus, mas sempre acreditou que perdoar era uma das essências do amor.

a distância

Tivera medo de ir estudar no exterior e ver a distância desencadear o fim, mas agora, diante do término, só lhe restava era investir no intercâmbio. Era seu sonho e via nele um fiozinho de esperança. Ou a distância devolveria Felipe para ela, ou o tiraria de vez da sua vida. Qualquer uma das duas opções eram melhores que o limbo em que vivia agora.

Bia foi aprovada para o programa de intercâmbio e faria pesquisa na Universidade de Trinity - que não era na Inglaterra, como no sonho original, mas era perto, na Irlanda - e, além disso, ganhou a bolsa que custeava suas despesas. Quando recebeu a notícia, Júlia se encarregou da comemoração e chegou em casa com um carregamento de chocolate para parabenizar a irmã. Era primavera na vida das

duas: Júlia andava aliviada porque Gustavo já estava praticamente curado do câncer, só restava esperar e rezar que nada voltasse, e Beatriz partia para o seu sonho de infância.

Na nova universidade, Beatriz passava o dia nos laboratórios cheios de professores, doutores, mestrandos e, no final do expediente, Sarah - companheira de pesquisa - arrastava a novata consigo para todos os cantos e compartilhar quase tudo com Beatriz: os amigos, as cervejas, os bolos de chocolate e até as angústias. Desde que entrou na faculdade, Beatriz começou a ter uma visão diferente sobre questões de igualdade de gênero e foi na Irlanda onde foi se aproximando das ideias feministas. Muitas delas ajudaram.

Ainda mandava cartas para Felipe, mas parecia ter desencanado um bocado, principalmente porque saiu com uns carinhas e transou com alguns desses. No começo, se sentia aliviada por conseguir ter penetração, ainda que tivesse dores, mas, algumas transas depois, sem notar progresso, se questionava se teria de se conformar com esse sexo medíocre e dolorido para o resto da vida.

Nas cartas que escrevia para Felipe, dizia que sentia falta dele como amigo e como namorado. Desabafava, e por vezes fazia alguma pequena declaração. O garoto só respondia que eles não poderiam ter o relacionamento que tinham antes, nunca mais, e que o término fora escolha dela. Beatriz se recusava a tomar para si essa culpa: ela deixou bem, bem marcado mesmo, que queria tentar um relacionamento aberto, mas que, se ele não quisesse, tudo bem, a prioridade dela era ele. Além disso, não foi uma traição, porque ele dera sinal verde e, se o fez para testá-la, foi completamente desonesto da parte dele, porque Bia nunca fez jogo com ele. A escolha não foi dela.

Foi ele quem, por um erro dela, resolveu abrir mão de todo o amor que eles cultivaram. E era ele que, em um momento tão importante da vida dela, como seu intercâmbio, ao invés de dar-lhe apoio, fazia com que ela se sentisse culpada. Não tinha o que rezar, não dependia de Deus. Era ela e Felipe. Ela fez o que podia, agora estava nas mãos dele.

A Irlanda foi liberdade, independência, cervejas, novos amigos, música. Foi festa, saudade, e também foi culpa e nostalgia. Saiu daquela terra prometendo voltar.

livre e desimpedida

Quando chegou ao Brasil, estava decidida a resolver qualquer assunto que estivesse pendente. A começar por Felipe. Não queria voltar com ele, mas marcou uma conversa. Ele dizia que sentiu muita saudade, que quando reafirmava que não queria mais ficar com ela, o fazia porque seria melhor que ela o superasse de uma vez por todas. Achava que os dois carregavam muitas mágoas para seguir em frente. Aconteceu de se beijarem. De repente, dormiram juntos. Melhor que fosse assim, sem compromisso.

No dia em que aconteceu de dormirem juntos, tudo parecia como se fossem os velhos tempos, inclusive ligou para avisar ao pai que dormiria na casa do Felipe, tal qual o fazia quando namorava. Não lhe ocorreu que o pai ficaria irado, porque onde já se viu, ela, que não estava mais namorando Felipe, se prestar a esse papel? Ordenou que a menina voltasse imediatamente para a casa. Beatriz não o fez. O pai, inconformado com a transgressão da caçula, foi di-

zer a Júlia que não sabia o que fazer com a Beatriz. Júlia, que sempre escolheu ignorar a bater de frente, não pode ficar neutra quando o Lúcio, em meio ao seu discurso inflamado, disse que a mãe ficaria decepcionada com Beatriz se a visse hoje. Que ele nunca mais metesse a mãe delas no meio, alertou Júlia. O pai achava que conhecia a esposa que teve, mas Júlia também sabia muito bem quem foi a mãe e que certos lados dela o pai jamais chegou a conhecer.

Júlia sabia que a Simone, quando jovem, ameaçou terminar o noivado com o Lúcio quando ele quis transgredir a castidade antes do casamento. A mãe fora assim mesmo, correta, inviolável, mas nunca impôs que as filhas também o fossem, e sempre procurou entender as garotas. A verdade é que, enquanto Simone era viva, o pai deixou toda a criação das filhas nas mãos dela, e agora, sozinho, não fazia ideia de como lidar com essas questões.

Beatriz chegou em casa sem abaixar a cabeça, e quando ouviu o primeiro cutucão em que o pai insinuava saber ela muito tem o que tinha feito de repreensível na noite anterior, ela questionou o que ela tinha feito de tão errado para tamanha reação da parte dele. Sair e transar? Sendo solteira? Acaso teria ele tido essa postura se fosse um filho homem? Não! Ah, por quê? Porque eles não engravidam?! Bom saber que o pai deixaria um filho seu engravidar alguém e sair sem se responsabilizar. Ah, e que ele nunca mais ousasse colocar a mãe dela no meio da discussão. Agora era ela quem tinha as rédeas da própria vida, e se ela quisesse sair com Felipe ou com o diabo à quatro, sem estar num relacionamento, ela o faria.

E o fez. Saiu com Felipe e com vários outros. Por um lado, queria aproveitar a vida de solteira e ter encontros casuais, incluindo os que tinha com o ex.

Por outro, tinha esperança que Felipe percebesse que ainda podiam construir uma história juntos se ele passasse por cima daquele carnaval. Ele dizia que nela não podia confiar. Demonizava o ocorrido como se ela fosse um animal sem controle do próprio impulso sexual. E assim ela se sentia. Dizia todas essas coisas, mas Felipe só deixou de vê-la quando informou a Beatriz que estava namorando alguém que o satisfazia muito mais, tanto emocionalmente quanto sexualmente. Beatriz sabia que havia feito tudo ao seu alcance para corrigir o erro e que a maldade derradeira partiu dele. Sabia, e ficou arrasada.

o nada

A mãe, os dias frios irlandeses, os cafés com Sarah, a independência de morar sozinha, Felipe, tudo era saudade dentro de Beatriz. Ainda tentava frequentar as festas da faculdade, viajar, fazer novos amigos e sair sem compromisso - transou com conhecidos e com desconhecidos. Quando faltava camisinha, Bia nem se importava. Não sentiu nada com a maioria deles, nem tesão, nem amor - e, com sorte, também não sentia muita dor.

Nada dava gosto. Os dias que passara com Felipe pareciam mais brilhantes, mais quentinhos. Eles nunca voltariam. Era como se a vida tivesse lhe dado o gostinho dos sonhos e depois lhe tirou tudo, mas tirou aos poucos, que era pra ela sofrer bastante. Quando ela achou que as feridas estavam bem suturadas, a dor do seu defeito, aquela que interrompia o sexo e que exauriu o amor, foi dilacerando outras partes de si. Beatriz não sabia ao certo quando foi

que as coisas começaram a dar errado, tampouco via maneira de consertar. Júlia, quando a percebia triste, tentava consolar, trazia chocolates, colocava na televisão seriados de comédia. Depois, puxava assunto e dizia que Beatriz estava vendo tudo pelo lado ruim, que mas passaria.

Júlia estava com o Gustavo quando recebeu uma ligação. Era Beatriz, com uma voz entorpecida, perguntando a que horas a mais velha voltaria para casa. A ligação caiu e Júlia correu com Gustavo para o apartamento onde moravam e encontrou Beatriz jogada na cama, mole que só. A mais velha fazia perguntas e a mais nova, sem conseguir responder, apontava para a escrivadinha. Perto da coleção de Hobbits de Júlia, estava uma cartela de remédios onde só restava um comprimido.

Beatriz não soube se seria capaz de aguentar até o sofrimento passar e só quis parar de sentir, só por um tempo. É que os dias se desvaneciam muito lentamente. Talvez sua sina fosse suportar e seu defeito fosse a fraqueza. Ela nunca aguentava o suficiente. Quando prometia, não cumpria ficar sem se masturbar. Também não aguentou esperar até o casamento e não pode sustentar a dor de ser penetrada. Não aguentou esperar que as coisas se resolvessem e buscou uma solução que acabou com o seu relacionamento. Agora, por ter sido fraca, teria de carregar essa dor horrível esmagando seu peito. Por isso, naquela tarde, ela pegou uma garrafinha de água, deitou na cama e tomou um ansiolítico. Só queria que sua cabeça parasse por um momento. Alguns minutos depois, tomou outro. Só queria calar aquele aperto no peito. Tomou mais um. E aquela falta de ar... Outro. Precisava apagar por um tempo. E outro... Antes que sucumbisse.

Gustavo carregou Beatriz até o carro e foram para

o hospital. Apesar de dopada, a garota tinha sinais de consciência e Júlia imaginava que a irmã estava fora de perigo. Mesmo assim, o coração destrambelhava dentro do peito. Gustavo e Beatriz eram as duas pessoas no mundo que passavam mais tempo ao seu lado, falando da vida, comendo, vendo TV. Já havia perdido a mãe e, desde que Gustavo descobriu o câncer, passara os últimos anos com o coração na mão. Por que logo agora, que o namorado saia da zona de perigo, a irmã se metia a dar tamanho susto?

O médico garantiu que, feita a lavagem estomacal, a menina ficaria bem, mas era preciso a assinatura do pai delas para a liberação da alta: do contrário, ela ficaria retida por motivos psiquiátricos. O pai não entendeu nenhuma das razões que desencadearam aquilo, mas Lúcio nunca pode entender Beatriz mesmo. Júlia prometeu para si que conversaria mais com a irmã daqui para a frente e, passado o episódio do remédio, gastou um bom tempo organizando cronogramas para não deixar Beatriz sozinha em casa.

a dor tinha nome: vaginismo

Se o mundo fosse como nos seus sonhos de infância, se houvesse magia nele, talvez seus males se curassem mais depressa, mas, na vida real, tudo leva tempo. Aos poucos, Beatriz foi procurando soluções, e decidiu que alguém no Brasil havia de poder ajudar a consertar seu problema, sua dor. Pediu indicações a professoras na faculdade, procurou na internet e encontrou um nome: Vaginismo. Ela não era a única com essa coisa e havia tratamento. A médica com quem passou em consulta, dra. Teresa, lhe deu uma

explicação que fazia sentido. Não era falta de relaxar, nem de lubrificação: era uma retração do músculo causada, a princípio, por algum motivo psicológico ou físico, e, devido à essa contração muscular qualquer tentativa de penetração se tornava extremamente dolorosa. Depois de um tempo, é a memória física da dor que vai desencadear a trava do músculo, que reage assim para evitar outra investida sexual sôfrega, ainda que isso acabe gerando mais dor. O motivo pelo qual a trava é ativada num primeiro momento, é pessoal e nem sempre a pessoas que sofre com o vaginismo vai ter consciência de qual foi o gatilho, mas Beatriz desconfiava que o dela tinha alguma coisa a ver com o medo do pecado.

A saída era fazer dois tratamentos juntos: psicológico e fisioterapêutico. Todo dia, por 15 minutos, ela deveria massagear a vagina inserindo próteses bem pequenas, menores que um dedinho, e, assim que o corpo parasse de sentir dor e o músculo começasse a relaxar com aquela pequena penetração, ela deveria evoluir para uma prótese um tantinho maior e assim por diante. A terapia, por sua vez, deveria garantir que a trava psicológica fosse desativada. Praticar os exercícios era enfadonho e desconfortável. Bia ficava com vergonha, mas tinha de pedir que a irmã ficasse fora do quarto por um tempo, e, se a mais velha já estivesse dormindo, a caçula acabava praticando na presença da irmã. Tudo bem, afinal, não tinha nada de erótico no exercício. Muito pelo contrário: era uma banalidade ficar ali se submetendo a uma pequena dor, até parar de senti-la.

Em determinado momento, já usando as próteses maiores, Beatriz se via exausta daquilo tudo. Ela percebia que sua tolerância a penetração havia aumentado em muito, no entanto temia que o sexo sempre se resumisse em tolerar. Não via progresso na parte

do prazer. A sorte é que a dra. Teresa tinha soluções de fato. Suspendeu as próteses e receitou um vibrador. De agora em diante, Beatriz deveria simplesmente se masturbar, tirar proveito daquilo. Que fizesse quando tivesse vontade, mas que deixasse de pensar no defeito e passasse a buscar o prazer. Ficou muito mais fácil.

abertura

Quando Gustavo já estava completamente recuperado, a relação dele com Júlia, andava tranquila e fresca. Então a namorada voltou a suscitar o tema do relacionamento aberto. Dessa vez, ele consentiu. Já estavam juntos há seis anos, não tinham planos de se separar e beijar alguém na balada, transar depois da festa, isso parecia coisa pequena se comparada ao que Júlia e ele passaram juntos. Talvez tenha lhe ocorrido que se essa liberdade fosse fazer um pequeno bem à namorada, então já valia a pena. Talvez houvesse um pouco de ciúme, mas não havia o medo de perder o outro. Estabeleceram regras: não podia manter contato nem criar um caso, era uma noite e nada mais. E assim foi. Ainda é, se der vontade. Nunca brigaram por isso. Beatriz admirava a resolução da irmã e do cunhado. Tudo tão civilizado, racional.

hpv

Durante o tratamento – que, aos poucos, progredia bem-, Beatriz arrumou um caso. Tentou, a exemplo da irmã, estabelecer um relacionamento mais livre.

Teve suas vantagens e desvantagens, mas, no fundo, era absolutamente normal. E normal era bom, porque não se sentia mais defeituosa, curtia as outras partes do sexo e já não desgostava da penetração. Durou alguns meses e, quando acabou, Beatriz estava prestes a embarcar de volta para a Irlanda. Era só uma viagem, parte do seu pacote de investimento na própria felicidade. Queria encontrar os amigos e Sarah, principalmente.

Fazendo todo um check up, a médica notou algumas verruguinhas. Disse a Beatriz que eram HPV e precisava cauterizar. A médica falou que era coisa simples, mas, para Bia, era como se o diagnóstico confirmasse que sua vida sexual era todo um desastre. Por que não pensou nisso na hora de fazer? A irmã ralhou com ela: onde já se viu transar sem camisinha? Com desconhecidos? Sabe, é que Júlia se preocupava, sempre fora extremamente cuidadosa, morria de medo por ela, e agora pela irmã também. Mas, ao ver que Bia só engolia seco com lágrima nos olhos, Júlia pediu desculpas, porque se a irmã estava tentando desabafar, ela não deveria ter sido tão grossa. Beatriz se sentia o pior ser humano do mundo, contagiosa e irresponsável. Só com muitos gráficos e dados, a ginecologista conseguiu convencê-la que HPV não era doença de gente com comportamento devasso, e nem ao menos mudaria a vida sexual dela: era algo extremamente comum, que acometia todo o tipo de gente, e, mesmo usando preservativo, não dava para evitar o contágio. A camisinha só protegia um pouco mais, por isso ela não precisava se sentir culpada, mas tinha que se cuidar, que poderia ter sido um mal pior e que ninguém está imune a nada.

Dias depois, Beatriz desembarcou em Dublin louca para sentir o ar frio entrando nas suas narinas.

Que saudades da Sarah, de tomar café, de colocar o papo em dia e de sair para os pubs com os amigos dela também. Beatriz já tinha prestado atenção em um dos meninos da turma, um ruivo de cabelo samambaia, mas, na época, nem desenvolveu nenhuma segunda intenção porque estava com a cabeça em outras coisas.

Agora, conversou com ele e se apegou no sorriso. Comprou uma cerveja para o rapaz, que não entendeu que aquilo era uma cantada. Sarah avisou que Eddie, o samambaia, tinha uma autoestima baixíssima e nunca acreditava quando alguém chegava nele. Bia o convidou para ir até o lado de fora, e, passando no meio da multidão agarrou-lhe as costas e aproveitou para tirar uma casquinha. Desde que parara de tomar o anticoncepcional, e não fazia muito tempo, andava mais a perigo. Algumas cervejas depois, ela o beijou. Acabaram no apartamento dele.

a vida real

Nada. Não doeu nada. Ela sorria para o teto sem controle da própria expressão. Melhor, gozou durante a penetração e só faltou fazer uma prece de agradecimento no meio do ato. Passaram várias noites juntos, e transavam durante horas. Depois, ela dormia no ombro dele, recebendo cafuné, acordavam falando da vida, contando histórias... Era um romance de comédia água com açúcar, incrível. Mas ela não podia se iludir agora, em poucos dias, ela voltaria para o Brasil, e aquilo não ia passar de uma amostra grátis de felicidade que a vida lhe deu sabendo que ela não poderia bancar o frasco inteiro. Não sabia exatamente


te o que tinha vindo primeiro: se foi o Eddie, as conversas e os carinhos que a deixaram tão confortável a ponto de transformar o sexo em algo tranquilo e maravilhoso, ou se foi o sexo gostoso que acendeu a paixão de coração mesmo. Talvez tenha sido os dois, ou talvez ela simplesmente estivesse curada e, de agora em diante, sexo seria bom sempre.

Voltou ao Brasil, continuou conversando com Eddie e, um tempo depois saiu com outro. Não. Não seria bom com qualquer um, e não era só sexo: sentia falta dele, da companhia, do sorriso tímido, dos cachos se entrelaçando nos dedos dela. Sabe o que? Estava pronta para parar com as piadinhas de “quem sabe um dia a gente não fica junto” e se declarar de uma vez por todas. Se ele a rejeitasse, seria muito mais fácil seguir em frente do que ficar nessa dúvida e sofrer às cegas, pensando que, se o outro sente o mesmo e também tem medo de declarar-se, estariam ambos deixando a felicidade escapar por covardia. Se declarou.

Era recíproco! Beatriz começou a financiar a passagem para quando tivesse mais duas semanas de férias, e Eddie planejou vir ao Brasil um trimestre depois da próxima visita dela, assim não ficariam tanto tempo longe um do outro. Até o sexo por Skype era bom: essa coisa de botar sensação em palavras, de transformar imagem em frase, foi fazendo renascer a imaginação e deixou mais fácil essa coisa de pedir o que se deseja.

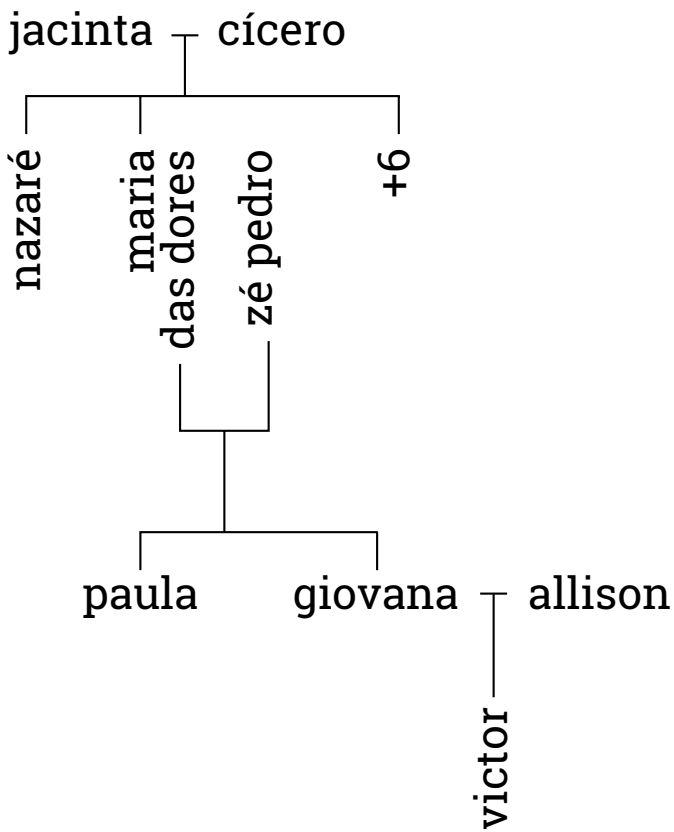
Júlia e Gustavo vão casar. Falta pouco, talvez eles casem e fiquem mais uns dois anos morando separados, esperando para comprar um apartamento. Júlia passou num concurso em um bom hospital e está se ajeitando. Eles adotaram uma cachorra, que Bia fez questão de batizar: Shao Cã. É a filha canina do casal, já

que não pretender ter filhotes humanos. Melhor não, não é, Shao?, falava Júlia se dirigindo à cachorra. “O papai já tem muitos genes de câncer, e a vovó também, então é muito arriscado ter um filhote humano.”



maria das dores





*Nacimos para aguantar lo que el cuerpo sostiene
Aguantamos lo que vino y aguantamos lo que
viene
Aguantamos aunque tengamos los segundos con-
tados
Nuestro cuerpo aguanta hasta quince minutos
ahorcado*

boatos da prostituição

O pai tomou em mãos uma carta vinda de São Paulo. A mãe lhe servia o café, uma colherinha só de açúcar, nem muito quente, nem morno. Na carta, alguém informava que Nazaré estava se prostituindo na praça principal de Santo Amaro, em São Paulo. Não sabiam no que acreditar: há algumas semanas, a mãe conseguira ligar para Nazaré e a filha disse que o dinheiro andava curto, mas que estava em paz, tinha um pretendente, talvez se casasse.

Com pouco mais de 20 anos, carregando uma sacola de roupas e um punhado de dinheiro, Maria das Dores entrou num ônibus com a missão de ver o que estava acontecendo e trazer notícias da irmã. A caçula encontrou Nazaré maltrapilha, morando num barraquinho caindo aos pedaços. Sem emprego, Nazaré vivia de receber trocados e maus tratos do seu namorado, e dessa relação afetivo-financeira que surgiram os boatos sobre a prostituição.

Era uma pena ver a irmã desse jeito, logo ela, tão promissora - diziam até que a menina era superdotada, porque, com cinco anos Nazaré já sabia ler e era a encarregada de traduzir e escrever as cartas para os outros operários da fazenda onde o pai e a mãe trabalhavam. Quando se viu mulher e quis ser independente, Nazaré resolveu tentar a sorte em São Paulo, mas era melhor que tivesse ficado em Maceió. Na fazenda do barão, a família era pobre sim, senhor, mas o barão dava escola, vacina, o pai tinha uma casinha e nunca faltou o que comer.

A caçula deu o dinheiro e ainda deixou metade das roupas que trouxe com a irmã. Maria pensava que era melhor Nazaré voltar com ela, mas a mais velha propôs o contrário: que as duas ficassem em São Paulo, assim uma ajudava a outra.

tentando a vida

Maria nunca tivera um namorado lá em Maceió. Na teoria, sabia das coisas porque aprendera com o que ouvira das lavadeira do rio - mesmo depois de mulher feita, quase tudo o que sabia viera daquelas conversa mal escutadas. Na prática não sabia nem paquerar. O pai era rígido, não deixava. A única ousadia que tomava era nadar pelada no rio quando achava que não tinha ninguém vendo. Maria também não fazia questão de namoro porque lembrava casamento e ela tinha pavor só de pensar. Deus que a livrasse de ter uma vida como a da mãe. Era Nazaré quem sofria com os cabrestos que o pai colocava. Desde menina, aos 13 anos, já gostava de paquerar e dar suas escapulidas, e levava cada sova por causa disso...

Depois do colégio, Maria conseguiu com muita luta uma bolsa em uma escola de enfermagem em Maceió. Foi sofrido, era a única negra da escola entre os filhos de barões, e levava cascudos se aparecesse com uma manchinha na única camisa do uniforme que tinha. No final, nem conseguiu pegar o diploma, porque a professora disse que ela errou na prova final, mas não disse o quê. Formou-se em pedagogia muitos anos depois, já em São Paulo. No dia da formatura, ao invés de orgulho, a mãe da Maria, dona Josefa, carregava um desgosto. Disse à Nazaré: "Era você quem era para estar se formando".

Quando Maria chegou em São Paulo, tentou toda e qualquer oportunidade, se dedicou a prestar concursos e alguns meses depois, acumulava três empregos. Dois em hospitais e um numa creche. Nazaré,

que seguia desempregada, foi sorteada em um programa do governo, e então Maria pagava pelo financiamento da casa popular e as duas moravam juntas naquele bairro de periferia, bem no final da Zona Sul, mas aos poucos iam ajeitando a vida.

vida de solteira naquela época

Na época, Maria frequentou uns bailinhos, beijou rapazes, até teve namorados, mas não queria casar. Guardou uma certa raiva por nunca ter se vingado do pai. Não conseguia deixar aquelas cenas para trás e a única coisa que podia fazer era prometer que não deixaria o mesmo acontecer consigo. Se um namorado lhe desse um beliscão, brincadeira que fosse, ela já rompia, e se o desgraçado viesse com desaforos, ela devolveria em dobro: falaria um monte e, se preciso, sairia na mão. Aos 26, arrumou um noivo, mas uma fulana veio lhe dizer que ele tinha outra mulher. Ela foi até a casa dele, comprovou o boato, tomou um café com a esposa do noivo, desculpou-se e foi embora. Depois dessa decepção Maria teve outros casos, mas nenhum sério. Já contava seus 27 e fazia o que queria da vida - inclusive, deu para os que quis. Só não dava para aqueles que não se contentavam em fazer as coisas do jeito que a natureza criou e queriam inventar de entrar por outros buracos. A virgindade mesmo perdeu com o ex-noivo, na pia da cozinha da casa dela e da irmã. No fim, não teve nenhuma das coisas que falavam, nem sangue, nada. Sangrou só depois, um pouquinho, quando foi fazer xixi.

os noivos que tinham noivas

Um dos namorados que teve foi seu Zé Pedro. Uma ex-noiva dele, procurou por Maria porque queria dizer-lhe que não entendia o que ela, inteligente, formada, prestes a ser bem-sucedida, fazia com um homem como José Pedro. Talvez Maria ainda não soubesse, mas ele tinha problemas com bebida e, quando se embriagava, batia em mulher. No entanto, Maria já contava mais de 30 anos e começou a achar que estava ficando velha demais para ser solteira. Além disso, era só se firmar com um namorado que vinha alguém lhe dizer que o tal já tinha outra família ou que era violento, muitas vezes os dois. Ela escolhia romper logo, porque Deus que a livrasse de apanhar de homem. Só que dessa vez decidiu que não ia desistir do José Pedro - não pela língua dos outros. Ele era tão bom com ela. Ficaram noivos, e, quando o seu Zé perdeu o emprego e não teve mais onde morar, Maria o convidou para viver consigo, ajuntar-se.

deus a livre da vida da mãe

Era um casamento sem papel. Quando Maria engravidou da primogênita, Giovana, seu Zé começou a se parecer mais com a figura que descreveram anos atrás. Bebia muito. Maria sabia que ele gostava de entornar, e ela também - antes de casados saiam para tomar umas juntos, mas nada de exagero. Só que agora ele passava dias fora de casa sem dar satisfações. Em uma dessas desapareições, Maria resolveu pegar a menina e passar uns dias na casa da mãe - que veio

morar em São Paulo depois de ser abandonada pelo marido - a moça queria dar a seu Zé Pedro, quando ele voltasse para casa, o gosto do próprio veneno. Quando resolveu que o susto havia sido o suficiente, voltou para casa e encontrou seu Zé do lado de fora do apartamento com uma chave de fenda e um cinto na mão. Se ele viesse para cima dela, ela atacaria. Matava o desgraçado e iria presa, mas não iria apahnar quieta de homem, não depois de tudo o que viu a própria mãe passar.

O pai da Das Dores tinha outras mulheres, todos sabiam. A mãe não se atrevia a confrontá-lo, porém tampouco conseguia ficar quieta. Falava por indiretas, o que só irritava mais o homem que lhe descia a mão por qualquer coisa. Um café em que o açúcar não estivesse a gosto, já era o suficiente. E o milho... Por que ela foi mexer naquele milharal? No dia que a mãe colheu, a contragosto do pai, uma dúzia de espigas de milho da plantação dele, os filhos chegaram na casa e encontraram o pai aos berros e a mãe acorada no chão da cozinha, quase nua, com a roupa toda rasgada e a pele marcada de chibata. Um dos irmãos agarrou a peixeira, mas, no fim, não tiveram coragem e nem força para derrubar o velho.

A mãe e o pai brigavam até na cama, Maria não sabia se era porque a mãe recusava sexo ou o quê... Só sabia que, às vezes, a mãe pegava barriga e, depois de umas semanas, a barriga desaparecia. Era menina naquela época, mas já entendia que era mais um dos procedimentos das lavadeiras. Só depois foi aprender que o nome disso era aborto.

Naquele dia, de chave de fenda e cinta na mão, o marido não a deixou entrar na própria casa. Maria, carregando a neném no colo, foi dormir nos vizinhos.

Inclusive, foram esses que, no dia seguinte, derrubaram a porta da casa e deram uma dura no José.

casada e solitária

As contas da casa eram sempre da Maria. Ela tinha emprego fixo e o seu Zé era cozinheiro, mas bebia, virava a noite, chegava atrasado e acabava demitido. Depois custava para arrumar outro. Em um mês de aperto, Maria pediu que o marido contribuísse pagando algumas contas, mas ele disse não ter um tostão. Giovana, que não tinha mais de dois anos e mal falava, arrastou a mãe pela barra da saia e apontou para um par de calças do pai. No bolso, mais de mil reais amarrados com um elástico. Então era assim? O que era dela, era da casa, e o que era dele, era só dele? Deixa estar, Maria tomou o dinheiro sem fazer caso e foi pagar o que tinha de ser pago.

Quando Zé Pedro deu por falta, sacou uma faca do gaveteiro e arremessou contra Maria. Por sorte, a faca não pegou de bico, mas o cabo suas marcas bem abaixo do pescoço de das Dores. Maria levou a briga até a delegacia. Ela queria justiça e o divórcio. Ele, a pensão. O juiz defendeu que, se Maria quisesse se separar do seu agressor, teria, sim, de lhe pagar pensão mensal, visto que ele, desempregado e dependente, não tinha como se sustentar. Por fim, sugeriu que o casal tentasse ficar mais seis meses juntos, nos quais José Pedro deveria ficar sóbrio e, caso seu Zé aprontasse mais alguma, só então ele cederia o divórcio a Maria sem que o Zé tivesse direito a nada. Quando das Dores perguntou como que, morando mais seis meses junto de Zé Pedro, o Sr. Juiz pensava em ga-

rantir a segurança dela, ele deu risada. Oras, nem ele, Juiz, tinha segurança e ela queria um guarda-costas?

Passadas alguns meses, eles acabaram se acertando. O problema era a bebida, sabe? E José Pedro parou mesmo, estava se esforçando.

a doença

Por quase dois anos, o homem sossegou. Quando não bebia e não brigava, Zé Pedro era boa gente. Tinha um jeitinho, era sem-vergonha na cama, sabia apertar os botões da Maria, e, além disso, ajudava muito na casa. De dinheiro, não dava um tostão, continuava desempregado, fazendo bico de vez em quando. No entanto, se encarregava da limpeza da casa, cozinhava, dobrava as roupas, cuidava da filha

Quando Giovana estava com uns três aninhos, Maria engravidou da segunda menina, Paula. Maria relatava umas dores que não passavam, mas os médicos diziam que tudo ia bem nos exames dela. Desacreditavam os relatos da gestante achando que era desculpa para pedir afastamento do trabalho. Quando uma enfermeira deu ouvidos, percebeu que apesar da pele negra de Maria dificultar a vista, havia manchas roxas por todo o corpo de das Dores. Eram pequenos sangramentos subcutâneos, mas eram muitos. Encaminhou a paciente para outros testes e quando o médico refez os exames, disse a Maria que seu estado era gravíssimo. Ela ria da situação, até pouco tempo diziam que tudo ia bem... O médico se inconformou com a cara de deboche de Maria e disse que se ela não levasse a sério, não terminaria de criar nem a pequena que estava sentada ao seu lado. A

princípio, ninguém sabia o que era, mas as plaquetas da Maria caíam drasticamente - e, quando isso acontecia, ela tinha sangramentos que não coagulavam. Por isso, os riscos de hemorragia durante o parto de Paula eram altos e naquele tempo não encontravam nem nome para a doença, nem remédio que desse jeito. Só anos depois foram descobrir que todos esses sintomas caracterizavam uma doença chamada púrpura trombocitopênica idiopática

o parto

Maria sobrevivia à gestação à base da fé. Quando não tinha mais santo a quem rezar e nem remédio no Sistema Único de Saúde, das Dores se apegou à água. Ficava embaixo do chuveiro tentando anestesiá-la e pedindo que a água carregasse seus males para longe. Tinha medo de morrer, mas sobretudo tinha medo de deixar a filha sozinha, mais uma. Já lhe afligia ver Giovana largada, hora com Zé, hora com a Nazaré, e de vez em quando aos cuidados da mãe. Não podia partir e deixar mais uma ainda mais indefesa. Preferia que, se morresse, a caçula fosse consigo e muitas vezes achava que não teria como sobreviver. O marido não esteve por perto. Desde que Maria descobriu a doença, parece que o paciente era ele e que o bar era sua única salvação. Quando resolvia aparecer no hospital, Zé Pedro chegava tão fora de si, que os funcionários não davam permissão para a visita.

Maria passou as últimas semanas de gravidez internada. Tinha dores o tempo todo e sangrava pela urina diariamente. Quando entrou em trabalho de parto, nem soube comunicar às enfermeiras que

a bolsa tinha estourado. Quando perceberam que ela estava em trabalho de parto, foi levada às pressas para a sala da obstetrícia. No caminho, rezava. Se fosse para morrer, que morressem as duas. Só lembrava de um sonho que teve em que uma moça prometia ajudá-la. Procurava por alguma voz que se parecesse com aquela, mas só ouvia os médicos dizerem que a anestesia não estava preparada, que iam ter de aplicar aquela mesma e ver no que dava. Não dava em nada, a dor não passava mas ela começava perdendo a consciência.

Queria saber o que estava acontecendo, mas não conseguia ter certeza. Ouviu que a criança já tinha soltado até mecônio - enfermeira que era, Maria sabia que fezes na hora do parto costuma causar a morte da criança. Afligia-se, parecia que tudo estava indo por água abaixo porque estavam fazendo errado. Tentava olhar para as mãos deles, dizia que os médicos tinham de cortar diferente, no outro sentido. No meio do parto, Maria entrou em um surto nervoso, os enfermeiros não conseguiam acalmá-la e ela estava prestes a levantar da maca quando os médicos deram um sossega leão que, por fim, a derrubou.

Sabe-se lá como, Maria sobreviveu. Quando acordou, perguntava pela filha e pensava que a pequena tinha morrido durante o parto. Os médicos diziam o contrário, mas não deixavam Maria ver a filha e ela nem recebera pulseirinha de identificação. Além disso, lembrava de, na hora do parto, ter ouvido alguém declarar o horário do óbito de Paula. Só quando a família pode ver a menina, Maria se convenceu. Passados os primeiros dias, Maria e sua bebê, Paula, ainda tinham de ficar no hospital, ambas pela debilidade em que se encontravam. Das Dores não podia ver, amamentar, nem cuidar da filha, por isso, anda-

va agoniada de pensar na sua pequena como a única criança do berçário sem ninguém para olhar por ela, segurá-la no colo e dar-lhe alguns minutos de acalanto. Os familiares não tinham mais tempo para visita: ela longe, o ônibus demorava, Nazaré tinha de cuidar das crianças dela e da Giovana; a mãe de Maria, Josefa, até foi visitar, viu a neta, mas não podia repeti-lo sempre porque tinha muito crente no berçário e ela tinha pavor. É que depois de anos fazendo as vontades e apanhando do marido em Maceió, esse a trocou por uma evangélica fervorosa, e, desde então, Josefa veio morar em São Paulo e atravessa a rua para não cruzar com crente.

Cada um tinha uma desculpa, e uma das cunhadas chegou a dizer que não poderia ir porque era branca e não acreditariam que uma criança preta era da sua família. Deixa estar, pensava Maria, que só queria sair dali logo. Como o previsto, a recém-nascida saiu do hospital antes que a mãe e ambas as meninas ficassem aos cuidados da tia Nazaré.

preparando as filhas para o mundo

Maria precisava sair do hospital o mais depressa possível. Afligia-lhe pensar que as filhas estavam largadas na casa dos outros. A irmã ajudava, mas aquele marido dela não era flor que se cheire: antes de casar com Nazaré, tinha até tentado agarrar Maria - deu-lhe uma encoxada, o nojento. Das Dores precisava cuidar das filhas e tinha de viver até a mais nova completar 15 anos, porque leu em algum lugar que, a partir dessa idade, as meninas seriam capazes de se virar sozinhas sem muitos traumas. Quando vol-

tou para a casa, tudo o que fazia era com o propósito de preparar as meninas para quando ela, Maria, não estivesse por perto - é que, independentemente de quando fosse morrer, as meninas passavam muito tempo sem a mãe, largadas nas casas dos outros por causa das internações.

Tirando os detalhes que nem os médicos sabiam, as filhas, desde que se entendiam por gente, estavam a par de toda a situação e da gravidade da doença da mãe. Além disso, as duas precisavam aprender a se virar, comprar comida, andar de ônibus e não podiam chamar de "mamãe", porque Maria não queria manha e nem criancice. Ainda que as meninas tivessem apenas 7 e 11 anos, a mãe já deixava umas camisinhas do governo na estante de casa e dizia para que servia. Sabia que as meninas eram novas, mas era melhor garantir e já dizer agora. Não explicava como colocar, porque Maria mesma não sabia, nem nunca usara, mas essa parte a escola ensinaria.

Cresciam adultas e endurecidas, todas as duas. Se o pai chegasse bêbado e partisse para bater na mãe, as filhas estavam treinadas a como proceder. Com uns quatro anos de idade, no meio de uma briga, Paula tirou a garupa da bicicleta e deu na mão da mãe para que Maria golpeasse a cabeça do Zé Pedro.

Não poupava as filhas de nenhuma realidade. Tudo o que Maria tratava de explicar para a mais velha, também dizia para a mais nova, por menor que fosse. Foi assim com menstruação, sexo, tudo. Nada de deixar os outros ficarem abraçando, pegando, muito menos levar ao banheiro. Além disso, se alguém botasse a mão na periquita ou no peito, era para berrear muito. Maria falava de uma vez com ambas, a mãe não sabia até quando estaria por perto, e também não queria tratar uma diferente da outra.

Das Dores era uma entre oito irmãos e sempre se sentiu rejeitada por Josefa. Percebia que a mãe tratava Nazaré e as outras com muito mais carinho. A matriarca de Maceió era branca e Maria nasceu a mais preta dos oito filhos e, também, a mais parecida com o pai. Sabe-se lá se por raiva do marido ou o quê, Josefa dedicava menos carinho à Maria. Às vezes, Das Dores queria se convencer que era impressão, mas fosse o que fosse, preferia fazer de tudo para que as filhas não sentissem o mesmo.

exemplos

Paula nasceu com um problema hormonal e, por isso, desde os cinco, seis anos, já tinha uma mama se formando, mas apenas uma. Giovana, quando entrou na puberdade e viu os seios crescerem, passou a desgostar do corpo. A mãe não tinha dinheiro para comprar um daqueles sutiãs com bojo e os de pano, fininhos, revelavam o formato do peito que lhe parecia estranhíssimo, meio murcho. A menina dava nó nas laterais dos sutiãs tentando transformá-lo em uma espécie de bandagem que escondesse o volume, mas acabava com a pele toda cortada pelo aperto do elástico. Maria das Dores inscrevia Giovana em tudo quanto é programa de esporte para a menina ter o que fazer enquanto a mãe estava no hospital, seja trabalhando ou internada. Acabou que Giovana ficou grande de corpo, ombro largo, coxa grossa e, na época, os colegas começaram a dizer que ela tinha corpo masculino. De fato, ela não era delicadinha como as outras e, assim, foi se desgostando por inteiro.

Quando das Dores viu que Giovana chorava pelos

cantos e que andava cheia de complexos, pegou as duas filhas pelas mãos e as levou para uma visita até a Associação de Apoio à Criança Deficiente, AACD, e lá mostrou uma porção de crianças, que encaravam doenças e deficiência sérias e ainda riam e brincavam. Estavam vendo? Dá próxima vez em que elas se achassem injustiçadas, principalmente por uma bobeira como o tamanho do seio ou o formato do corpo, era para elas lembrarem da sorte que tinham por terem nascido com saúde, e que aquelas crianças, apesar de menos afortunadas que elas, não ficavam se lamentando e fariam de tudo para ter a saúde que as duas irmãs tinham. A mãe escolheu a abordagem mais direta e dura, mas acabou que surtiu efeito. Não é que a mais velha passou a gostar do corpão que tinha, mas deixou de se importar.

Não importava o quão difícil era ir e voltar do hospital, pegando ônibus com duas meninas pequenas, correr o perigo de desmaiar a qualquer momento porque as plaquetas estavam absurdamente abaixo do valor mínimo, não importava. Maria podia estar sentindo a maior dor do mundo, ela conseguia fazer parecer que toda consulta era um passeio. Ria com as filhas, fazia brincadeiras nos ônibus, no fim da consulta esperava as meninas se divertirem no parquinho e comprava três cachorros-quentes antes delas pegarem o ônibus da volta. Era durona com um sorriso no rosto. Era como se mostrasse toda sua força ao não deixar que nada a atingisse.

Quando ia ao centro da cidade resolver burocracias de licença hospitalar, levava as filhas consigo. Passava pela Cracolândia e apontava para os dependentes na rua. Estavam elas vendo isso? Muito bem: se elas usassem drogas ficariam assim, desse jeitinho.

uma só tem a outra

Quando Paula completou oito anos, a mãe teve a primeira grande recaída. As meninas adoravam passar os finais de semana na casa da tia Nazaré, com os primos que tinham a mesma idade que elas - e além do mais, a tia, que se tornara líder política da comunidade, era muito popular, conhecia todo mundo e vivia com a casa cheia de amigos. Porém, estando a mãe internada, elas não queriam ficar na tia, porque odiavam depender dos outros e ouvir que recebiam favores. Giovana passou muito tempo indo de casa em casa quando era menor e não queria repetir, já estava cansada. Preferiam ficar em casa, o pai fazia comida e cuidava das roupas, e elas sabiam se virar com o resto. A mãe dava o dinheiro para as compras e para as contas na mão das duas, uma com oito e a outra com doze, e elas já sabiam muito bem verificar o troco, comparar os preços e fazer com que 70 reais virasse comida para não sei quantas semanas. Até se acostumaram a ver o segurança do mercado andando atrás delas. Era porque elas eram pretas, a mãe explicou, e também disso que nem adiantava mudar de mercado, que eram todos iguais.

Paula costumava acordar no meio da noite, ir até o quarto da mãe e levantar uma das pálpebras delas. "Era só para ver se a senhora estava viva, mãe". O médico deu uma previsão de três meses de vida para Maria das Dores, e, no dia em que esses o prazo se cumpriu, estando das Dores viva, a mãe resolveu comprar salgadinhos e refrigerante, chamou os vizinhos e fizeram uma festa para comemorar a não

morte da dona Maria. Quando Giovana e Paula comentavam na escola que fizeram festa porque a mãe delas ia morrer, mas não morreu, os amigos e as professoras davam uns sobressaltos e ficavam surpresos: como elas podiam falar uma coisa dessas assim, de um jeito tão normal? Ué, era normal para elas. A mãe tinha uma doença e podia morrer. A morte não causava choque em nenhuma das duas, talvez porque a mãe falasse de maneira tão natural que parecia não ser um motivo de sofrimento, era parte da vida delas. Talvez fosse porque elas ainda não tinham noção completa do que seria a morte da mãe. Mas aos poucos começavam a entender. Foi um pouco antes da comemoração que as irmãs perceberam que podiam ter outros familiares, mas que, no fundo, para confiar e se apoiar de verdade, só teriam uma à outra.

conhecendo a vida juntas

Foram ficando muito grudadas mesmo, até porque das Dores mandava que Giovana levasse a caçula para todos os lados. Paula nunca se esquece quando foi pela primeira vez em uma parada gay. Ela tinha 11 anos, e a irmã e os primos estavam com 15 ou 16. Achou divertido, mas era estranhíssimo aquela coisa de todo mundo ficar se beijando. Parecia que nem se conheciam e já se atracavam, e beijo de dois até que era normal, mas tinha beijo de três e até de cinco ela viu.

Apesar de pobres, durante dois anos, a mãe tentou pagar uma escola particular para Paula, e parou quando a menina chegou à terceira série. Na escola pública, Paula descobriu que não sabia de nada, as meninas eram muito avançadas. No novo colégio,

foi aprender o conceito de “ficar”, beijar sem compromisso, coisa que as outras já sabiam há muito. Ela tinha acabado de entrar na 4 série, e tinha o quê? 10 anos? Por aí... Nessa época já ouvia os comentários sobre uma garota da sala dela que teria dado para 10 meninos da sexta série de uma vez só. A menina deveria ter uns 13 anos, era repetente e, depois do ocorrido, nunca mais deu as caras na escola, até mudou de casa. Paula nem pensou que poderia haver uma outra versão da história, e só hoje, já aos 23, pensa que provavelmente a colega não deu para 10, e sim, que a menina teve algo roubado, arrancado de si sem seu consentimento e ainda acabou com a fama de devassa.

adolescente aos 12

Paula estava sempre na barra da Giovana, e, como era muito alta para a idade, aos 12 era facilmente vista como uma garota de 15. Em uma festa, um dos amigos da Giovana pediu para ficar com Paula. Foi seu primeiro beijo. Ok. Para Paula, a vida seguiu, era só um beijo e nem foi tão bom assim. Acontece que o garoto se apaixonou. Ligava, mandava mensagem, fazia declarações. Ela achava tudo isso chatíssimo. Que carência! Um dia, mandou ele pastar. Não tinha muito interesse nessas coisas de namorar.

Nessa idade, a mais nova também já acompanhava a irmã em baladas de gente grande e nunca lhe pediram o RG. Ela só queria dançar, não tinha o mínimo interesse em ficar, flertar ou beber – Giovana também não podia se atrever a ficar bêbada, como outras colegas, porque tinha que olhar pela irmã. Paula não dava trabalho, não ia atrás de garotos e também não

era requisitada, nem na balada, nem na escola, nem no bairro. As amigas recebiam cantadas, declarações, mas ela não. Ou ficava de fora, ou era a última a ser escolhida. Achava que era feia, mas, sabe, tudo bem ser feia: ela não precisava ser bonita, já era sortuda por ter todos os membros e nenhum dos males daquelas crianças da AACD. Além disso, era dona de uma capacidade devastadora de acabar verbalmente com qualquer um que viesse lhe falar desaforos, tirar sarro da sua cor, do seu cabelo, da sua classe social... Aprendera com a mãe que não se deve ficar quieta e choramingar depois: há de se retrucar na hora, e mais forte.

Depois de adulta, Paula até achou bom ser preterida na adolescência. É que todas as bonitinhas que tinham pretendentes acabaram se perdendo. Aos 13, as populares matavam aula para aprontar com os namorados, pegavam ônibus e iam perder a virgindade em um terreno baldio lá no Jacira. Se por acaso precisassem conservar o hímen, liberavam a porta de trás e problema resolvido.

conselhos de irmã

Paula não queria nem saber dessas coisas de namorar e transar nessa idade, só pensava em estudar para poder passar numa boa faculdade, sabia que era difícil. Quando contava as histórias das amigas para Giovana, a irmã se indignava. Onde já se viu fazerem essas coisas? Elas eram doidas? E se engravidassem? "Sabe, o certo é só perder a virgindade depois de se formar na faculdade", aconselhava Giovana. É que aí, se acontece alguma coisa e você engravida, já tem uma profissão.

Giovana viu muita amiga engravidar cedo. A primeira foi a Erika, aos 13 anos. Aos 16, mais duas saíram da escola por causa de barriga, e alguma coisa dentro da mais velha parecia lhe alertar que ela engravidaria de primeira. Portanto, só poderia se arriscar depois da faculdade, e era melhor que a irmã fizesse o mesmo. Essas recomendações eram coisa da Giovana mesmo, a mãe só contava que a primeira vez dela foi com 26, mas nunca aconselhou que as filhas fizessem igual. Mas a mais velha era cheia das regras, dizia para Paula não deixar pegar na bunda, nem no peito, porque, se permitisse isso, perderia o respeito. Além disso, se o menino quisesse pegar nas coisas, era para largá-lo, porque ele não prestava.

Giovana tinha seus valores, mas não estava morta e nem cega. Tinha seus namoradinhos. Ela e a prima, filha da Nazaré, eram enrabichadas com dois irmãos gêmeos, um para cada. Só podia beijo e mesmo assim Giovana não gostava de agarrar muito agarrado porque tinha medo que os espermatozoides atravessassem a calça dele e a engravidassem. Paula acompanhava os encontros no papel de vela. Tinha de estar com a mais velha, já que a mãe estava no hospital. Na verdade, a essa altura, as meninas sofriam toda e cada vez que Maria ficava internada, mas aprenderam a se manter em movimento, porque a vida não podia parar e elas não ajudariam em nada chorando dentro de casa. Então Giovana e a prima beijavam os gêmeos, enquanto Paula se encarregava de vigiar. Quando viu o pai estava virando a esquina, a caçula deu o aviso apressado, mas as mais velhas acharam que era uma piada sem graça da Paula e continuaram beijando.

Zé Pedro olhou e não disse uma palavra: foi para a casa, ligou para a tia Nazaré dedurando que a filha

dele e a dela estavam na rua aprontando com os “jamaicanos” e pediu que Nazaré desse uma bronca nas meninas, já que ela tinha mais jeito com adolescentes do que ele. A tia era muito amiga das meninas, mas também era muito atriz. Apesar da revolta que expressou na ligação com seu Zé Pedro, gargalhou quando encontrou as meninas, que não estavam fazendo nada de mais, e só pediu que, da próxima vez, elas fossem beijar mais longe de casa.

missão cumprida

Maria sobrevivia de pesquisar em bibliotecas métodos para elevar a porcentagem de plaquetas e então dava um jeito, com um conhecido, de conseguir injeções e se medicar por conta. Deu sorte de cair com uma médica que conseguia amenizar os sintomas de Maria enquanto prometia que se ela tivesse paciência como tratamento, em breve, com a troca de governo e a entrada da presidente Dilma, novos medicamentos seriam liberados, inclusive um para o caso dela. Acabou ficando amiga da doutora, porque, enquanto passava em consultas paliativas, soube que a doutora queria engravidar e não conseguia. Então, Maria deu a receita, dessas que ouvira das lavadeiras do rio: depois da relação, era para a médica ficar na cama um tantinho e descer pelo lado esquerdo. Na próxima consulta, não é que ela estava de barriga?

Ocasionalmente a medicação chegou e foi eficaz, mas logo entrou em falta. Nazaré se meteu com política, virou líder comunitária do bairro, afiliada a partido e tudo. Até se candidatou a vereadora. Não ganhou, mas conhecia um monte de gente im-

portante, e usava seus contatos para arrumar um remédio ou outro para Maria.

Paula chegou aos 15 e Giovana aos 19. Pronto. Maria das Dores cumprira sua meta, o fantasma da doença ficava menos assustador e, aos poucos, foi se livrando daquela casca durona e ficando mais molenga com as garotas. Estavam tão bem encaminhadas, as duas. Giovana teve dificuldades com os estudos de pequena - também, era difícil estudar quando havia brigas, internações e todo o resto -, mas era dedicada, se virou bem e foi cursar educação física em uma faculdade que poderia pagar trabalhando nas horas vagas. Paula sempre foi muito estudiosa, cursava o ensino médio, era menor aprendiz, fazia curso profissionalizante e estudava para passar no vestibular da FATEC. Ralavam o dia inteiro e, quando chegavam em casa, depois de duas horas pulando de ônibus em ônibus até chegar em casa, se jogavam na cama da mãe, falavam das fofocas, faziam piadas, contavam do dia e comiam frango frito. Parecia que as três tinham a mesma idade.

masturbação

Aos 15 anos, Paula começou a descobrir o corpo, os desejos e a masturbação. Não dizia nada à irmã, porque, neurótica do jeito que Giovana era, a caçula tinha a certeza de que a mais velha teria algum motivo para dizer que Paula não deveria fazê-lo. Também não dizia nada à mãe, porque Maria era tão desbocada que acabaria falando em voz alta na frente das outras pessoas quando quisesse zoar a filha. Ela era cheia de fazer graça. Com as amigas de

escola, Paula comentava - inclusive, viviam trocando fotos pelo celular e dicas de onde achar coisas legais de se ver na internet, porque tinha muita porcaria nojenta nos sites famosos.

Às sextas, quando não precisava acompanhar a mãe até o hospital para tomar a medicação semanal na veia, Paula encontrava Giovana no bar da faculdade da mais velha. Era paquerada pelos amigos da irmã, todos de 19, 20 anos, mas não tinha vontade de nada além de beijo. Sozinha, quando se masturbava, se excitava, mas, com outra pessoa, não. É que, naquela época, ficava tão preocupada em não deixar que a mão escorregasse para os lugares errados, em não engravidar para não ter que largar os estudos, que nem se permitia sentir nada. Logo depois, deixou de se dedicar à diversão caseira porque, aos 16, a jornada diária de estudos e trabalho da Paula era tão intensa que nem tinha tempo de pensar em se masturbar. Só voltou a ter vontade depois que entrou para a faculdade.

faculdade

Paula foi aprovada na Fatec: gestão de negócios. Daí em diante, a vida era outra. Já bebia e começou a frequentar o bar da própria faculdade. Juntou-se aos meninos da sala e, unidos, decidiram destituir os playboys que controlavam a música do bar e instaurar a democracia do pagode. Paula adorava essas noites, mas, às vezes, ela era a única garota, entre mais de 12 moleques. Giovana sempre lhe disse que não era seguro ficar sozinha com vários homens, principalmente se envolvesse bebida. Se ela perdesse a consciência eles poderiam abusar dela. Para evitar canta-

das e para ficar mais à vontade, resolveu dizer que era sapatão, lhe pareceu que assim seria mais respeitada. De vez em quando, ela até ficava com um dos amigos do pagode, mas, logo em seguida, dizia que seu negócio era mulher. Não queria que eles esperassem nada a mais, nem que achassem que ela ia se apaixonar. Também ficou com outras meninas, mas era só para tirar onda. Levou um tanto de xingo por se dizer lésbica, não daqueles que perceberam que era mentira, e sim dos que acreditaram que era verdade.

Paula nunca ficava a sério com ninguém - ninguém mesmo. No máximo, tinha uns quatro encontros e já cansava. No terceiro semestre da faculdade, a mãe começou a fazer quimioterapia e Paula abandonou o bar. Só voltou no ano seguinte, quando conheceu um dos seus calouros, Daniel. Ficaram em uma sexta-feira, uns beijos e umas cervejas, depois repetiram na outra, e na seguinte também. Na quarta semana, ao sair do bar para a aula, Daniel pegou na mão de Paula dentro do bar e não soltou dela porta afora. Paula entrou em pânico: puxou a mão e enfiou no bolso do casaco, disse que estava com frio. A verdade é que não queria que as pessoas vissem ela namorando nos arredores da faculdade, achava que perderia o respeito dos professores.

virgindade

Depois de uns dois meses de saídas casuais com o Daniel, negando qualquer compromisso, Paula permitiu que ele ousasse, mas só um pouquinho, só mãos. Ela começava a ter vontade de sexo e já não se importava mais com as regras da irmã. Quer dizer,

não ia esperar até terminar a faculdade e nem pensava que era preciso que a primeira vez fosse dentro de um namoro sério. Só tinha de ser no tempo certo, quando ela estivesse pronta. Sentia que estava na sua hora. Não queria namorar Daniel porque, depois que perdesse a virgindade, talvez quisesse transar com outros, para saber como era. Racionalmente, concordava consigo: tinha de transar, de experimentar sem compromisso. Só que, no fundo, tinha medo de contrariar os conselhos da irmã e de se arrepender depois, caso tudo desse errado.

Um dia foi a uma balada com Daniel. Na volta, pararam no terminal de ônibus para se despedirem e, no último amasso depois de uma noite de esfregadas, bateu a vontade. “Você tem certeza?” Ela tinha. Foram para o hotelzinho ao lado do terminal, bem barato, bem chinfrim. Aí aconteceu. Foi tranquilo.... Interessante. Então era isso? Simples assim? E era por isso que a irmã dela fez tanto drama a vida inteira?

Não contou para ninguém, mas a mãe percebeu, Paula soube que sim. A mãe sempre sabia das coisas. Paula não comentou com a irmã por medo de ser julgada como irresponsável e também porque já morria de medo de doença e de filho e não precisava que a irmã lhe desse mais motivos para neuroses. Giovana também estava namorando e tinha terminado a faculdade, mas jurava de pé junto que só iria transar depois de completar um ano de namoro, e com uma condição: que fosse em um suíte do Unique, hotel caríssimo. Paula só comentou com Giovana que queria tomar anticoncepcional, e não é que a mais velha, no mesmo dia, foi dedurar a caçula para a mãe? Maria das Dores não queria que a filha tomasse pílula, não. Paula não podia fazer as coisas assim: anticoncepcional era perigoso e a filha tinha problemas no

útero, tinha que ir no médico ver isso direito. Acontece que Paula tinha horror a ir no médico - passou e ainda passava tanto tempo no hospital com a mãe que, se não fosse pela progenitora, não pisava nunca mais num consultório. Primeiro, Paula resolveu tomar mesmo assim e dane-se, mas, depois de uns dois anos, começou a pensar nos efeitos da pílula, ficou com um medo danado da trombose, e então parou.

paixão

Sabe-se lá porque, mas, desde a noite em que perdeu a virgindade, Paula amoleceu. Foi se vendo mais apaixonada pelo Daniel e mais sensível para outras coisas. Devia ser aquilo que chamavam de amor de pica. Talvez fosse só empolgação, porque ele foi a primeira pessoa que a tocou de verdade, que fez ela sentir certas coisas pela primeira vez e, por isso, ela gostou. Ou não, podia ser paixão mesmo. Independentemente do que fosse, acabaram namorando.

Apesar do sentimento, Paula não tinha muita paciência. Daniel era um pouco filho da mamãe e vivia numa bolha, não por ser mimado e cheio de privilégios, mas pelos motivos opostos. Ele era o arrimo da família e, por isso, vivia para atender às necessidades da matriarca, mal pensava em si e no próprio futuro. Além disso, nunca queria sair do bairro para dar um passeio diferente, ir em uma outra balada... Então Paula decidiu terminar, queria outras aventuras. Sofreria? Sim. E daí? Dor vem e passa e ela já estava acostumada com sofrimentos piores. Planejou que terminaria com ele um dia depois das provas finais, assim uma possível turbulência emocional não atra-

palharia seu desempenho acadêmico, e, terminado o namoro, teria três meses de férias para se recuperar até voltar a ter de vê-lo todos os dias na faculdade.

sexo casual

Nas férias, resolveu curtir, ser solteira, ficou com vários meninos e, com dois deles, tentou partir para o sexo. Não conseguiu. Ficava desconfortável e alguma coisa acabava dando errado. O primeiro tinha um pênis bem menor que o outro único que Paula conhecia e ela achou estranhíssimo. Começou o ato, fingiu que gozou e inventou uma desculpa para ir embora. Já o segundo teve câimbra logo no começo e ela virou para o lado e simulou ter caído no sono. No fundo, achava que os tropeços eram sinais divinos para alertar que era melhor não transar mesmo. É que ficava se sentindo culpada: ela mal os conhecia, sabe lá por onde andaram, dava medo de doenças e, fisicamente, nunca era tão bom a ponto de valer a pena o risco.

Como diabos as amigas conseguiam fazer sexo com alguém que acabaram de conhecer? As amigas não se sentiam sujas também? Não era julgamento, era curiosidade, porque queria conseguir, mas na hora não ficava à vontade e não conseguia imaginar como as outras pessoas se deixavam levar. Paula não tinha problema com a coisa de não ter compromisso, o problema mesmo era a transa, porque não conseguia ter prazer com alguém assim, logo de cara, sem intimidade.

No final das férias ela voltou com o Daniel. Ela gostava dele, ainda sentia aquela paixão, do aconchego de estar com quem se gosta, dos abraços, das conversas, mas como era mais prática que romântica, na

época pareceu mais fácil se livrar do que estava incomodando, buscar uma relação que já viesse pronta, que tentar se adaptar. Mas agora os problemas pareciam pequenos perto da saudade. Paula sentia falta de Daniel e entendia que gostava mesmo dele, queria tentar mais uma vez. Na verdade, no começo do namoro, o sexo também não era lá essas coisas: Paula transava porque queria, mas focava no gozo do namorado, e não no seu. Daniel nem entendia porque ela não gozava ao mesmo tempo que ele, pensava que a namorada demorava demais, que não era normal. Aos poucos, ela explicou e ele foi aprendendo. É uma coisa contínua isso de se conhecer. Talvez por isso a garota não conseguisse transar com os outros, não porque não tinha compromisso, mas porque não tinha intimidade para pedir e demandar, explicar...

do tanto que falou, aconteceu

Enquanto Paula escondia as descobertas sexuais da irmã, até desconfiava, mas não sabia que, na verdade, Giovana passava por um momento parecido. Morria de vontade de ficar com Alisson, tinha calores de subir pela parede, não se aguentava mais, no entanto, tinha medo, preferia esperar um ano. O namorado estava de acordo, que ela tomasse o tempo dela. Se ele podia dar um conselho, dizia para ela começar a se tocar, a se descobrir, talvez isso acalmasse o fogo e a ajudaria a aguentar esperar. Também, se ela se conhecesse melhor, a primeira vez seria mais fácil e mais prazerosa. Ela tentou, mas não conseguia engolir aquelas porcarias de filme pornô e nem tinha muita inspiração sozinha. Precisava mesmo daquilo:

já antes do Alisson, andava suando de tanta vontade, tanto que ela e a prima chegaram a procurar prostitutas pela internet. Diziam que juntariam dinheiro para pagar um bonitão e combinavam de perder a virgindade as duas no mesmo dia.

No verão, Giovana e Alisson saíram para uma dessas festas e Giovana disse que pronto, tinha decidido: queria perder a virgindade sem esperar mais, já havia se passado nove meses de namoro, era suficiente. Subiram em uma suíte econômica de um hotelzinho ajeitado na Praça da Sé. Começaram os amassos sem camisinha, mas na hora do vamos ver eles colocariam, claro. Alisson mantinha toda a calma do mundo e foi tentar provocar só um pouco, só a pontinha para a namorada ir acostumando, e depois colocaria a camisinha. Acontece que foram nove meses de espera, e quando foi dar aquele gostinho inicial, não aguentou e gozou sem controle de si. Nem rompeu o hímen da namorada: gozou bem ali, bem na entrada.

No carnaval as irmãs foram com a família para a praia. Duas semanas antes, compraram umas roupas novas no Brás, mas, na hora de ir para a farra, o macacão da Giovana não fechou. Pensando bem, ela andava mais inchada mesmo. Elas foram pular carnaval, mas Giovana não tirou aquilo da cabeça. Na manhã seguinte, a mais velha acordou a caçula e mostrou para ela três testes de farmácia. Cada qual com seu sinal de positivo.

Paula nem sabia que a irmã não era mais virgem. Quer dizer, desconfiava que não, mas não sabia. É que as duas começaram a namorar mais ou menos na mesma época e acabaram se distanciando. Um pouco porque tinham que estudar, trabalhar, sair com os namorados e sobrava pouco tempo para passarem juntas, e outro tanto porque Paula não queria falar da

pílula, do sexo, para não ser julgada pela mais velha e Giovana também evitava ser recriminada pela caçula, porque Paula não gostava do cunhado, Alisson. Ele fumava muita maconha, e isso não era coisa direita - elas viam quanta gente se perdia por causa da droga lá no bairro delas. Além disso, ele não queria saber de responsabilidade. Agora era hora de deixar esses medo de lado, precisava contar para Paula, queria a ajuda dela. Giovana nem podia acreditar, Paula também não. Logo quando perdeu a virgindade... Bem que a primogênita sentia que com ela seria de primeira.

A primogênita, aos 24, não queria ser mãe. Quando descobriu, saiu correndo, correndo mesmo - pensou que, se corresse muitos quilômetros, que se fizesse um esforço físico desmedido, perderia a criança. Pensou em abortar. Seria melhor. Tinha que procurar emprego, queria começar outra faculdade, não teria tempo nem condições de criar uma criança. Não podia contar com a mãe, porque Maria não tinha saúde para criar criança pequena. Pediu que Paula fosse atrás do remédio, mas a caçula não sabia nada sobre aborto, só tinha ouvido falar que chá de maconha dava jeito e decidiu pedir erva ao cunhado. Mas o pai da criança foi contra, pedia que Giovana não fizesse isso com o filho e que, caso ela tivesse total certeza de que não queria criar a criança, que fosse até o final da gravidez e depois deixasse o filho com ele. Talvez essa fosse a única vez, mas Paula tinha de concordar com Alisson. É que a criança não tinha culpa, melhor a irmã não abortar. Se alguma pontinha dela quisesse criar o bebê, Paula se comprometia a ajudá-la em tudo que pudesse, seria a segunda mãe.

Na sala de espera do hospital, quando foi fazer o exame médico oficial, Giovana viu uma menina bem novinha sair chorando do consultório. A garota tinha

16, 17 anos e entrou na salinha suspeitando gravidez. Não saiu chorando porque tinha descoberto que, positivo, esperava uma criança, ao contrário, acabara de receber a notícia que não estava gestante e que tampouco poderia estar, a menina que ela tinha um grande problema no útero e jamais poderia ser mãe.

“a que não deu certo...”

Giovana não tirou a menina da cabeça. Um filho não era doença e ela estava formada, tinha família, não morreria de fome por isso. Resolveu ter a criança. Ela trabalharia em três turnos dando aula de natação na academia e tentaria de juntar o máximo de dinheiro que pudesse até chegar nos seis meses de gesta o.

Passou a gravidez inteira com os nervos   flor da pele. O conjunto habitacional também não ajudava: parecia que os vizinhos jamais tinham visto uma jovem solteira, de 24 anos, grávida.   que a maioria das meninas do bairro pararam de estudar depois que terminaram o colegial, algumas nem terminaram, então parecia que as irmãs - com toda essa história de estudar de manhã, de tarde e de noite, entrar na faculdade, fazer curso de inglês, curso técnico e, ainda por cima, trabalhar- eram metidas a superiores, dois protótipos de filhas perfeitas. Sa am, mas não aprontavam; bebiam, mas não muito; não fumavam cigarro e Deus que as livrasse de maconha; não se metiam em confusão, e com o tanto que estudavam, certamente sairiam da periferia, provando a todos a superioridade de cada uma. Então, quando souberam da gravidez da Giovana, foi tudo o que as vizinhas candinhas queriam para dizer que os

estudos não valeram de nada e que uma das filhas da Maria também “deu errado”.

divorciando a mãe

Quanto que encheram... É claro que a mãe se preocupava, porque não queria que o neto atrapalhasse a carreira da Giovana, mas a filha não tinha planos de deixar que isso acontecesse e logo pretendia voltar à ativa. Aliás, desde então, tanto Maria das Dores quanto Giovana passaram a controlar a vida da mais nova. Queriam saber a que horas Paula voltaria para casa ou por que estava demorando na casa do Daniel. É que ficaram mortas de medo de Paula ficar grávida também. Seu Zé Pedro foi, de longe, o mais aborrecido com essa história. Ele não gostava do namorado de Giovana e se irritava com as fofocas, mas as irmãs perceberam que o problema dele era outro. Até então, elas não sabiam exatamente qual, mas viam um monte de sinais de que ele não queria mais estar lá, naquela família. Até as comidas que ele preparava davam dor de barriga. Já era de costume que ele desse patadas na mãe, que a chamasse de louca, essas coisas, e as meninas até achavam normal, só que ele passou a soltar coices direcionados a elas também. Se incomodava com os namorados, qualquer coisa o tirava do sério, ele ficava agressivo, mudava de humor do nada - e olha que ele estava firme no emprego e jurava que tinha parado de beber.

Giovana chamou a mãe de canto e disse que seu José Pedro ou tinha se perdido nas drogas, ou arrumado outra. Maria pediu um tempo, para elas não arrumarem briga precipitadamente. Foi então que,

Maria das Dores sofreu um derrame, um dos sangramentos que costumava ter no resto do corpo estorou na cabeça. Foi uma correria que só, ainda mais porque, enquanto a mãe estava internada, as duas irmãs foram assaltadas alguns metros antes do portão do conjunto habitacional onde moravam. Ficaram sem celular, e quando precisavam falar com a tia Nazaré, pediam o do pai emprestado. Em um desses empréstimos, viram uma mensagem agradecendo pela noite anterior e terminando em "Beijos, meu amor".

Giovana ligou para a fulana, falou poucas e boas, e descobriu que ela não tinha ideia que seu Zé era casado. A mãe acabara de receber alta e as meninas sabiam que das Dores seria incapaz de tomar a frente da situação sem se exaltar - e olha que ela não podia passar nervoso de jeito nenhum. A notícia da traição não surpreendeu a mãe e, então, as filhas perguntaram se a mãe autorizava que elas expulsassem o pai de casa. A mãe respondeu que elas nem se preocupassem e que se Zé não quisesse sair por vontade própria, ela, Maria das Dores, sairia assim que pudesse levantar-se da cama. Não precisava nem de briga.

Paula e Giovana, ainda revoltadas com o pai, foram ter com o velho. Onde é que já se viu? Durante 20 anos, a mãe fez de tudo para o pai, sustentou-o sem recriminá-lo e não fez mais do que apoiá-lo para superar o alcoolismo. Agora, refeito e empregado, ele arruma outra e sacaneia a mãe, mesmo ela estando doente, no hospital, precisando de ajuda? Bom, o pai podia arrumar as coisas dele e sair da casa, tinha três dias para achar um aluguel.

o primeiro caso

Maria não se meteu na discussão. Na primeira vez em que ela pegou Zé Pedro na cama com outra mulher, deu um chique para todo mundo do bairro escutar, bateu nos dois e foi embora. Zé voltou para a casa possesso porque a esposa tinha feito com que ele passasse vergonha. Quebrou uma garrafa de 51 no chão e agarrou Maria pelos cabelos, no entanto, se alguma cara seria esfolada naqueles cacos rodeados de álcool não seria a dela, não mesmo! Maria era mais alta e mais forte que seu Zé, que não passava de um nordestino mirrado tentando intimidar Maria com ameaças. Ela não faria como a mãe, não apanharia quiera, iria revidar e não era só para afastar ele de si, não. Mandaria o desgraçado para o INSS como inválido, ou direto para a vala. Agarrou o pescoço do marido e esfregou a cara dele nos restos da garrafa. Antes que ele se levantasse, Maria segurou o vaso de pedra que ficava ao lado da porta e atirou-o contra o chão, bem onde jazia a cabeça de Zé. O vaso ruim quebrou na cara do homem e, mesmo assim, o diabo do marido se levantou tentando partir para cima dela. Maria deu um passo para trás, apoiou a mão na estante e segurou o ferro de passar que estava atrás de si, em seguida o arremessou em direção a Zé Pedro que foi atingido no pé. O último golpe, por improvável que parecesse, foi o que finalmente o levou ao chão.

Ele foi sim parar no hospital, mas depois Maria perdoou: é que ela foi quem começara a bater, então ele merecia uma chance e pediu por ela. Mas os tempos eram outros e ela era outra. Na época, suportava um monte de coisa porque não queria deixar as meninas sozinhas e Zé cuidava muito delas. Agora não: as meninas já eram mulheres feitas e ele andava até destrutando as duas. Não havia mais motivo nenhum

para Maria aguentar esses desaforos. Ela no hospital e ele com outra? Aliás, ficava inconformada porque ela sempre teve respeito pelo Zé. Quando o chamou para juntar as escovas de dentes, parou de sair com os outros. Depois de mãe, de mais velha, recebeu propostas, ganhava mimos do cozinheiro de um restaurante perto de seu trabalho, teve seus admiradores e recusou todos e qualquer um, não por falta de interesse, mas por respeito - respeito esse que ele não teve com ela.

a primogênita sai do ninho

Giovana saiu de casa um pouco depois do pai, foi se juntar ao namorado no fim da gravidez. Pegou o dinheiro que guardou e usou para montar uma casinha para os dois lá em Guarulhos, do outro lado de São Paulo. Não queria casamento, pelo menos não assim, grávida, preocupada, com o mundo a sua volta desabando. Depois que engravidou, resolveu que ao menos tinha o direito de transar com o namorado o quanto quisesse, afinal, o filho já estava feito. Antes, a garota também tinha muita vergonha do corpo, mas foi perdendo por causa da gravidez. Não dá para guardar muito pudor quando se tem um mundo de médicos te mandando tirar as calças, abrir a perna, tocando seus seios - e, às vezes, eles já cutucavam as coisas sem nem pedir licença. À parte dos desconfortos de hospitais, durante a gestação passou a aproveitar o sexo sem culpa, depois que se ajuntou então, ainda mais. No entanto, nem tudo ia bem na nova fase.

Alisson, que havia parado logo no começo do namoro, voltou a usar maconha. Chegou até a vender o videogame quando a grana ficou curta, porque es-

tava desempregado e mantinha os velhos hábitos. De repente, ela se viu repetindo a história da mãe: o marido desempregado, com problemas psicológicos, cultivando vícios, e ela sustentando a casa e dando conta do filho. Quanto tempo dali para frente até ele se tornar violento? E se aquele dinheirinho que sumiu da gaveta dela foi ele quem pegou? Era isso que ela queria para a vida dela? Pagar para ver ela se ela repetiria a história da mãe? Fora isso, ela estava longe dos amigos, da família. Ficava isolada em Guarulhos e sentia falta da proximidade que tinha com a irmã e com a mãe. Se as duas se afastaram no começo dos namoros, desde que Zé Pedro saiu de casa, voltaram a se aproximar – digo, a se grudarem outra vez. O apartamento de Maria era bagunçado, sim, mas e daí? Algumas portas dos armários estavam quebradas, tudo herança dos chiliques de Zé Pedro, no entanto pouco importava a casa: as três estavam sempre juntas, deitavam todas em um quarto e conversando sobre a vida, faziam piadas, uma zoava a outra, se desse fome comiam na cama mesmo, frango frito, batata frita, o que fosse.

Giovana queria voltar para a casa da mãe mas Maria achava que era muito cedo, que a filha só precisava se adaptar. Arrastou o quanto deu, e depois juntou suas coisas, chamou um carro e, só quando o caminhão estacionou na porta, disse ao Alisson que estava voltando para a casa da mãe. Ele não teve o que dizer, ajudou a carregar as caixas e se despediu.

mãe, solteira, negra e pobre

Depois que se separou, Giovana descobriu que o rapaz não era muito interessado em ser pai se não

pudesse ser marido dela. Alisson achava que o pouco dinheiro que dava era mais do que o suficiente para cumprir seu papel. Foi presente durante o tempo em que Giovana ainda tinha interesse em sair com ele ocasionalmente, mas, depois disso, foi se afastando cada vez mais. Quando a garota tentava sair com outros, dava de cara com a realidade de ser mãe solteira: ou os caras presumiam que ela não queria nada sério, ou afirmavam que não aguentariam uma relação com alguém que já tem filho - não uma relação séria -, mas que, se ela quisesse só sexo, tudo bem.

Giovana ficou sem a casa, sem seu dinheiro, sem emprego e com um filho para sustentar. Não fosse pela Paula, a mais velha chegaria ao fundo do poço de uma depressão. A caçula começou a frequentar a umbanda. Por um lado, precisava daquele suporte espiritual e sabia que a irmã também. No entanto, para além dos orixás e das guias, a religião foi a porta para que Paula começasse a se entender como mulher negra e a criar uma identidade consigo mesma. Depois a internet tornou-se o escritório de pesquisas. Aos poucos, Paula foi descobrindo que não era a última a ser galanteada do colégio porque era feia, mas porque era negra e sua beleza não estava no padrão. Seu cabelo nunca foi ruim, como todos diziam: ele só era crespo. Também aprendeu que existia um conceito chamado solidão da mulher negra e que ela podia encaixar a vida da mãe todinha nele: ter se contentado com alguém que não lhe dava valor o suficiente, casar-se e continuar sem amparo e sem suporte...

Não foi só a umbanda, mas, depois que terminou de cursar gestão empresarial na Fatec, a caçula resolveu estudar geografia e foi aprendendo mais sobre as ciências sociais, desigualdades, feminismo, etc. Então dava apoio a irmã, explicava que a situação

em que ela se encontrava não era consequência direta das ações dela, e sim das estruturas sociais que tendia a dar pouco suporte para jovens negras da periferia, ainda mais quando elas tinham um filho nos braços. Paula coloca Giovana em grupos de apoio e debate online e a mãe de primeira viagem começou a se ver nas histórias de outras mulheres e entendeu que não passava por isso sozinha. Foi ganhando forças para seguir em frente. Além disso, se Maria das Dores foi contra a volta da filha, a princípio, agora que percebia que a volta fora necessária, deu seu conselho em tom de ordem, dizendo que agora o jeito era a filha entrar em outra faculdade, fazer pós, arrumar trabalho e ocupar a cabeça.

Paula falou para a irmã do programa Escola da Família, em que ela podia colaborar fazendo serviços voluntários de sábado e domingo no bairro onde elas moravam e então o governo lhe daria bolsa em uma faculdade popular. Foi o que ela fez, e começou a cursar pedagogia.

Paula também foi mudando algumas coisas em sua vida. No dia em que cortou o cabelo alisado e assumiu o crespo, olhou-se no espelho e, pela primeira vez em muitos anos, reconheceu-se. Paula também assumiu o sobrinho como se fosse o próprio filho e ajudava a irmã em toda e qualquer coisa que era preciso. Às vezes, ajudava até demais. Se Giovana foi uma espécie de mãe para Paula durante a adolescência, agora os papéis se invertiam. Era a caçula quem andava cuidando da mais velha, cuidando tanto que a Giovana se sentia culpada por ter virado um fardo para a irmã caçula. Que nada, Paloma amava o menino e ambas concordavam que o pequeno era a melhor coisa que tinha aparecido na vida delas.

educando a mãe para o mundo

Quando a mãe ligou para as meninas dizendo que o funcionário do sacolão estava convidando-a para sair, Maria queria conselho porque andava aterrorizada, achando que era algum tipo de brincadeira ou de golpe. Tinha alguma coisa errada nesse convite, afinal, ela já tinha 60 anos e ele já passava dos 30, mas não chegara nos 40. Paula e Giovana a princípio se preocuparam, no entanto, depois de ouvir os relatos das declarações que ele fazia à mãe, resolveram botar lenha na fogueira. Não haveria de ser nada criminoso ou de chacota – e, se ele não quisesse nada sério com Maria, só sexo, qual era o problema? O encontro valeria a pena por si, seriam umas horas de alegria, de diversão. Ah, a mãe merecia. Depois de tudo o que passou com o pai, depois de tudo o que tinha lutado, estava na hora dela pensar um pouco só nela. Além disso, o que tinha a perder? Ela não estava preocupada com o que os outros diriam, né?

Maria andava com os pés atrás. Pelo amor de Deus, ela já estava com 60 anos. Era uma senhora idosa. E o rapaz podia ser filho dela. Primeiro perguntou se ele estava tirando um barato da cara dela, porque, meu filho, nessa idade, ela não tinha mais saúde para aguentar chacota. O homem do sacolão jurou de pé junto que não, que só se dava ao trabalho de fazer as entregas das frutas pessoalmente na casa de Maria porque queria lhe mostrar o sentimento que tinha. Maria demorou muito para se convencer que ele dizia a verdade, pensava até que podia ser truque para tirar-lhe algum dinheiro. Mas, depois de muitas entregas e promessas ela confiou: recebeu-o em casa e transaram.

Ficou com vergonha das filhas, de pensar que elas sabiam que ela tinha transado com alguém dentro da casa. Mas as meninas não estavam preocupadas com isso, só quiseram deixar bem claro que os tempos eram outros, que a mãe nem conhecia esse cara e, por isso tinha de usar camisinha. Inclusive deixaram algumas disponíveis na estante. Maria passou anos tentando preparar as filhas para o mundo e agora eram elas que treinavam a mãe para o que estava porta afora.

Das Dores e o homem do sacolão se falavam sempre pelo WhatsApp, mas ficavam juntos só algumas vezes, sempre na casa dela. Ele dizia que, além de gerenciar o sacolão, era vaqueiro, e que na vaquejada existia um tipo de comunidade muito restrita em que as famílias só se relacionavam entre si, por isso ele não podia ser visto com ela, pelo menos por enquanto, mas um dia ele a levaria para ver os cavalos e os bois, só não podia ser agora. Maria mergulhou na história até que cansou e resolveu ignorar as ligações dele e deixar tudo isso para lá. A essa altura da vida, ela queria passear, ir ao cinema, e não essa coisa de ficar trancada em casa, só disponível para o sexo. Rotina ela já viveu durante 25 anos de casamento.

Ela até foi procurar um companheiro no Tinder: as meninas explicaram como funcionava e criaram a conta para mãe, mas Maria chegou à conclusão que não dava sorte, não. É que primeiro eles falavam umas coisas bonitas, mas depois os desgraçados já vinham pedindo foto pelada. Vê se pode, ela mandar foto pelada?! Ah, eles não tinham respeito. Talvez tivesse ficado velha e antiquada, mas é que ela queria uns passeios assim, mais decentes. Não era que queria compromisso, nem nada. Não mesmo, na verdade, de planos sérios para o futuro, só queria mesmo era fazer um mestrado.

Do seu Zé, não guardava raiva. Desde que saiu de casa, ele passou a fazer visitas constantes, queria ver o neto. Maria o recebia, passava cafezinho... Ele, de vez em quando, conversava, mas às vezes só ficava no sofá olhando para o nada. Os vizinhos até achavam coisa, alguns encontravam Das Dores na rua e diziam estar muito felizes de saber que ela e seu Zé tinham se acertado. Que se acertaram que nada! Se quisessem saber, ela estava até namorando outro, muitos anos mais novo que ela. Rebatiam questionando se ela não tinha vergonha de, com essa idade, dizer por aí que andava namorando rapaz mais novo?

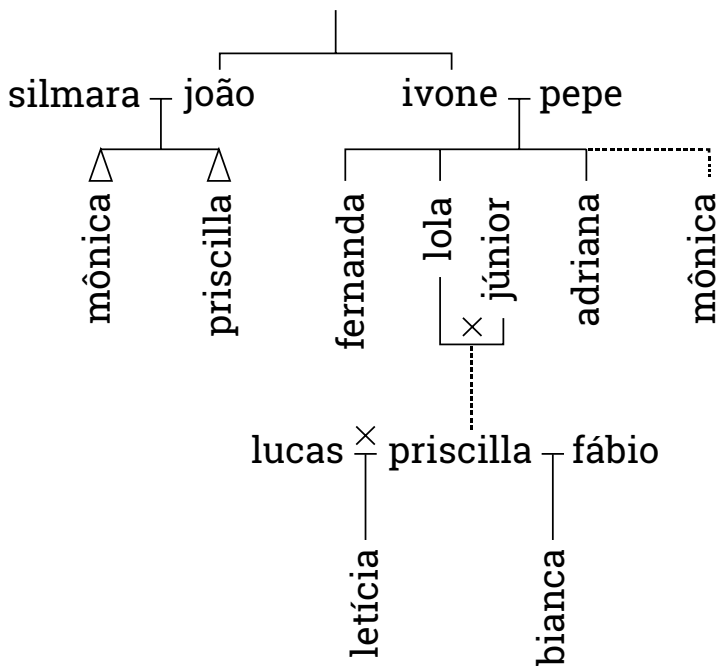
Não, ela não tinha não.

lola soledad



h e b e l o s e l o l





legenda

Δ adoção

--- adoção

× divórcio

*Tuvo mil historias y olvidó olvidarles
Malgastó caricias en los despertares
Rellenó enteritos mil y un pasaportes
Y ahora vengo yo a bajarla de ese viaje*

- Alejandro Sanz

o sonho

Dolores era da rua, saideira. Era bonita a danada, sempre com um cabelão loiro, bem cheio, esvoaçando por aí.

Vivia pelos bailes do bairro com a irmã, Fernanda, e também com suas primas. Se as duas não estivessem em casa na hora exata instituída pelo pai, seu Pepe, ele iria buscá-las aonde quer que fosse e as puxava pelas orelhas, fazendo de tudo para as meninas passarem vergonha, claro. Lola não tinha mais de 16, era um ano mais nova que Fernanda, e também era a filha que mais acumulava puxões de orelha. Era o final dos anos 1980, começo dos 1990, mas Pepe não queria saber de modernidade. Lola dava seu jeito. Pulava a janela para, na surdina, encontrar um rapazes do bairro, colecionava namoricos de risadas e beijos na boca, só isso.

Aos 14 ela já escapulia da escola para tomar sorvete na praça – e isso porque o pai fazia marcação cerada. A mãe, dona Ivone, era quem colocava panos quentes, porque ela própria se via na filha: fora muito espevitada, ainda era, e achava bobeira que Pepe ligasse tanto para o que o bairro falaria da filha. E falavam, tanto que ninguém imaginava que a garota fosse firmar um namoro com Júnior, que era mais um dos namoradinhos lá da rua. Ela andava por aí com ele, ganhando chocolates, passando sorvete no nariz do rapaz, mas não queria nada. Tanto não quis que um dia mudou de ideia, então ficou noiva em pouco tempo. Precisava ver, ela sossegou o facho.

João, o irmão da Ivone e tio de Lola, era só alguns anos mais velho que a sobrinha, uns 10, e era moleque em tudo. Vivia nos bares com ela, eram amigos. Se desse problema, a esposa do tio, Selma, sabia que era Lola quem saberia onde encontrá-lo. Um dia, o tio,

com uma cara de preocupado, chamou Lola de canto e disse que teve um sonho. Como ela sabia, a esposa de João carregava o sétimo rebento e, nesse sonho, o tio recebeu um aviso que essa criança tinha que ser dela, da Lola. O tio só podia estar louco. Imagina! Estava com 18 anos, noiva, começando a vida! Não podia criar uma criança agora. De jeito nenhum. Mas sabe que ela ficou com isso na cabeça? Acabou ajudando muito a Selma nos últimos meses da gravidez. Criou muito carinho pela pequena que estava para nascer, a Priscila.

O tio era um amor, mas não tinha um tostão. Morava com as crianças em um barraquinho no terreno ao lado da estação de metrô. Quando chovia, era um Deus nos acuda para tirar todas os filhos e salvar os poucos móveis. Há uns quatro anos, Ivone adotou uma das crianças do irmão, a Mônica, mas Lola não tinha estrutura para fazer o mesmo. Ainda não. Quando a neném já estava com uns três meses, o tio voltou a procurá-la, porque precisava de uns mil reais para comprar um fusquinha velho, e queria saber se ela não emprestaria, e ele pagaria aos poucos. Como tinha as economias para o casamento, e muita pena do tio, Lola decidiu emprestar.

Passados alguns dias, Fernanda, namorando no portão, viu a vizinha subir a rua pedindo que acudissem rápido, porque o João bateu o fusquinha. Um acidente besta que só: em uma curva, a porta do carro abriu e o tio, sem cinto, deu com a cabeça na guia. Traumatismo craniano. Ficou três dias hospitalizado e faleceu. Lola sentiu-se culpada. Ela não devia ter dado o dinheiro para o tio, se não fosse esse carro velho... Logo lembrou-se do sonho, talvez fosse uma premonição. Foi falar com Júnior sobre o sonho do tio. Se ela quisesse, o noivo aceitava criar a menina, Priscila, como se fosse dos dois, era só dizer. Ela quis.

a ovelha negra

Lola sempre foi a mais indomável. Fernanda, apesar de gostar de sair, era mais sossegada, e Adriana, a caçula, um ano mais nova que Lola, nem amigos tinha. Era quase inacreditável imaginar que Lola, aos 18, estava tão centrada, casando e com uma criança para criar. Para o trabalho, a garota sempre tivera cabeça: se formou manicure aos nove anos e sempre ajudou o pai no salão de cabeleireiro dele. Agora, se especializava em dar cursos de tintura, e o Júnior já estava trabalhando em um banco, com bom cargo. Em pensar que Lola o havia rejeitado tantas vezes antes de aceitá-lo, porque dizia que ele era muito moleque e que ela gostava de homens mais velhos...

É que antes de se firmar com Júnior, e depois de namorar todos os outros rapazes do bairro, Lola se encantou por um figurão dono de uma rede de lojas do Brás. Ele era mais velho que seu pai, seu Pepe, mas era muito jovial, bonito, e tinha sempre algo de novo para lhe mostrar: um restaurante no topo de um hotel, uma sorveteria... Foi um namoro bonito, mas eventualmente, a aventura acabou.

Durante o noivado com Júnior, as coisas foram esquentando, então Lola teve de contar que não era mais virgem. Não foi com o figurão, não. Ele parecia nem ter interesse nisso. Foi numa noite em que saiu com as primas e bebeu demais. As primas decidiram sair da festa e continuar a noitada na casa do Jamil, um amigo delas. Lola só seguiu. Passou da conta na bebida, acabou beijando Jamil e, quando viu, já estava na cama com ele. Ele nem imaginava que Lola, tão esco-

lada nas festas, era virgem, e tampouco se preocupou em ser delicado. Ela, até hoje, mal sabe como as coisas aconteceram, mas lembra perfeitamente da dor. Com Júnior, queria começar do zero: queria que fosse especial, em um motel bonito, no Guarujá! Junior fez tudo nos conformes, com calma e com carinho, e essa, que não foi a primeira de todas, foi a vez que contou.

Uma vez casados, a ovelha negra, estava se arranjando na vida. Talvez ela não tivesse dado tão errado. Quando Lola entrou na cozinha da casa da mãe com exame de gravidez diagnosticando positivo, o pai deu os parabéns à filha casada sem ler que o nome no cabeçalho era da caçula, Adriana, que, aos 19 anos, não saía de casa e nem amizades tinha. Algumas horas antes, quando Lola levou a irmã para fazer o exame, ficou quase tão chocada quanto o pai.

- Foi naquele evento - explicou Adriana. Ela, que tinha os olhinhos meio puxados e o cabelo preto escorrido, foi convidada para trabalhar em um evento de cultura japonesa e, depois da arrumação, passou algumas horas com o sushiman. Foi o suficiente. Positivo. Grávida.

Adriana, em choque, sem saber o que fazer, deu o envelope para que Dolores fizesse os comunicados, e Fernanda, a mais velha, se encarregou de ir atrás do sushiman, que só fez questionar a paternidade. A moça já estava de barriga bem marcada quando seu Pepe saiu do choque e começou a aceitar a situação. Dona Ivone era quem tentava aliviar o lado da filha. Um acidente, não adiantava recriminá-la agora: precisavam era ajudar.

o casamento

Uma semana depois de comemorar dois anos de casada, Lola acordou cedo como de costume. Preparou o café, tirou a roupa do varal, dobrou as camisetas sem passar, distribuiu as pilhas para os respectivos quartos e, enquanto tirava o pó da estante, se deparou com as flores murchas que ganhara no dia da boda. Melhor tirar. O buquê se despedaçava no caminho da sala até o lixo. Lola sentia uma fadiga de ansiedade, a dificuldade de respirar de quem tem muito a fazer e sente que o tempo não será suficiente. Não se tratava da casa: era a vida que lhe afligia. De repente, Lola pensava que tinha casado cedo demais.

Ela queria sair, se divertir, beber, dançar, e Júnior era sempre tão caseiro. Era um marido excelente, ela sabia - e nenhuma das pessoas ao redor a deixariam esquecer disso. No entanto, sentia como se estivesse a ponto de entrar em um redemoinho de amargura. E todas as coisas que ela ainda queria viver? As aventuras? Os flertes? Amava a filha, queria muito ao Júnior, mas cada dia se encontrava menos na vida doméstica. Enterrou o buquê na lata de lixo, e percebeu que lhe faltava o ar. É que cansa um bocado correr atrás de algo que não se sabe o que é.

Recém-casada, dava cursos de tintura em Campo Grande, Santa Catarina, no interior, onde fosse preciso. Nos hotéis por onde passava, tinha tudo o que precisava para uma aventura às escondidas e viu que a aliança no dedo não impedia que ela visse nada. Porém, ao mesmo tempo em que tinha seu fogo, Lola tinha suas amarras: nas viagens, não conseguia ficar com ninguém. Não se sentia atraída por completos desconhecidos e tinha medo de doenças. Só consumou a traição quando saiu com um conhecido, colega de trabalho, amigo

da prima e dali para diante foi assim. Tinha casos, alguns duravam meses, outros, anos.

Não amou nenhum. Ela gostava, mesmo, era das pequenas emoções, do frio na barriga. O celular dela vibrava e logo vinha a atuação: "Junior, tá escutando isso? Júnior tem alguém mexendo no portão! Vai lá ver, pelo amor de Deus!". Com o marido em outro cômodo, ela marcava em alguns segundos o próximo encontro. Adorava o Júnior, mas não conseguia evitar a traição. Quando decidiu confessar a ele, pedindo perdão por magoá-lo, Júnior sorriu encabulado: ele sabia muito bem a quem tinha proposto casamento e, se alguém estava confusa, era ela, porque para ele tudo andava claro.

OS CASOS

- Vive o que você tiver que viver, respondeu Júnior.
- Não quero que a gente se separe por causa disso.

Lola preferia que ele tivesse ficado louco da vida, possesso, que pedisse o divórcio, mas não: Júnior, com aquela compreensão infinita, só fazia com que ela se sentisse mais culpada e menos merecedora do amor de um homem daqueles. No fundo, ele achava que era uma fase e que, mais cedo ou mais tarde, iria passar. Mas não passou: pouco depois de revelarem as fotos cheias de riso do aniversário de quatro anos da Priscila, decidiram se divorciar. Lola era toda errada, e não era uma fase. Era melhor separar agora e manter a amizade. Porém, não demorou muito até que reatassem. Casaram de novo, com votos de fidelidade e prometeram cumpri-los, dessa vez, para valer.

Em uma tarde de domingo, Júnior fez a barba, botou uma boa camisa polo e perguntou se a esposa

não queria mesmo ir naquela feira de automóveis. Não, ela estava cansada. Lá pela hora do Fantástico, ele chegou a casa, mal a cumprimentou e foi direto para o banheiro. Enquanto ela assistia à televisão no quarto, viu pelo reflexo do espelho que ele apoiava o cotovelo na pia e lavava o rosto freneticamente. Tirou a roupa de golpe e se enfiou no banho. Lola sabia que os esfregões do marido tinham a intenção de livrá-lo do cheiro e da culpa de outra mulher. No dia seguinte, pela manhã, correu para a central física da operadora de telefone e recuperou os números para os quais ele tinha ligado. Analisando as repetições, encontrou um suspeito.

Se muitas coisas são meras reações às nossas ações, algumas vezes o destino e a sorte dão uma graça a mais nos ocorridos. O número do telefone de Lola só diferia do de Júnior por um dígito, assim, a pessoa que trocava os telefonemas furtivos acreditou que era Júnior do outro lado da linha e atendeu o telefone num empolgado “Oi, amor”.

Lola amaldiçoou três gerações da família da moça, a quem, a propósito, ela conhecia muito bem. Adriana. Elas cresceram juntas, foram melhores amigas de infância, inseparáveis. Lola chegou à casa possessa. Entornou logo uma dose da primeira garrafa que viu pela frente. Mesmo sabendo que o placar de traições dela somava mais pontos que o do marido, não conseguia evitar o ciúme louco que sentia por aquele homem, ainda mais agora que ela estava decidida a fazer tudo certo. Ligou para Júnior e bradou que sabia de tudo, de tudo. Pensou em diversas respostas para caso ele decidisse se defender lembrando as culpas dela, porém Júnior só fez implorar perdão e prometer que não aconteceria de novo. Lola precisou de uns dias para engolir o orgulho, mas perdoou. Seria injusta se não o fizesse.

Os dois viviam assim: magoavam-se, perdoavam e iam se curando. Foram felizes muitas vezes e, quando não o eram, Lola pensava em engravidar. Queria ter barriga. Pensava que isso era o que faltava e que, se engravidasse, se ela tivesse que parar de fumar e de beber por causa de um filho, pararia de sair tanto - e, conseqüentemente, pararia de trair. Acreditava que iria se acostumar a ficar em casa, cuidaria mais dela, de Júnior e da filha. Assim, todo mês, quando a menstruação vinha, ela chorava um pouco e tinha mais certeza de que o sonho do tio, que lhe deixou Priscila, era parte de um plano divino, já que Deus sabia que ela não teria suas crias de sangue. Ela e Júnior fizeram exames e não constava nada: simplesmente não acontecia.

Então Lola continuava a beber, sair e trair. Ficaram juntos até Priscila completar 10 anos. Um pouco antes do término derradeiro, Lola contratou Aline como sua advogada para lhe ajudar com as burocracias da empresa que pretendia abrir. Aline era uma mulher bonita e, sobretudo, inteligente, viajada, culta, sabida de livros, de músicas. Ela também era lésbica, mas isso não era novidade nenhuma para Lola. Uma das suas amigas mais próximas, Miriam, também era homossexual, assim como metade dos seus colegas do ramo da estética.

Lola e Aline iam para o bar falar de negócios e, lá pelo quinto litrão de cerveja, Lola começava a pensar em como deveria ser o sexo com outra mulher. Resolveu que experimentaria. Não dava a mínima para o que os outros pensariam. Se sobreviveu às alfinetadas das más línguas da vizinhança quando era menina, agora, adulta e dona do próprio nariz, não iria se preocupar com esse tipo de desaforo. Era mais fácil arrepende-se por não fazer, que o contrário.

Ficou três anos com Aline. Que o casamento já não ia bem, disso nem Lola nem Júnior discordavam, e também concordaram que a presença de Aline não era a responsável pela bancarrota da relação, mas a advogada acabou sendo instrumento prático para o divórcio: tratou de resolver a papelada. Acontece que, de marido, Júnior virou amante. Lola e Aline não duraram muito mais depois do divórcio. A advogada era possessiva e ciumenta, mais que qualquer homem com quem Lola já tivesse ficado, e nenhuma das duas aguentou carregar o fardo da outra por muito tempo. Não se reprimiu pelas más línguas, mas teve de aturá-las por muito tempo. Onde já se viu largar um marido daquele por uma mulher? Uma descabeçada, que não pensa nas consequências das coisas. Imagina! E a filha?! Já pensou na cabeça da criança? A mãe! Com outra mulher?!

uma filha para criar

De tanto ouvir os zunidos do bairro, Lola começava a acreditar que era mesmo uma descabeçada por deixar Júnior, e podia até ser. O que não podia era dizerem que ela não pensava na filha. Achava que não havia diferença entre ter um relacionamento com um homem ou com uma mulher e que a filha entenderia isso com muito mais facilidade que as candinhas das casas ao lado.

Priscila entendia. Desde que se conhecia por gente, Priscila sabia da história toda da adoção. Nasceu da barriga da mãe Selma, mas mãe mesmo é a Lola. A Mônica também nasceu da barriga da mãe Selma, então elas são irmãs, mas a mãe da Mônica, a mãe que

a criou, era a vó Ivone, então a irmã dela também era irmã da Lola. Era simples, os outros que complicavam. Às vezes, se irritava com tantas perguntas, e em muitas outras se divertia contando que tinha duas mães e dois pais. Além disso, mesmo sem ter nascido do ventre da Lola, herdou tudo dela. Eram iguais na aparência e na personalidade. Não havia quem não o dissesse.

De pequena, Priscila cresceu junto ao primo, o filho da Adriana com o sushiman. Passavam tardes brincando na casa da avó, iam à praia juntos durante as férias, e a mãe - qualquer que estivesse encarregada das crianças - banhava ambos numa só leva. Foi num desses banhos que, praticando o jogo dos sete erros, Priscila percebeu mais um. Sabia que menina tinha cabelo comprido e menino tinha cabelo curto. Que, quando se cresce, as meninas teriam peito e os meninos, barba. Agora, que os garotos não tinham uma periquita, assim igual a dela, e que no lugar vinha uma coisa meio pendurada, ah isso era novidade.

- Oh mãe, por que o dele é assim? - Lá vai Lola dar conta de explicar tudo tintim por tintim. A única vez em que hesitou em falar a verdade, e não soube como responder, foi em outro banho, quando a Priscila, com seus dez, onze anos, interrompeu a ducha da mãe para perguntar o que era bi.

- Como assim o que é bi minha filha?

- A tia Miriam colocou no Orkut dela que ela é bi. O que é bi?

Foi pega de surpresa pela vergonha. Disparou a primeira coisa que veio na cabeça: "Ah, Pri, é porque a Miriam tem dois filhos, um menino e uma menina." Ah tá. A filha saiu bem esclarecida do banheiro. Onde estava com a cabeça? Lola se culpava porque não deveria ter mentido para Pri. Além de tudo, pensava que não havia nada demais em ser bi. Não pode-

ria encostar a cabeça no travesseiro e dormir tranquila se não falasse a verdade à filha.

- Filha, bi não é aquilo lá que a mamãe falou, não. Bi é quando uma mulher gosta tanto de homem quanto de mulher. E é normal, é natural se sentir assim.

- Ah tá. - Saiu igualmente esclarecida e desinteressada.

Hoje, aos 23, Priscila nem lembra mais da conversa que teve com a mãe. Só lembra que era normal ver a Aline e mãe juntas, ou saber que a tia Miriam era bi. Também achou bem normal quando, aos 16, teve vontade de ficar com uma garota. Cabulou aula um dia, foram em grupo para a casa de uma amiga e Priscila subiu com a menina para o andar de cima da casa. Deram uns amassos e tudo. Priscila achou bom, não podia reclamar não, mas gostava mesmo era da coisa masculina.

paixão de criança

Da época em que a mãe ficava com a Aline, Priscila lembrava mesmo era dos dias em que passava no prédio da Miriam. Ela e Felipe, o filho da amiga da mãe, desciam para brincar no playground do prédio e Pri o achava lindo. No alto dos seus 11 anos, não tinha nada mais encantador do que os cabelos loiros e rebeldes dele, as roupas pretas com estampa do Slipknot e a calça caindo pela bunda. Era tão cavalheiro que até criou um e-mail para ela e a ensinou a usar o Orkut. Um dia, ele parou a brincadeira para perguntar se Priscila casaria com ele, quando crescesse.

Igualzinho à mãe o fizera quando tinha oito anos, foi Priscila quem puxou Felipe para o primeiro beijo.

Um selinho, o suficiente para se declararem namorados. Foi para casa aquele dia confessando a Lola os desenrolares do romance vespertino e que talvez estivesse amando. A mãe escutava e gargalhava por dentro, mas falava com a filha dando completa importância aos sentimentos dela. Dizia que era preciso ir com calma nisso de amor, para não quebrar a cara depois, mas que o garoto era muito legal e que seria ótimo se eles casassem mesmo. Imagina, teria uma neta loirinha! Sem a filha por perto, Lola pediu que Miriam ficasse de olho nesse romance. Sabe-se lá o que essas crianças aprontam...

fogo no rabo

Aos 13, Priscila deu largada à corrida dos namorados. Apesar de bastante nova, o corpão que tinha enganava muito. Logo de início, se engraçou com um garoto mais velho, de 18 anos. Três semanas depois, acabou e conheceu outro, Arthur. Lola permitia os namoros, pedia que Priscila não lhe escondesse as coisas, mas tentava botar alguns freios na menina. Não queria que a filha, que já dava sinais de namorada inveterada, saísse tão danada quanto ela mesma - esse fogo no rabo trazia muita confusão para a vida de Lola. Preferia que a menina, tal qual Fernanda, fosse do tipo que sossega com um e compartilha a vida inteira com este.

Na escola, a Pri, assim como Lola nos tempos do colégio, era da turma das entendidas. Falava de quase tudo com as amigas e falava alto. Na prática, ela e as amigas não faziam nada, mas estimavam tamanhos de fulano e de ciclano, apostavam qual seria melhor

em determinada tarefa, debatiam sobre qual posição deveria ser mais gostosa e trocavam boas ideias de como perder a virgindade. Só não falavam de uma coisa: masturbação. Sabe-se lá o porquê disso. Era um assunto que não vinha à tona.

Aos catorze, Priscila conheceu outro galã de playground: Renato, seis anos mais velho. Meio bad boy, comentavam que ele usava maconha, mas, nossa, era lindo! Todo mundo pagava um pau. Ela se interessou e ele propôs que se dirigissem até a escada. Sabe como é, porta corta fogo fechada, total privacidade. Ela aceitou, sentindo-se a última bolacha do pacote.

Depois de uns beijos, foram tirando toda a roupa na escada. Priscila estava com vergonha, mas fazia parte, não era? Ela não podia se fazer de criança logo agora. Fizeram de tudo, mas tudo pelo lado de fora, quando ele gozou nas suas coxas e eles foram embora, a garota saiu com uma sensação esquisita, nem ruim, nem boa.

No dia seguinte, a estranheza virou uma angústia desesperadora. E se os espermatozóides subissem pelas coxas. E se ela engravidasse mesmo sendo virgem? Ainda por cima de um moleque que nem era seu namorado... Era a definição de pesadelo. Priscila tinha o sonho de casar, ter filhos, mas agora não. De jeito nenhum!

Até a próxima menstruação chegar, não dormiu uma noite inteira pensando no que iria dizer à mãe - logo, para Lola. A mãe nunca fora besta e contava que, aos 14 anos, quando as tias apareciam em casa com a notícia de que fulana iria casar porque estava de barriga, mas que a gravidez era vontade de Deus porque a menina era virgem, Lola sabia que ou as tias eram grandes mentirosas ou tremendamente inocentes. Lola soube de tudo muito logo. Primeiro por-

que fuçava as coisas, e segundo porque dona Ivone, além de comandar o drive-in, era cartomante e vivia recebendo as amigas em casa e dando todo o tipo de conselhos. De tanto ouvir picados, Lola foi aprendendo o todo e por isso não seria fácil convencer a mãe de que fora um acidente. Mas não fora. Algumas semanas depois a menstruação trouxe a paz de volta para a vida da menina.

Conforme Priscila ficava mocinha, Lola tentava por umas rédeas, mas não queria encarcerar a filha. Muito pelo contrário, levava a menina consigo para cima e para baixo.

melhores amigas

Se a mãe tivesse viagem fora dos dias letivos, levava a filha consigo. Priscila se divertia no hotelzinho durante o dia e saía para comer com a mãe à noite. Iam para barzinhos de música ao vivo, gostavam de sambar e de ver a reação das pessoas que não acreditavam que as duas eram mãe e filha. É que Priscila já parecia uma moça e Lola não dava a ver a idade que tinha. Pouco depois da separação, Lola conheceu um modelo estonteante em uma feira de beleza, trocou telefone com ele e marcaram um encontro. Em poucas semanas, Alex já era seu caso fixo. Priscila adorava sair com ele e com a mãe: ele era divertido, ensinou a ela uns passos de gafeira e de forró e as amigas ficavam até com inveja, sempre perguntando quem era o negão da foto.

Para Lola, o encanto de Alex não era simplesmente a beleza. Ele era companheiro, animado, carinhoso e um especialista em quase todas as artimanhas

sexuais. Foi com ele, beirando os 30 anos, com quem ela teve o primeiro orgasmo durante uma transa. Ela nem sabia que o que sentia antes não eram orgasmos. É que quando se masturbava, sentia, mas quando transava pensava que sentia orgasmos menores, porque estando a dois não dava para prestar tanta atenção em si. Só depois do Alex, ela foi descobrir que o orgasmo a dois podia ser muito maior. Com ele, era de lei que Lola gozaria, lei da natureza, daquelas que não se obedece porque é preciso, mas porque é impossível contrariá-la.

O tempo com o Alex foram três dos melhores anos da sua vida. Lola andava bem financeiramente e fazia o que podia pela filha. Priscila nunca esquece quando a mãe a levou na loja da BadCat e disse que escolhesse o que quisesse, que a mãe compraria. Não havia uma amiga que não invejasse essa relação das duas. Quando comiam na casa da avó, de tardezinha iam tomar sorvete na praça da Galho e Priscila contava que já tinha quase certeza que o Gu, o melhor amigo, era gay, mas ele ainda não tocava no assunto com ela. Talvez ele ainda não tivesse se aceitado, respondia Lola. Será que ela, Priscila, deveria puxar assunto com ele sobre isso? A mãe achava melhor não, quando ele estivesse pronto, ele falaria. Ah, lembra que a mãe saiu com o Alex na terça? Eles foram em um rodízio de espetinho muito, legal, a Priscila ia adorar. Quando chegaram em casa, a menina abriu o Orkut e mostrou a foto daquele garoto que tinha dito que gostava dela. A mãe o achou bonito, mas, se a filha achava que ele era um saco, não adiantava nada.

só mais um caso

Três dos melhores anos da sua vida. Tudo ia bem, trabalho, sexo, família... Mas foi num churrasco, sem Alex, que apareceu o Anderson. Lola levou o salto, os cabelos e a ginga. Passava de roda em roda, cumprimentando os conhecidos, fazendo novos amigos e entornando copos. Sentado quieto em uma mesa no canto, um homem taciturno só observava a performance da loira. Pegou o telefone dela com um conhecido dos dois e passou a ligar todos os dias para saber se Lola ia bem.

Por acaso, tinham o costume de frequentar um mesmo bar onde tocava sertanejo às quintas e então se encontravam ocasionalmente. Quando ia, Lola estava acompanhada da filha e ele, dos amigos. Além disso, ele era casado, tinha um filho de nove anos e não era o tipo de homem que Lola gostava. Taciturno, chucro, não tinha muito papo. No entanto, as ligações continuavam, e quando foi para o bar sem a filha e sem o carro, Anderson lhe ofereceu carona. No portão de casa, nada, ele não insinuou nem um beijo. Ela não se conformava: como aquele homem podia ligar tanto, convidá-la tanto para sair, e não tentar nada? Decidiu tomar a iniciativa de uma vez por todas para ver o que aconteceria: tascou-lhe um beijo. Na próxima noite em que se viram, ficaram juntos - quer dizer, transaram. Antes de ir embora, ele disse tchau e deixou a promessa de que largaria a mulher por Lola.

pai é quem cria

Quando os melhores dias com Alex começaram a passar, muita coisa mudou. A empresa de Lola deixou de ir tão bem, mas mesmo assim, ou justamen-

te por isso, Lola preferia parar no bar e encontrar os colegas todos os dias antes de ir para casa. A Pri estava na idade de sair para as festinhas de 15 anos e Lola pensava que precisava colocar mais rédeas na vida da filha, assim como o pai fizera na dela. Tudo bem que ela, Lola, deu errado mesmo assim, mas as irmãs deram certo e o pai criou direito, então ela tinha de ser mais firme com Priscila. Só que Lola andava distante, meio desligada, preocupada com a empresa, bebendo depois do expediente. Nessa época, Júnior tomou o controle da vida social da filha para si. Ele autorizava as saídas, levava, buscava e ainda fazia outras vontades:

- Ô pai, eu ainda não tô pronta. Dá pra você passar na casa da Ana, pra pegá-la primeiro, aí depois você passa e pega a Andressa, a Camila e a Mari, que é lá naquele prédio que você me deixou naquele dia? Aí dá tempo de eu terminar de me arrumar.

Júnior virava chofer de bom grado. Em uma das madrugadas em que foi buscar a filha em uma festa, enquanto as meninas entravam no carro, tentando se encaixar com aqueles vestidos de barra encardida, laquê de cabelo derretido e sapatos que já se aposentaram da função original e viraram pulseira, ele fez a contagem da tropa e percebeu que faltava uma. A menina havia ido parar no hospital porque foi transar no banheiro e o vaso sanitário quebrou, dilacerando um pedaço do pé dela. Quem acompanhou a garota foi uma menina que era maior de idade, porque Mari não queria que ligassem para aos pais. Júnior foi direto para o hospital de pijama e tudo. Ficou lá com a filha até o médico liberar a menina, ligou para a família, pediu paciência com a menina e a levou de volta, enfaxada, mas a salvo, como o prometido.

a gravidez

Ah tá. Lola só faltou gargalhar naquele dia em que ouviu que Anderson largaria a mulher para ficar com ela. Para quem ele foi dizer isso? Logo para ela, que teve uma vida de casos e nunca viu um marido largar da esposa... Além disso, não fazia a mínima questão de levar o caso para frente. Pediu pelo amor de Deus que ele não largasse a mulher.

Em uma tarde de domingo qualquer, uma amiga da Ivone deu um salto de espanto quando viu Lola deitada e indagou quando ela tinha engravidado. Diante da predição da velha sensitiva, Lola gargalhou e concluiu que a senhora tinha endoidado de vez. Ela tentara engravidar durante 10 anos e nunca conseguira. Simplesmente não era pra ser e por isso que Deus colocou a Priscila no caminho dela. Lola nem se preocupava com pílula e camisinha era coisa rara. Nem cogitava gravidez. Só estava deitada ali, depois do almoço, porque a pressão baixou, não era enjojo nem nada. Era o calor. Com certeza a velha deveria estar louca, mas acabou que no dia seguinte fez o exame, por desencargo.

positivo. positivo...

Não era possível. Meu Deus. Ela tinha dormido apenas uma vez com aquele homem. Uma. Sabe quantos anos ela tinha tentado engravidar do Júnior? Dez! O que ela ia falar para a Pri? A menina estava com quinze anos! Com que cara, agora, ela, a mãe,

ia falar para a filha se cuidar? E aquele cara!? Justo aquele cara? Ele não era nada o tipo dela, meio ogro, sempre de cara fechada, não falava muito, pouco se interessou por estudar. O que ia dizer para Júnior? E logo agora? Na pior fase financeira da vida dela? A por anos e anos Lola teve dinheiro, casa, carro e logo nesse, quando ela teve que vender a casa para pagar as dívidas e fechar a empresa de representação de tinturas, e logo agora ela tinha voltado a morar com a mãe e Pri tinha ido morar com a tia Fernanda para ficar mais perto da escola, logo agora que tudo estava tão difícil esse tipo de coisa foi acontecer? O que iria dizer para Anderson? Que vergonha, que mico! Onde já se viu uma mulher de trinta e três anos engravidar assim de bobeira, de "Ah, não me cuidei"?

Parou de beber e de fumar na hora. Esqueceria Anderson. Aquilo era problema dela, culpa dela e cuidaria disso sozinha. Quando juntou as forças e decidiu contar para Priscila, a menina respondeu:

- Nossa, mãe, que vacilo - Aquilo acabou de derrubar qualquer coisa que ainda fosse sólida dentro de Lola. Resolveu dispensar Anderson de vez. "Sabe o que que é? Não vai dar mais pra gente sair. Melhor esquecer. Desculpa, é que eu fiquei grávida. É, é seu".

Anderson deixou a esposa, alugou uma casa e propôs a Lola que morassem juntos como uma família. Ela estava quebrada, sozinha, e se algum dia quis engravidar, foi para ter uma família, e não fazia ideia de como seguir daí para frente. Precisava de alguém para se apoiar naquele momento e aceitou a proposta. Priscila mudou de escola e voltou a morar com a mãe, que agora ficava em casa, fazia comida e conversava com a filha, que andava apaixonadinha por um professor de violão. Aos poucos, foi amando Ander-

son e o amou mais que a qualquer outro. Nunca conseguiu trair aquele homem. Nem vontade teve.

as aventuras de priscila

O professor de violão que arrastava asa para Priscila se chamava Paul. Engataram um namoro, ela com quinze, ele com dezessete, aprovado por todos os lados da família. Lola adorava o garoto, era o genro que toda sogra queria ter, responsável, educado, trabalhador e vivia fazendo serenatas para Priscila. Quando estavam a sós - ou nem tanto -, eles se pegavam contra toda e qualquer parede.

filha chegou toda empolgada para mostrar à mãe a aliança que ganhou no dia em que oficializaram o namoro. Era um rapaz ótimo esse Paul, mas, sabe, a mãe preferia que a filha fosse devagar com as coisas. Ela só tinha quinze anos, ainda era muito nova para ter uma vida sexual... Priscila dizia que já sabia de todas as recomendações, e desconversava.

Foi ao pai a quem Priscila recorreu quando quis ir a um ginecologista para tomar anticoncepcional, queria estar preparada para quando acontecesse. O pai entendeu e levou a garota, em seguida, repassou a notícia para Lola, dizendo que não se preocupasse porque Pri já havia recebido do médico as informações necessárias.

A mãe entendia que Pri não tinha contado da consulta por receio de ouvir caretices. De certa forma, quando mais nova, ela mesma preferia os conselhos do seu Pepe aos da dona Ivone. É que a mãe, por mais danada que tivesse sido, era dona de um drive-in, passava dia e noite vendo realidades duras, e se preocupava mesmo era em dar avisos sobre o que não

fazer e que cuidados tomar. Já seu Pepe passava mais tempo com as meninas, porque seu salão de cabeleireiro era na frente da casa da família, e foi ele quem falou de menstruação com Lola e também quem falava sobre rapazes. Dizia bem diretamente como era a cabeça masculina e o que os rapazes queriam e não queriam. Era o seu jeito de evitar ver as filhas iludidas e de coração partido pelos cantos.

Ainda que entendesse os motivos de a filha não a procurar, Lola sentia um aperto em saber que aquilo realmente aconteceria agora, já tão cedo. No entanto, ao invés de avançar nas safadezas, o namorado de Priscila estava dando passos para trás. Ela agarrava a bunda dele e Paul nem sequer descia a mão pelas costas dela. Ela não fazia ideia do porque, mas ele estava definitivamente evitando os seus ataques, por mais que o desejasse. Só podia ser gay! Se ele fosse homem, não se esquivaria das investidas dela. Sentindo-se rejeitada, ficava insegura e provocava brigas por causa de uns minutos a mais que Paul levava para responder uma mensagem.

dor da primeira vez

Virava e mexia, Priscila e Paul decidiam dar um tempo, mas voltavam em seguida. Durante um desses términos relâmpagos, Pri foi para a casa de um amigo do colégio fazer um trabalho. Na escola, eles conversavam muito e Priscila já havia contado toda história de Paul. A garota já contava desesseis anos e ele nada de tirar a virgindade dela. Pri queria saber se o colega, homem que era, sabia responder porque Paul agia daquela maneira. A solução que do amigo

foi tomar o lugar do namorado por uma noite e fazer isso por ela. Na época, Priscila não imaginou que ele falasse sério, no entanto, quando entrou na casa dele, de fichário na mão, pronta para fazer um trabalho em folha de alçaço, descobriu que os dois estavam a sós, e deu de cara com uma cama cheia de pétalas de rosas, uma garrafa de vinho, um potinho de morango e um frasco de cobertura de chocolate.

Demorou alguns segundos para entender a situação. Olha, ela estava separada do Paul, sabe-se lá até quando, e o amigo sempre foi brother, sempre fez com que ela se sentisse confortável para falar sobre tudo. Sem saber como reagir, ela ignorou o cenário e puxou assunto do trabalho enquanto ponderava se seria bom tirar esse peso da virgindade da frente e ver no que dava. Ele a beijou. Ela bem que desconfiava que ele beijava bem. As mãos foram se entrelaçando e a vontade de cravar as garras nas costas dele tomaram conta de Priscila. Quando caiu em si, já estavam os dois nus na cama. Parecia uma boa ideia, mas e se não, fosse? Não teria mais volta. Ficou em dúvida, queria pensar no que fazer mas...

Aiii. Agora já era, não tinha mais o que fazer. Estava doendo, não era bom. Não conseguia nem mais se concentrar no que estava acontecendo, porque o feito lhe pesou na consciência. Não era pra ser assim. Era para ser com Paul e agora tudo o que ela queria era que o amigo acabasse logo para ela ir embora.

- Pode deixar que eu termino o trabalho sozinha.

Chegou a casa, correu para o banho e chorou, chorou, chorou. Definitivamente, era a pior pessoa do mundo. Paul mandava mensagem, mas ela não teria cara de ir conversar com ele, não agora. Depois que a poeira baixou, eles voltaram e, com o namoro, o assunto da virgindade também.

- Você nunca me perguntou se eu sou virgem - comentou o namorado. Nunca havia ocorrido à Priscila que essa era uma possibilidade. O mundo dela desabou quando ele respondeu que era. O que ela tinha feito? Era para ser com ele, os dois descobrindo juntos um novo mundo, aprendendo um com o outro - E você?

- Não - respondeu a garota, desviando o olhar. Explicou que meses antes, quando disse que era virgem, havia mentido. Tinha vergonha de contar sobre a vez em que fizera, antes deles começarem a namorar, porque tinha sido horrível, com um qualquer, não gostava nem de lembrar. Pediu que ele perdoasse a mentira e que lhe presenteasse com uma nova primeira vez. Nessa nova, não teve pétalas de rosas sobre a cama, porque nem cama teve. Foi no chão do estúdio de música onde Paul dava aula. Numa madrugada, quando os dois estavam a sós, usaram as jaquetas de couro da moto e umas capas de violão para amaciar a dureza do chão, e se descobriram ali. Está certo que ela só foi desfrutar dos melhores truques do sexo e dos orgasmos quando começou a ter idade para entrar no motel e usar uma cama boa, mesmo assim, aquele chão foi muito melhor que a primeira cama sem amor.

Como a garota ainda não tinha idade para frequentar o motel, eles improvisavam. Chão, escada... No dia da prova do Enem, depois do exame, a menina iria encontrar o namorado e juntos, de moto, iriam até a praia grande, para ficar no apartamento dos pais do namorado, a sós. Lola jamais daria permissão porque tinha pavor de moto. Então a filha mentiu a ambos os pais quando saiu da prova e disse que ia para a casa de uma amiga. Já era noite quando a Lola começou a ter um pressentimento ruim e queria porque queria falar com a filha. Quando ligou para Júnior, achando

que ela estava com o pai, começaram a desenrolar o novelo de mentiras. Lola bradava que queria Priscila na casa dela imediatamente, e Júnior jurava que a encontraria e que seria logo.

O pai foi até a casa da tal da amiga, que não atendia o telefone. Depois, percebeu o plano da filha e correu para a casa de Paul. Ameaçou a mãe do garoto de chamar a polícia se ela não contasse imediatamente onde estavam os dois. Lola estava à beira de um enfarto quando dona Ivone atendeu um telefonema e era a menina. Ela pretendia que a vó colocasse panos quentes na história, mas Ivone fez foi um escarcéu avisando onde a garota se metera. Júnior, de pijamas, desceu a serra para arrastar Priscila de volta para casa e só faltou trazê-la pelas orelhas como o Pepe fazia. Onde era que já tinha se visto uma coisa dessas? Fugirem sem avisar ninguém? E de moto? O que tinha se passado na cabeça da filha para mentir daquele jeito. Ele fazia tudo o que ela queria, não fazia? Se ela falasse a verdade, era capaz de ele, mesmo de pijamas, levar os dois e voltar pra casa.

a submissão que pediu

Priscila não queria nem ouvir os berros da mãe, principalmente porque sabia que as coisas em casa já não andavam bem. O Anderson era um saco. Que o sujeito era louco, um grosseiro, disse ela sabia, mas como a mãe se submetia a ele, ela não fazia ideia. Quando estava a sós com Lola, Priscila achava um jeito de entrar no assunto. Por acaso a mãe lembrava daquelas sandálias assim, assado? Fazia muito tempo que ela não usava não é? Também... Não saia mais de

casa, não se divertia. Deviam sair juntas um dia desses. A mãe tinha que parar de abaixar a cabeça para Anderson. Ela era forte, capaz de coisa melhor! Onde já se viu, esse cara querer controlar as roupas que ela usa e as amizades que ela tem?

Lola não tinha o que responder. Também não se entendia. Deixou de ser a loira que, quando sambava em um salto, atraía qualquer olhar. Andava amuada, sem vontade. Nem se reconhecia. Só quando a implicância do Anderson chegava à Priscila, ela tratava de rebater o companheiro. Onde é que já se viu chamar de folgada uma menina que, no colegial, estuda e trabalha?! Só porque ela não ajudava com a casa? Ele também não! E isso era problema da Lola e não dele. Dos amigos, muitos Anderson afastou, mas nunca nessa vida que ele conseguiria se livrar do Júnior, isso Lola não aceitaria. Muito de mal grado, o ogro engolia as visitas do ex-marido, que continuou ali como alicerce para todas as horas. A única diferença é que Lola e Júnior nunca mais foram amantes.

Uma vez. Em uma transa, ela tinha engravidado. Ela e Anderson juntaram as tralhas sem nem saber direito como era o sexo um do outro. Anderson teve aflição da gravidez. Só faltava dormir no chão para não correr o risco de encostar em Lola. A cada dia que passava ela, se sentia mais enjeitada e, mesmo assim, amava aquele homem e fechou os olhos para todos os outros. O caso da Lola não era cegueira, não. Enxergava muito bem o que estava acontecendo – e, se não visse, Pri fazia questão de descrever.

- Olha isso, mãe! Esse cara é um idiota que quer te controlar. Você não vai fazer nada?

Ela não fazia. Não era medo. Nunca teve medo dele. Era amor. Aquele amor que ela tinha pedido a Deus, anos atrás, quando acreditava fervorosamente

que só um amor submisso, acompanhado de gravidez, poderia botar sua vida nos eixos.

a inversão

Aos dezessete anos, Priscila se tornou muito mais mãe do que filha de Lola. Dava conselhos, puxões de orelha, tentava fazer com que a mãe saísse de casa, nem que fosse para ir até o churrasco na casa da tia. Por vezes, conseguiu que Lola enfrentasse Anderson, e eles até se separaram algumas vezes. Mas, meses depois, voltavam. Ela sabia que não precisava de Anderson, mas o amava. Priscila não ousava criticar o vai-e-vem. Ela era farinha do mesmo saco. Virava e mexia terminava com Paul, mas nunca para pôr um ponto final de verdade. Só queria dar um susto.

Pri não era muito de balada, mas assim, vez ou outra, se estivesse em uma e aparecesse algum interessado, também não era de recusar um beijo. Paul não ficaria sabendo e o relacionamento seguiria igualmente bom e saudável. Além disso, ela era nova, não queria se prender demais. Teve casos também. Tinha um amigo em comum com Paul, e ela se dava muito bem com ele - às vezes, saíam e transavam. Nada romântico, Priscila não achava que precisava ter amor para o sexo valer a pena, mas precisava ter intimidade suficiente para um chamar o outro de bunda branca.

Lola não via tudo o que a filha fazia, mas sabia que a menina era uma cópia de si e ela própria, cópia da mãe, que vai saber se puxou à bisá. Que sina. Quando pequena, Lola via a mãe na esquina de conversinha com outros rapazes, o pai chorando sobre cartas de despedidas. Quando ela sumia, o pai dizia que era via-

gem, mas Lola sabia que era homem. Lamentava pelo pai, mas, quando Ivone voltava, era uma festa. No fundo, achava bonito esse jeito de ser da mãe: fumava, dirigia, bebia, era moderna, linda e fazia o que nenhuma das outras mulheres faziam. Mesmo vendo todo o sofrimento que o jeito da mãe causou no pai, Lola não pode evitar tornar-se cópia dela. Se viveu de casos não foi porque quis, mas porque não pode evitar, e quem sofreu com tudo isso foi ela mesma. Esperava ao menos que a filha fosse diferente, pé no chão, e que fizesse as coisas com calma. Falou tanto disso pra Pri, mas, ainda que não tivesse dito nada, a menina acompanhou a vida da mãe de camarote e viu os problemas que o desgoverno de si trouxe a Lola.

a vida de adulta

Priscila entrou na faculdade de administração. Durante uma semana em que, por algum término besta, ficou solteira, enrabichou-se com um colega de classe, Lucas. As meninas da faculdade morriam de inveja de ver o quanto ele paparicava e se esforçava para chamar a atenção dela. Paul não baixou a guarda para pedir desculpa e ela continuou nessa brincadeira com Lucas. Em uma sucessão de acontecimentos inexplicáveis, que envolviam um telefone sem fio e a compra de uma geladeira, em menos de um mês de namoro, ela e Lucas ficaram noivos. Para casar, só faltava arrumar a casa e fazer os papéis rodarem os cartórios.

- E como vocês vão fazer? - questionava Lola. - Vocês ganham pouco, como vão bancar as duas faculdades, aluguel, contas?

Ela não se importava com quem a filha namorasse, só queria que a menina estudasse antes de casar. Além disso, Priscila tinha apenas dezoito anos e mal conhecia o rapaz.

Casar muito nova não era bom. Que a filha olhasse para a história da mãe, e olha que o Júnior era um ótimo marido, mas, por casarem muito criança, acabaram se desencontrando em busca de aventura. Acontece que ela, Priscila, precisava viver a vida dela e não podia ficar à sombra dos erros da mãe, então iria seguir seu coração. Quando ela e o Lucas viram que o dinheiro não daria para as duas mensalidades, a menina trancou a dela, mas retomaria assim que ele acabasse a dele, talvez um pouco depois, porque, logo que voltou da lua de mel, as regras da Priscila atrasaram. Positivo: grávida. Não usou camisinha porque era sua lua de mel e não gostava de transar com uma borracha. E também, ela tomava a pílula - esquecia de vez em quando, mas tomava. E Mônica, que, além de irmã mais velha, também tinha autoridade de tia, contou que, se ele tirasse o pênis antes da ejaculação, não aconteceria nada.

Priscila adorava criança, já estava casada, tinha emprego e, por maiores que fossem as dificuldades, teria condições de criar uma criança. Nunca teve raiva da mãe Selma, mas simplesmente não conseguia entender como uma mãe pode abandonar um ser que saiu de dentro de si, por mais pobre que seja, então ela mesma não faria isso. Lola também a tinha adotado aos dezoito e deu tudo certo! Se engordar, depois o corpo volta. Para trabalhar e estudar, alguém cuidaria da menina. Não era o fim do mundo. Só que a maior chateação de Lola era que agora, com um filho, achava que as chances de Priscila voltar a estudar seriam poucas.

Nem bem passaram duas semanas quando Priscila teve um pequeno sangramento. A médica diagnosticou que não havia mais feto no útero dela, só um cisto enorme. Gravíssimo. Priscila passou o dia no hospital fazendo exames, se movia pelo modo automático, aflita com o risco da hemorragia e apavorada com a ideia de que talvez nunca seria mãe. O próximo médico a acalmou: perdera a criança, infelizmente, mas, quando tirasse o cisto, já poderia pensar em ter filhos mais para frente, não ficaria estéril, só que, no próximo ano, nem pensar em engravidar.

de filha à mãe

Durante esse momento de confusão, virar e desvirar mãe, Paul apareceu. Eles brigaram durante os 3 anos em que namoraram, mas nunca deixaram de se falar. Separados, de quando em vez se viam às escondidas e relembavam os velhos tempos. Em um desses reencontros, transaram. Entre tropeços e pequenas alegrias, ela também seguia a vida com Lucas. Três meses depois, positivo de novo. Grávida. Lola endoideceu.

- De novo? Você não ouviu o que o médico disse? Você não poderia ter engravidado agora! Você não se preocupa nem com a sua saúde, nem com a da criança.

A filha tentava se justificar, acalmar a mãe. Tinha entendido errado, que não poderia engravidar no último ano, que seu corpo não seria capaz por causa do cisto e, então, nem se preocupou com camisinha. Nem com Paul, nem com Lucas e agora, também não tinha certeza sobre quem era o pai. Por um lado, ti-

nha medo da reação do Lucas; por outro, gostava da ideia de se arranjar com o Paul.

Quando saiu o exame de sangue, teve certeza que era do marido e sentiu que era uma segunda chance. Agora faria tudo certo, se cuidaria muito. Em termos médicos, a gravidez foi tranquila, mas, emocionalmente, não. No meio das turbulências, nasceu Letícia.

Aos dezenove anos, Priscila tornou-se mãe e Lola, aos trinta e sete, avó. Quando levaram Letícia para mamar, Priscila descobriu ter o mamilo invertido, meio pra dentro, e então a neném teria que abocanhar a auréola inteira, mas a filha só agarrava o bico. Por isso, conforme Letícia mamava, feridinhas doloridas iam rachando o seio de Priscila. Era sua responsabilidade amamentar aquela criança, mas acabava chorando de dor em todas as vezes. As enfermeiras trariam uma fórmula para alternar com a amamentação, mas, se trouxessem aquele tantinho de leite às 15h, já às 16h30 Priscila começava a chorar. Era que, em pouco tempo, a criança teria fome e ela teria de amamentar de novo. Doía tanto que alguém tinha de segurar a menina, e colocá-la ao seio, porque Priscila não conseguia.

o pós parto

Logo as enfermeiras e os médicos perceberam que, se ela continuasse nessa tentativa sôfrega, era capaz de entrar em depressão pós-parto. Era bem capaz mesmo: Priscila se sentia sozinha e invisível, com um mundo de dores para suportar enquanto tentava arrancar o maior amor do mundo de dentro de si para dar à filha. Mas não queria desistir da amamentação, era seu dever e queria ter esse laço com a menina.

Só ela sabia o que havia passado nessa gestação: largou a faculdade para o marido continuar, mas Lucas só queria saber do bar e, quando chegava a casa, reclamava que Priscila não havia limpado direito isso e aquilo. Implicava com o comprimento das roupas da esposa e até como visitas do melhor amigo dela, o Gu, só porque o garoto era gay e Lucas não gostava dessas coisas.

O marido foi até reclamar com Lola que a filha dela não estava cumprindo as obrigações de esposa e negava sexo. Claro! Priscila andava sem cabeça para isso e, ainda durante a gravidez! E piorou depois que encontrou mensagens em que o marido marcava encontros com outras e ainda dizia absurdos sobre ela. Chegou a botá-lo para fora do apartamento. Inclusive, na véspera do parto, quem esteve ao seu lado foi Paul. O professor de violão queria fazer planos e, sempre que aparecia, era um episódio de romance na vida da Priscila. Naquela noite antes do nascimento de Letícia, ela e Paul se beijaram debaixo dos pingos de chuva, mas, tal qual um filme, depois de duas horas de emoção, era preciso voltar a vida real e ele partiu. Poucos dias depois, Paul assumiu um namoro com outra. Quando Lucas pediu desculpas, Priscila deu uma chance porque não queria que a vidinha de Letícia já começasse torta, com pais separados.

Agora, com a filha em seus braços, sentia que estava desaparecendo. Ninguém perguntava dela nas visitas, só queriam saber e falar de Letícia. Não que ela também não quisesse falar e paparicar a filha, mas sentia como se ela nem ao menos estivesse ali.

Com o tempo, aceitou a ideia de alimentar a filha à mamadeira. Priscila podia sofrer por dentro, mas passava pela vida com um sorriso no rosto, conversadeira e otimista. Era só ter uma pequena deixa que

já fazia piada. Não foi uma pessoa triste naqueles dias e talvez nunca seja, mas muita coisa mudou na sua vida de uma hora para outra. E ela teve de se acostumar. Aos poucos, foi vendo os seios fartos perderem volume e ficarem marcados por estrias. Tinha vergonha de se olhar nua, mas nada que um baby doll e uma luz apagada não resolvessem.

Quando se via triste, era a imagem da mãe que não a deixava desanimar. Priscila sabia que Lola andava abatida por causa de Anderson, mas que, no fundo, ela ainda era aquela guerreira que lhe serviu de inspiração durante anos. Ela queria ser tal qual a Lola, sempre tão forte e independente, dava conta da casa em cinco minutos, saía sempre arrumada e trabalhava sorrindo, mesmo quando as vendas iam mal. Quando Letícia já estava com um ano, Priscila resolveu que bastava. Iria se separar de vez de Lucas, pediria ajuda da mãe e da avó e cuidaria da filha sozinha.

aquilo que se deseja

Lola, enquanto enchia mais um copo com uísque, tentava lembrar o porquê de ter aceitado, mais uma vez, voltar com o Anderson. Seis meses atrás, depois de quase dois anos com ele, ela vestiu o jeans que lhe valorizava as pernas, arrumou o cabelo e saiu levando o filho pequeno pela mão. Alugou um quarto e cozinha na COHAB. Mais que o suficiente. Foi para rua, bateu de salão em salão e voltou a fechar vendas.

Conversava com cabeleireiros, tomava cafezinhos, sorria pras pessoas. Podia sentir que estava voltando a ser a de antes. Mas, se o telefone tocava e era o número dele, o estômago embrulhava. Ele é pai

do filho dela, não é? Ela não podia simplesmente ignorar as ligações e impedir que ele soubesse do menino. Queria ela ser capaz de, ao menos, pensar em ignorar. Mas não dava. Só de ouvir o nome dele e Lola já sentia uma pontada de coração ferido no peito. De todos os homens que ela teve na vida, porque ela foi amar logo este? O sentimento lhe batia tão fundo que bebida nenhuma conseguia fazê-la esquecer. Nem bebida, nem homem.

Então era isso. Ou não era isso que ela queria? Ela passou toda a sua existência revezando entre o medo de deixar a vida passar e a culpa de não ter dado certo. Deu errado porque herdou tudo de ruim da mãe. Não conseguiu ser fiel, não conseguiu cultivar um amor bonito como o da irmã - que casou e passou a vida inteira com o marido, tão unidos, tão companheiros. Pedira isso para Deus. Um amor, um amor de verdade que a fizesse ser fiel. A desgraça é que Deus tinha ouvido a danada da prece. E atendeu. Pronto, agora ela amava o Anderson, e não conseguia se desvencilhar dele por nada. Já enchia outro copo de uísque quando teve de correr para o banheiro.

O mal-estar, que parecia ser da bebida, perdurou. Depois de muitos exames, descobriu a resposta: neoplasma maligno nas vias biliares. Significava que era câncer na região do fígado. Então esse seria o preço a pagar pela vida que levava? Caro. A quimioterapia retardaria o avanço, os medicamentos aliviariam a dor, mas o caso dela era inoperável e incurável. A vida foi levando, carregando Lola para longe. Sabia que não podia se entregar, tinha um filho pequeno - e, ainda por cima, um menino que ficava cada dia mais assustado e retraído com tudo o que acontecia em volta. Ela precisava do Anderson, ao menos para ajudar

com o menino, e ele garantiu que ia ficar do lado dela. Na primeira internação, ele desapareceu.

Se a doença maltratava uma parte do corpo, o tratamento parecia acabar com o resto. Aos poucos, Lola foi perdendo os cabelos, não todos, mas, da cabeleira esvoaçante, grossa e pesada, sobraram uns fios fracos que não passavam do ombro. Pri se desdobrava para cuidar da mãe como podia. Passava tardes e tardes no hospital, dava de comer na boca de Lola, tentava puxar assunto sobre as primas, qualquer coisa que distraísse a mãe. Um dia, cortou o cabelo bem curto e disse à mãe que aquilo era só cabelo, que ela não tinha de se preocupar em perdê-lo. Inclusive, se ela ficasse careca, Priscila rasparia junto.

Não havia uma pessoa no hospital que não admirasse o carinho de uma com a outra. No entanto, com as crises de bronquite da Letícia, Priscila não conseguia mais passar tanto tempo no hospital com a mãe. A tia Fernanda foi quem se encarregou, e Priscila fazia o que podia ligando para a mãe todos os dias. Quando Lola começou a perder peso, já não queria mais atender as chamadas de vídeo. Evitava espelhos ou câmeras e se enxergava toda como um monstro. Quando Anderson reapareceu para ver o filho, trouxe consigo uma menina na faixa dos 20 anos e a apresentou como a nova namorada. Ela tinha idade para ser filha da Lola.

replay

Poucas algumas semanas depois de deixar Lucas, Priscila conheceu num site de relacionamento um pai solteiro, da idade dela. Deram-se bem logo no

primeiro encontro e marcaram de se ver no dia seguinte. Foi em novembro que eles começaram a sair, e em janeiro, de umas gotinhas de xixi, pintaram-se de azul dois risquinhos num palito branco. Positivo. Priscila estava grávida. Não aguentaria passar por tudo de novo: o relacionamento, as brigas, o parto, o pós-parto. Pensou em tirar. Pensou mesmo, poderia ser melhor. De qualquer forma, tinha de contar para a mãe. Lola ficou chocada. Talvez a filha precisasse de uma palavra de apoio, mas ela não podia esconder sua indignação. É que, depois de tudo o que a filha havia sofrido com Lucas, iria repetir a mesma história?

Fábio deu saltos de felicidade, era Deus no céu e Priscila na terra. Diante da empolgação do companheiro, Priscila foi deixando seu otimismo tomar conta. Fábio já tinha passado por outro casamento, era mais maduro, podia dar certo. Filho é benção, não é? Só que essa gravidez lhe saiu muito mais difícil que a anterior. É que já tinha de cuidar da Letícia pequena, e, ainda por cima, sentia muito enjoo. Em uma noite de sábado, Letícia teve um ataque da bronquite, e Priscila mal conseguia respirar ela mesma. Pediu que o Lucas a levasse para o hospital, já que ele era pai da menina.

Deu-se início a uma briga homérica, porque Lucas disse ter de dar carona para a namorada até a casa dela e só depois teria tempo para a filha, o que deixou Priscila possessa. Fábio assumiu o telefone e disse que levaria Letícia, porque era mais homem que o próprio pai da menina. Muito ofendido, Lucas continuou o quebra pau. Quando a Letícia já estava no hospital com o Fábio, Priscila, em casa, começou a sangrar. Chamou uma ambulância, e nada de chegar. Pediu ajuda aos policiais que estavam na rua e eles se dispuseram a levá-la de viatura, mas no meio

do caminho, o pneu furou. Priscila só queria apagar e acordar no hospital. Os milicos disseram que rapidamente eles trocavam o estepe, e que uma ambulância demoraria mais. Quando chegou ao hospital, foi levada à sala de cirurgia, mas a criança já havia falecido.

Ele precisava empurrar, fazer força para tirar o feto. Era um parto, mas nunca seria um nascimento. Não conseguia evitar pensar que a culpa podia ter sido dela. Não devia ter discutido com Lucas, devia ter pago por um médico particular, tomado vitaminas e nunca deveria ter pensado em tirar. Dizem que criança sente. Não, a culpa não era dela, era do Lucas, que fez um inferno na vida dela, que não conseguia dar prioridade para a filha nem ao menos uma vez na vida.

Enquanto estava em observação, ficou na ala da maternidade. Ouvia choros, risos, nomes, planos. Todas as mulheres que passavam por ali perguntavam onde estava o neném dela e a garota simplesmente não conseguia abrir a boca e só fazia chorar. Lola não queria ver a filha devastada, e tentava consolar dizendo que Deus sabia o que fazia e talvez isso fosse o melhor. Não era um bom momento, e ela mesma, Lola, no estado que estava, não poderia ajudar a filha. Não poderia ajudar nem a si mesma

culpa

De repente, Lola teve certeza de que estava para morrer. Estava definhando cada dia mais, no entanto, ainda não podia partir por causa do filho e da Pri. Mas o coração começava dar sinal de que iria pifar. Talvez fosse agora, ou talvez fosse só o começo. Quem sabe

morresse bem devagar e completamente sozinha, porque demoraria tanto, que ninguém teria mais tempo... Júnior. Ele entrou no quarto e a abraçou. O plano era visitá-la mais tarde, com a esposa, mas sentiu que alguma coisa estava errada e resolveu ir antes. Só ficou ali, ao lado dela, até que a crise de pânico passasse.

Por mais que a atual esposa dele se esforçasse, não conseguia esconder os ciúmes e, dias depois, Lola sentiu que precisava esclarecer as coisas. Disse a ela que não se preocupasse, porque Lola jamais ficaria com Júnior de novo. Aliás, Lola tampouco imaginava como a moça podia se sentir ameaçada por alguém como ela, naquele estado, horrível, como um trapo gasto prestes a se dismantelar de vez. Neste dia as duas lavaram qualquer prato que ainda estivesse sujo e firmaram ali uma amizade. Lola estava disposta a acertar as contas com cada um ao seu redor, e de Júnior ela queria perdão, o qual ele julgava já ter dado anos atrás.

Para Lola não era o suficiente, porque só tinha a redenção dos crimes confessos, e havia outros mais a serem perdoados. Tudo isso que ela estava passando era pagamento. Não existe inferno: o preço de tudo vem ainda em vida, e ela traíra tanto Júnior que sentia que, no fundo, merecia isso. O ex-marido a observava fazer a listagem quando a interrompeu para dizer que nenhum nome ali era novidade. Sempre soube, mas achava que, se ela não quisesse lhe falar, não cabia a ele pressioná-la. Além disso, não havia de perdoá-la porque nunca a havia culpado.

replay 2

Lola falava com a filha todos os dias, nem que fosse para dizer o que comeram no almoço e o que fariam em seguida. Até que, um dia, a conversa não foi tão ordinária. Priscila estava grávida de Fábio outra vez. Ela estava tomando a pílula, mas não tinha jeito. Se o alarme da pílula tocasse enquanto ela estivesse lavando louça, era um tal de vou tomar assim que acabar e a promessa logo se esvaía. Mas agora aquilo não importava: queria que a mãe ficasse feliz por ela. Lola não sabia o que falar. Se a mãe biológica da filha teve nove filhos, aos vinte e dois Priscila já estava na quarta gravidez. Dela tinha herdado a fertilidade. É claro que Lola amaria a neta: se ela brigava com Priscila por essas coisas, era porque queria o melhor para a filha e para as netas. Agora, Lola rezaria para que a filha tomasse juízo e se firmasse com o Fábio. Não tinha jeito, sabe? A vida era da Priscila, e Lola entendeu que ela tinha de deixá-la cometer os próprios erros, afinal ela própria fez o que bem quis da sua vida e provavelmente deveria ter feito diferente. A mãe só não aceitava que depois de tudo que a Priscila viu e viveu, depois de acompanhar as dificuldades da Lola e as suas próprias, ela não se prevenisse contra certos erros.

solidões

Lola se deu conta de que estava ganhando peso, sofrendo menos com os medicamentos e que, superada a fase mais difícil, começava a se recuperar. Talvez, recuperasse também o cabelão, pudesse pintá-lo de loiro e, quem sabe então, Anderson voltasse pra ela. Depois se deu conta que isso era uma ilusão. Ain-

da que o câncer pudesse ser curado, e não era o caso do seu, a doença mudou sua vida por inteiro. Quem a visse na rua, nem desconfiaria da gravidade do que a acometia por dentro - o cabelo estava castanho e curto, ainda que Lola não acreditasse no espelho, voltou, de um jeito diferente, a ostentar sua beleza. No entanto, o impacto ia além.

Não conseguia trabalhar, recebia pelo INSS e, a cada dia em que ficava sem ofício, sentia-se assim, sem serventia. Os amigos, muitos desapareceram por causa de Anderson, e outros simplesmente se afastaram porque era o bar, o sertanejo e as cervejas o que os uniam. Tudo isso ficou para trás, em uma outra vida que Lola vivera. Quando conversava com os amigos que ficaram, tinha a sensação de que logo eles se cansavam de ouvir sobre o que acontecia na sua vida, é que também não acontecia muita coisa. Sentia falta de ter Pri por perto, sua companheira para todas as horas.

O sentimento era recíproco. Priscila, na cidadezinha a quatro horas de São Paulo, até desfrutava de umas vantagens, mas vivia ilhada, só com Fábio e com as duas crianças que logo virariam três: é que Fábio resolveu trazer o filho do primeiro casamento para morar com eles. Priscila tinha pena, porque sabia que o menino tinha seus problemas, mas não conseguia lidar direito com ele. Todas as vezes em que deixava as meninas com a sogra para procurar emprego, tinha de ouvir que fazia mal em querer trabalhar. Também não conseguiu amamentar Bianca e, no quarto mês, seu leite secou de vez. Secou exatamente quando recebeu um telefonema comunicando a morte de seu melhor amigo, Gu.

Pneumonia mal curada, disseram. Ela sabia que não: havia alguns meses, ele tinha dito que precisa-

va contar um negócio, mas que havia de ser pessoalmente. Por essa época, ele também começou a emagrecer bruscamente e dizia que era uma dieta que o ajudaria a ter uma performance melhor nos shows de drag. No entanto, Priscila só conseguia pensar que fora aids e que ele já sabia. A família também deveria saber. Secou muito mais que o leite do peito: morreu toda uma parte da sua vida e ela nem chegou a vê-lo para se despedir.

mãe de meninas

Lola não conseguia visitar a filha, tanto pela distância quanto pela doença, e acreditava que o genro não a recebia de bom grado. Tinham suas diferenças. De repente, a maior amiga de Priscila era Letícia, que já é toda uma interlocutora habilidosa aos quatro anos. A pequena está sempre trazendo alegrias e fazendo perguntas. No banho, a mãe explica que não é para deixar ninguém pegar na periquita dela e que, para levar no banheiro, é só a mamãe e o papai. Priscila explicou a diferença de menino e menina, mas ainda estava buscando uma boa resposta para quando a filha começar a perguntar de onde vêm os bebês. Nas vezes em que flagra a filha com a mão dentro da calcinha, a mãe tenta ensinar que tem de fazer isso quando estiver sozinha e com a mão limpa. Por isso, depois do banho, deixa a filha sozinha por alguns minutos na banheirinha de plástico.

Lidar com Letícia é fácil - ou, pelo menos, mais fácil. Raramente sabia o que dizer a Gabriel, o filho de Fábio, que já andava usando palavronas por aí. Acontece que, se no papel da guarda constava o nome do

pai, no dia a dia os cuidados do menino eram encargo da Priscila. Fábio não era capaz nem de colocar a comida já pronta no próprio prato, sua função doméstica se resumia a preparar o suco de pózinho. Era as poucas aparições de Paul no cenário bucólico as que lhe proporcionavam tardes amenas, de sonho, mas todos os dias lhe fazia falta companhia e emprego.

Quando olha para as meninas, se preocupa. Não quer que elas sejam santas, tampouco que casem virgem aos 30. Também pouco importa se vão gostar de meninas ou meninos, só gostaria que elas não tivessem pressa. Que não fizessem como ela própria, que não corressem para perder a virgindade, nem que fizessem nada, assim, por impulso. Era só isso que queria.

- Pri, filha, você tem certeza?

-Tenho mãe, não dá mais. Vou voltar para São Paulo com as duas e vou começar de novo.

Lola também desejava que Pri não tivesse mais pressa, que não se juntasse com outra pessoa tão cedo. No dia seguinte, uma boa notícia: os marcadores tumorais de Lola haviam reduzido e muito. Mais alguns exames e ela poderia passar por uma cirurgia. Há chance de cura.

a g r a d e c i m e n t o s

A todas as famílias que cederam seus tempos e suas histórias, confiando a mim suas intimidades para que esse trabalho pudesse ser feito.

A Eun Yung Park, minha orientadora, por toda a paciência e ajuda

A Ruby Subramanian, por ser amiga, inspiradora, terapeuta e ainda me ceder uma de suas artes para esse trabalho.

As mulheres que trabalham comigo, me ajudando todos os dias, e permitindo que esse projeto pudesse ter saído do papel

